

ENSINO E EDUCAÇÃO

LÍNGUA PORTUGUESA

Coletânea de
Sequências Didáticas

Ensino Fundamental II

8º Ano



Prefeitura Municipal de Itatiba
Secretaria de Educação

Milena Moretto
Maria Soneide da Silva
(Orgs.)

SEQUÊNCIAS DIDÁTICAS
Língua Portuguesa
8º ano

2016
Itatiba, São Paulo.

Administração

João Gualberto Fattori
Ariovaldo Hauck da Silva

Secretária da Educação

Profª Drª Maria de Fatima Silveira Polesi Lukjanenko

Diretora de Programas e Eventos Educacionais

Responsável pelas formações de Professores de Ensino Fundamental II

Profª Luciana Bortoletto Rela

Formadoras Responsáveis pela disciplina de Língua Portuguesa

Profª Milena Moretto
Profa. Maria Soneide da Silva

Atividades elaboradas pelos professores que participaram dos encontros de formação da rede Municipal de Itatiba, nos anos de 2013 e 2014, sob a orientação das formadoras.

Adriana Leme de Souza
Alessandra Dalri P. Camargo Lopes
Alessandra Ramos Lacerda Pereira
Ana Maria Jericó Moraes
Angela Ferraz
Angela Maria de Jesus
Angelita de Cássia Angelon Rosseto
Arleti de Fátima Lourenço
Arnaldo Francisco da Rocha
Aurelita Silva Ribeiro
Celso Fernando Catalano
Cenira Ferreira Gomes
Claudete Tresoldi dos Santos
Clovis da Fonseca Vidal
Cynthia Kuhn Engelman
Dídima Aparecida Mazon
Elisângela Bolelli
Elisângela Gobbo
Erica Cristina Tediola de Almeida
Fernando Donizetti Alves
Geni de Cássia Furlan
Giovana Mayer Fumache
Gustavo Diniz de Faria
Isabel Cristina Ribeiro

Jaqueline Cristina de Moraes
Jaqueline Suzana Martin
Josie Anne Rezende
Juliana Gava Bissoto Silva
Karen Bulgareli
Karen Daiane Moretto
Katia Simone Benedetti
Keli Ramos Ferriani
Lindalva dos Anjos Leite
Luceni de Lima Almeida
Lucília Rodrigues Marins
Marcela Piovani Zanutto Rossi
Marcia Aparecida Louzado Mazzo
Márcia Cristina Benvinda
Maria da Graça Constante Ferreira
Maria das Graças N. Ormundo
Maria de Lourdes Vasconcelos
Maria José de Andrade Passos
Maria Olívia de Souza Monte
Maria Solange Bolsonaro Santos
Maria Soneide da Silva
Maria Tereza Naressi
Marialva Moreira S. B. S. de Camargo
Mariete Ap. Sanfins Colette

Marisa Armênio de Moraes
Marta Aparecida Bueno Antunes
Mércia de Carvalho Esplendor
Milena Moretto
Mônica de Oliveira Gonçalves Netto
Neuza Aparecida de Moura
Nilza Teixeira Monezzi
Núbia Carla da Silva Soares
Olga Souza Grillo R. Pires
Renata de Godoy Torso
Rita de Cássia Pereira Pancotto
Rosângela Barbosa da Costa
Sandra Munaretto
Sebastiana Carolina Braga Paschoal
Sílvia Cristina Del Fabbro Menegasso
Sonia Maria Correa Manjolin
Sueli Aparecida Martini
Tânia de Souza Avelino
Tania Rita Justimiano
Valdélia Barbosa Santos
Vanessa Pellizer
Vanessa Silva Stocco
Vera Lúcia Rampazzo

Prezado professor,

É com grande satisfação que apresentamos uma coleção de Cadernos de Atividades do Ensino Fundamental II da Rede Municipal de Itatiba. Os cadernos são coletâneas de atividades que foram desenvolvidas mediante: aos componentes curriculares e expectativas/objetivos de aprendizagem presentes no Currículo Municipal do Ensino Fundamental II de Itatiba e as experiências dos professores em elaborar atividades pedagógicas.

O propósito desse material é auxiliar, você professor, no planejamento e desenvolvimento do seu trabalho em sala de aula, a partir da sistematização dos componentes curriculares em bimestres, a fim de garantir aos estudantes a aprendizagem desses componentes previstos para seu ano de matrícula.

A elaboração desse material é a concretização de um ideal de educação democrática em que você é o protagonista de seu trabalho pedagógico e de sua própria formação em serviço, utilizando-se de sua experiência e conhecimento para refletir sobre sua prática. *“Não se trata de mobilizar a experiência apenas numa dimensão pedagógica, mas também num quadro conceptual de produção de saberes.”* (NÓVOA, 1992, p.14). Na medida em que as atividades são pensadas a partir de suas experiências e práticas cotidianas, é possível que você reflita sobre elas e, ao mesmo tempo, intervenha sobre sua própria atuação enquanto profissional e (re)construa seus saberes. Portanto, mais do que uma coletânea de atividades, esses Cadernos evidenciam o trabalho coletivo desenvolvido nas formações continuadas de professores da Rede Municipal e a valorização do conhecimento docente. O trabalho coletivo nas práticas de formação continuada *“contribuem para a emancipação profissional e para a consolidação de uma profissão que é autônoma na produção dos seus saberes e dos seus valores.”* (NÓVOA, 1992, p.15)

Assim sendo, a Secretaria da Educação espera que esse material cumpra seu objetivo principal e consolide uma educação pautada no diálogo e construção coletiva dos saberes, conforme acreditamos desde o início desses trabalhos.

Um forte abraço fraterno!

Profª Drª Maria de Fatima Silveira Polesi Lukjanenko
Secretária da Educação de Itatiba

Profª Luciana Bortoletto Rela
Diretora de Programas e Eventos Educacionais

APRESENTAÇÃO

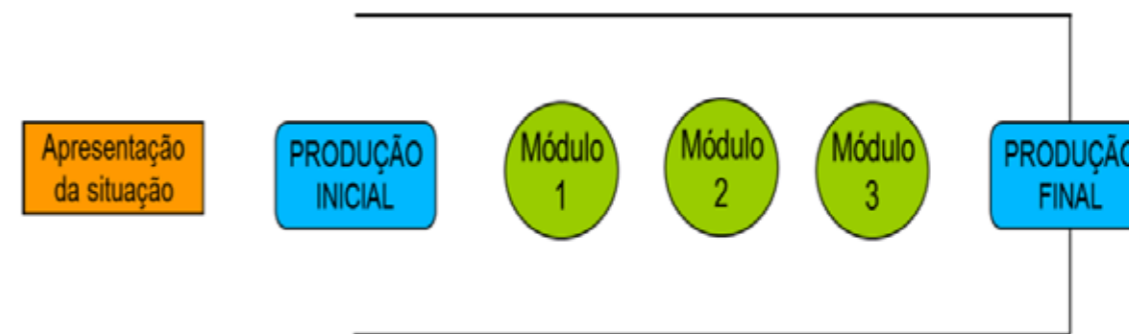
O presente trabalho é resultado de uma construção coletiva realizada com apoio da Secretaria Municipal de Educação e de professores da rede municipal, orientados pela professora Ma. Milena Moretto, nas Formações de Língua Portuguesa realizadas no ano de 2013 que tinha como objetivo maior ampliar as alternativas de trabalho do professor a fim de que todos os alunos se tornassem leitores e escritores competentes.

Para isso, considerando a implementação do currículo municipal, partiu-se dos conteúdos bimestrais ali descritos. Inicialmente, é preciso considerar que dentre as várias concepções de linguagem existentes, o currículo de Língua Portuguesa do Município de Itatiba leva em consideração a linguagem enquanto meio social, interativo e dialógico. E, ao assumirmos essa concepção, o texto se torna o objeto primordial de estudo das aulas de língua materna. Sabendo que é através do texto que a linguagem se materializa e que cada texto pertence a um determinado gênero textual, pensamos em propiciar aos professores um trabalho pautado no desenvolvimento de sequências didáticas, tendo como base as considerações de Schneuwly e Dolz, do grupo ALTER e de demais pesquisadores que trabalham nessa linha.

Essa opção foi pensada devido ao reconhecimento de que as sequências didáticas são alternativas interessantes no meio educacional à medida que possibilitam ao educando a apropriação das características e especificidades de um determinado gênero e, o mais importante, permitem ao aluno avançar em seu desenvolvimento por meio da linguagem.

No entanto, para que isso ocorra, há a necessidade da construção de materiais adequados e pertinentes que propiciem aos alunos a devida prática de **leitura**, de **produção de textos** e de **análise linguística**. Diante dessas considerações, o curso pretendeu desenvolver um trabalho reflexivo com os professores da rede e possibilitar o desenvolvimento de sequências didáticas, visto que elas são constituídas de atividades que permitem ao educando desenvolver as diferentes capacidades de linguagem e de ação. É na construção desses modelos didáticos que nos pautamos no ano de 2013 durante as formações e que esse trabalho foi construído.

Para esclarecer melhor tais questões é preciso considerar que, de acordo com Schneuwly, Dolz e Noverraz (2010), uma sequência didática é realizada da seguinte forma:



Conforme pode-se visualizar, uma sequência didática envolve quatro etapas importantes: a apresentação da situação, a produção inicial, os módulos e a produção final.

Em relação à apresentação da situação, Dolz, Schneuwly e Noverraz (2010) expõem a necessidade de apresentar aos alunos um problema bem definido e preparar os conteúdos que serão produzidos. Isso equivale dizer que, inicialmente, apresenta-se aos estudantes a tarefa que será desenvolvida por eles e a situação de produção em que essa tarefa circula. Dessa forma, é possível que eles compreendam de forma mais eficaz a situação de comunicação através da qual deverão agir. Trata-se, de certa forma, de discutir sobre a seguinte questão: “Qual o gênero que será trabalhado”?

Na segunda etapa, após a apresentação da situação, é solicitada uma primeira produção do respectivo gênero aos alunos. Esse texto é importante porque pode revelar para eles mesmos e para o professor as representações que esses sujeitos têm desse gênero e da atividade. Mesmo que os alunos não respeitem todas as características do gênero visado, o que o aluno conseguir realizar é, de acordo com Dolz, Schneuwly e Noverraz (2010), uma condição *sine qua non* para o ensino, isto é, permite circunscrever as capacidades que os estudantes já dominam, bem como suas potencialidades.

Nos módulos (quantos forem necessários), de acordo com Dolz, Schneuwly e Noverraz (2010), busca-se trabalhar os problemas ocorridos na primeira produção e oferecer aos alunos instrumentos necessários para superá-los. A sequência, nesse sentido, segue o movimento do mais complexo para o mais simples – da produção inicial aos módulos, e, posteriormente, do mais simples ao mais complexo – dos módulos à produção final.

Para isso, são trabalhados, primeiramente, segundo os autores, problemas relativos a vários níveis de funcionamento da produção realizada: **a representação da situação de comunicação** (que leva o aluno a reconhecer quem fala, para quem fala, com que intenção, em que momento etc.); **a elaboração dos conteúdos** (conhecer as técnicas para buscar e criar os conteúdos); **planejamento do texto** (saber estruturar seu texto de acordo com a finalidade que se

deseja atingir); **realização do texto** (o aluno deve escolher os meios de linguagem mais eficazes para produzir seu texto dentre eles: utilizar o vocabulário adequado, variar os tempos verbais, servir-se de organizadores textuais etc.).

A sequência didática proposta por Dolz, Schneuwly e Noverraz (2010) termina com uma produção final que dá ao aluno a oportunidade de pôr em prática o que aprendeu durante os módulos, após a análise da produção inicial. Além disso, durante a produção final o aluno reflete sobre o seu próprio processo de aprendizagem, isto é, sobre o que aprendeu, o que falta aprender etc. Essa atividade ainda auxilia os estudantes a regular e controlar o próprio comportamento, bem como avaliar os progressos realizados no domínio trabalhado.

Por essas razões, o presente trabalho, composto de diferentes sequências didáticas, está organizado da seguinte forma: a apresentação da situação a ser desenvolvida, uma proposta de produção inicial, os módulos (contexto de produção, aspectos discursivos e linguístico-discursivos) e uma proposta de avaliação final seguida de sua grade de correção.

Cabe ressaltar, que é na produção inicial que o professor identificará que atividades poderão ser utilizadas com seus alunos e poderão escolher a que melhor atende as necessidades de seu grupo.

Por ora, esperamos que o presente material possa contribuir com o trabalho em sala de aula e melhorar o desenvolvimento das capacidades de linguagem dos alunos.

Profa. Milena Moretto e Maria Soneide da Silva
(Formadoras de Língua Portuguesa – 2013-2016)

SUMÁRIO

1. Conto de Mistério	08
2. Conto de Terror	27
3. Biografia e Autobiografia	55
4. Memórias	91
5. Entrevista.....	114
6. Texto de Divulgação Científica.....	130
7. Debate regrado	153
8. Crônica.....	173

Sequências Complementares

1. Conto de amor.....	192
-----------------------	-----

SEQUÊNCIA DIDÁTICA

Gênero Textual: **CONTO DE MISTÉRIO**

FERRIANI, Keli Ramos

Tempo de duração: 16

Conteúdos: Conteúdos: características do gênero, estrutura composicional do conto, elementos da narrativa (tempo, espaço, personagens, enredo, conflito).

Materiais necessários: Cópias dos textos indicados, livro didático.

EXPECTATIVAS DE APRENDIZAGEM

- 1) Conhecer o gênero conto de mistério
- 2) Identificar os elementos narrativos : personagens, espaço, tempo, fatos ocorridos, clímax e desfecho.
- 3) Elucidar os acontecimentos com as perguntas “O quê?”, “Quem?”, “Como?”, “Onde?”, “Quando?”, “Por quê?”
- 4) Destacar as descrições utilizando adjetivos especiais que caracterizam as personagens e os objetos da cena.
- 5) Perceber a estória secundária que acontece em volta da trama do protagonista.
- 6) Empregar adequadamente as orações coordenadas e os verbos no pretérito perfeito, imperfeito e mais-que-perfeito
- 7) Observar e empregar recursos descritivos, textuais do gênero, identificando os efeitos de sentido por eles criado.
- 8) Reforçar as fases do processo de composição da escrita: planejamento (geração das ideias, organização e estrutura)
- 9) Determinar os objetivos da produção: situação inicial, situação problemática, clímax, resolução dos problemas, desfecho coerente, uso dos recursos linguísticos e a fase da revisão, a reescrita.
- 10) Dramatizar a narrativa, envolvendo o leitor à leitura.
- 11) Contextualizar o conto
- 12) Criar um suspenso para envolver o leitor na narrativa

1. APRESENTAÇÃO INICIAL

Prezado aluno,

Desde pequenos, ouvimos histórias contadas por alguém, seja por familiares, amigos, e uma grande parte dela pelos livros. E quando falamos sobre elas, lembramo-nos de alguns elementos que já são do nosso conhecimento, isto é, sabemos que são contadas por alguém, que acontecem em um determinado lugar e com algumas pessoas, entre outros aspectos.

Entre os tipos de textos que representam esta modalidade, está o conto que se caracteriza por ser uma narrativa curta, no qual o espaço e o tempo são reduzidos.

Agora é hora de entrarmos no mundo dos textos narrativos, envolvendo elementos de conflito, caracterização de personagens, clímax da história e principalmente desfechos coerentes.

O conto de mistério é um gênero narrativo que envolve suspense, não somente escrevendo, mas vivendo num clima de muito mistério e surpresas que provoque no leitor a vontade de querer saber o que vai acontecer depois. Dá margem a se pensar em vários suspeitos, com vários fatos combinados com ações que despistem o leitor, trabalhando com pistas, sendo algumas falsas e outras verdadeiras.

Nesse bimestre, convidamos você a experimentar trajetórias emocionantes, enfrentando problemas, soluções e desfechos variados em tempo e espaços distintos. Nessa nova etapa, você aprenderá a narrar e descrever um conto de mistério marcante e destemido, realizando ao final do projeto diversos painéis com os textos produzidos com muita ilustração na sua escola.



2. RECONHECIMENTO DO GÊNERO TEXTUAL

Professor (a),

Para iniciarmos o estudo do “Conto de Mistério”, selecione alguns textos narrativos que envolvam mistério, suspense e surpresas. Proponha que os alunos escolham e façam a leitura de diferentes textos. Em seguida, organize a sala em circule e levante as características observadas pelos alunos.

A seguir, leia o conto de mistério. Analise-o e responda às questões:

TEXTO: TESTEMUNHA TRANQUILA

O camarada chegou com ar suspeito, olhou pros lados e – como não parecia ter ninguém por perto – forçou a porta do apartamento e entrou. Eu estava parado olhando, para ver no que ia dar aquilo. Na verdade eu estava vendo nitidamente toda a cena e senti que o camarada era um mau caráter.

E foi batata. Entrou no apartamento e olhou em volta. Penumbra total. Caminhou até o telefone e desligou com cuidado, na certa para que o aparelho não tocasse enquanto ele estivesse ali. Isto – pensei – é porque ele não quer que ninguém note a sua presença: logo, só pode ser um ladrão, ou coisa assim.

Mas não era. Se fosse ladrão estaria revistando as gavetas, mexendo em tudo, procurando coisas para levar. O cara – ao contrário – parecia morar perfeitamente no ambiente, pois mesmo na penumbra se orientou muito bem e andou desembaraçado até uma poltrona, onde sentou e ficou quieto:

- Pior que ladrão. Esse cara deve ser um assassino e está esperando alguém chegar para matar – eu tornei a pensar e me lembro (inclusive) que cheguei a suspirar aliviado por não conhecer o homem e – portanto – ser difícil que ele estivesse esperando por mim. Pensamento bobo, de rosto, pois eu não tinha nada a ver com aquilo.

De repente, ele se retesou na cadeira. Passos no corredor. Os passos, ou melhor, a pessoa que dava os passos, parou em frente à porta do apartamento. O detalhe era visível pela réstia de luz, que vinha por baixo da porta.

Som de chave na fechadura e a porta se abriu lentamente e logo a silhueta de uma mulher se desenhava contra a luz. Bonita ou feia? – pensei eu. Pois era uma graça, meus caros. Quando ela

acendeu a luz da sala é que eu pude ver. (...) Quando viu o cara na poltrona ainda tentou recuar, mas ele avançou e fechou a porta com um pontapé... e eu ali olhando. Fechou a porta, caminhou em direção à bonitinha e pataco... tacou-lhe a primeira bolacha. Ela estremeceu nos alicerces e pimpa... tacou outra.

Stanislaw Ponte Preta. **Garoto linha dura**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975.

- 1) O texto envolve o leitor numa atmosfera de ansiedade, expectativa e tensão?
- 2) O texto foi produzido em 1ª ou 3ª pessoa?
- 3) A linguagem utilizada é formal ou informal?
- 4) Para qual público se destina o conto narrado?
- 5) Quais os fatos que determinam a história?
- 6) Quais são as personagens do texto?
- 7) O autor narrou o fato, quando aconteceu, com quem aconteceu e como aconteceu?
- 8) No texto, houve o uso de adjetivos nas descrições, verbos e advérbios adequados? Retire do texto alguns exemplos.
- 9) Houve uma situação inicial, complicação, clímax e desfecho da narrativa? Comprove sua resposta com trechos do texto.
- 10) Aponte as principais características de um conto de mistério observado no texto.

3. PROPOSTA DE PRODUÇÃO INICIAL

Agora que você já observou as principais características de um conto de mistério, leia o trecho de um texto abaixo.

Com a gola do paletó levantada e a aba do chapéu abaixada, caminhando pelos cantos escuros, era quase impossível a qualquer pessoa que cruzasse com ele ver seu rosto. No local combinado, parou e fez o sinal que tinham já estipulado à guisa de senha. Parou debaixo do poste, acendeu um cigarro e soltou a fumaça em três baforadas compassadas. Imediatamente um sujeito mal-encarado, que se encontrava no café em frente, ajeitou a gravata e cuspiu de banda.

Era aquele. Atravessou cautelosamente a rua, entrou no café e pediu um guaraná. O outro sorriu e se aproximou:

Siga-me! - foi a ordem dada com voz cava. Deu apenas um gole no guaraná e saiu. O outro entrou num beco úmido e mal-iluminado e ele - a uma distância de uns dez a doze passos - entrou também.

Ali parecia não haver ninguém. O silêncio era sepulcral. Mas o homem que ia na frente olhou em volta, certificou-se de que não havia ninguém de tocaia e bateu numa janela. Logo uma dobradiça gemeu e a porta abriu-se discretamente.

Entraram os dois e deram numa sala pequena e enfumaçada onde, no centro, via-se uma mesa cheia de pequenos pacotes. Por trás dela um sujeito de barba crescida, roupas humildes e ar de agricultor parecia ter medo do que ia fazer. Não hesitou - porém - quando o homem que entrara na frente apontou para o que entrara em seguida e disse: "É este".

O que estava por trás da mesa pegou um dos pacotes e entregou ao que falara. Este passou o pacote para o outro e perguntou se trouxera o dinheiro. Um aceno de cabeça foi a resposta. Enfiou a mão no bolso, tirou um bolo de notas e entregou ao parceiro. Depois virou-se para sair. O que entrara com ele disse que ficaria ali. Saiu então sozinho, caminhando rente às paredes do beco. Quando alcançou uma rua mais clara, assoviou para um táxi que passava e mandou tocar a toda pressa para determinado endereço. O motorista obedeceu e, meia hora depois, entrava em casa a berrar para a mulher:

- Julieta! Ó Julieta... consegui.

A mulher veio lá de dentro enxugando as mãos em um avental, a sorrir de felicidade. O marido colocou o pacote sobre a mesa, num ar triunfal. Ela abriu o pacote e verificou que o marido conseguira mesmo. Ali estava: um quilo de feijão.

Sérgio Porto - Stanislaw Ponte Preta

Responda oralmente às questões:

- 1) O que chama mais a sua atenção no conto?
- 2) Quais são as personagens que aparecem na história?
- 3) Cite as descrições que foram usadas para caracterizar as personagens e os objetos em cena.
- 4) O texto foi produzido em 1ª ou 3ª pessoa? Comprove com trechos do texto.
- 5) Descreva as ações que são narradas nos períodos curtos.
- 6) Quais os tempos verbais que predominam no conto?
- 7) Descreva a situação inicial da história, a complicação, o clímax e o desfecho da narrativa.
- 8) O desfecho do conto nos leva a refletir sobre a reação das personagens. Levante hipóteses sobre a atitude delas.
- 9) A seguir, produza um conto de mistério, dando continuidade ao trecho abaixo. Não esqueça de criar um título ao seu texto.

O telefonema pegou-a de surpresa. Atendeu com impaciência, os olhos presos a um livro que tinha nas mãos, uma história policial que não conseguia parar de ler. Era bom estar sozinha, lendo um livro de suspense numa noite e ventania. O sábado já estava quase no fim e ela ali, presa àquelas páginas. O som do telefone era uma intromissão, um estorvo. Atendeu a contragosto.

4. O CONTEXTO DE PRODUÇÃO DO GÊNERO CONTO DE MISTÉRIO

O conto de mistério é um gênero textual que tem por objetivo envolver num texto narrativo uma situação inicial, complicações, clímax e desfecho da história, causando suspense e surpresas que provoque no leitor a vontade de querer saber o que vai acontecer depois.

Leia o texto o trecho do texto de Stanislaw Ponte Preta (Sérgio Porto):

Com a gola do paletó levantada e a aba do chapéu abaixada, caminhando pelos cantos escuros, era quase impossível a qualquer pessoa que cruzasse com ele ver seu rosto. No local combinado, parou e fez o sinal que tinham já estipulado à guisa de senha. Parou debaixo do poste, acendeu um cigarro e soltou a fumaça em três baforadas compassadas. Imediatamente um sujeito mal-encarado, que se encontrava no café em frente, ajustou a gravata e cuspiu de banda.

Era aquele. Atravessou cautelosamente a rua, entrou no café e pediu um guaraná. O outro sorriu e se aproximou:

Siga-me! - foi a ordem dada com voz cava. Deu apenas um gole no guaraná e saiu. O outro entrou num beco úmido e mal-iluminado e ele - a uma distância de uns dez a doze passos - entrou também.

Ali parecia não haver ninguém. O silêncio era sepulcral. Mas o homem que ia na frente olhou em volta, certificou-se de que não havia ninguém de tocaia e bateu numa janela. Logo uma dobradiça gemeu e a porta abriu-se discretamente.

Entraram os dois e deram numa sala pequena e enfumaçada onde, no centro, via-se uma mesa cheia de pequenos pacotes. Por trás dela um sujeito de barba crescida, roupas humildes e ar de agricultor parecia ter medo do que ia fazer. Não hesitou - porém - quando o homem que entrara na frente apontou para o que entrara em seguida e disse: "É este".

O que estava por trás da mesa pegou um dos pacotes e entregou ao que falara. Este passou o pacote para o outro e perguntou se trouxera o dinheiro. Um aceno de cabeça foi a resposta. Enfiou a mão no bolso, tirou um bolo de notas e entregou ao parceiro. Depois virou-se para sair. O que entrara com ele disse que ficaria ali. Saiu então sozinho, caminhando rente às paredes do beco. Quando alcançou uma rua mais clara, assoviou para um táxi que passava e mandou tocar a toda pressa para determinado endereço. O motorista obedeceu e, meia hora depois, entrava em casa a berrar para a mulher:

- Julieta! Ó Julieta... consegui.

A mulher veio lá de dentro enxugando as mãos em um avental, a sorrir de felicidade. O marido colocou o pacote sobre a mesa, num ar triunfal. Ela abriu o pacote e verificou que o marido conseguira mesmo. Ali estava: um quilo de feijão.

A partir da leitura do trecho do texto, responda as seguintes questões:

1) Elucide os acontecimentos do conto, respondendo às seguintes perguntas essenciais dessa narrativa:

a) O QUÊ? - o(s) fato(s) que determina(m) a história

b) QUEM? - a personagem ou personagens.

c) COMO? - o enredo, o modo como se tecem os fatos.

d) ONDE? - o lugar ou lugares da ocorrência.

e) QUANDO? - o momento ou momentos em que se passam os fatos.

f) POR QUÊ? - a causa do acontecimento

2) Durante a leitura do texto de Stanislaw Ponte Preta, provavelmente os leitores levantaram possíveis hipóteses do que a personagem poderia ter buscado naquele lugar. Quais são essas hipóteses?

3) Durante a leitura do texto de Stanislaw Ponte Preta, levante as hipóteses do que você imaginava que a personagem poderia ter buscado naquele lugar.

4) Por que a personagem passou por tanto suspense para obter aquele simples quilo de feijão?

Professor (a),

Você pode auxiliar os alunos a compreender o contexto de produção dos gêneros produzidos a partir de diferentes materiais: revistas infantis, revistas de língua portuguesa, antologias, etc.

5. ASPECTOS DISCURSIVOS

Leia o texto “A casa misteriosa”

Num dia chuvoso e escuro decidi viajar. Estava no meio do nada quando meu carro parou de repente. Fiquei com medo do que podia me acontecer. Avistei uma casa um pouco longe do local onde eu estava, e empurrei meu carro até aquela casa grande, velha e toda cercada de mato. Bati na porta e uma velha senhora de olhar simpático me atendeu, contei a ela o que havia acontecido, e não tinha onde dormir, então ela me ofereceu um quarto e um prato de comida.

Fui para o quarto dormir, estava tudo muito quieto. De repente, uma porta bateu com muita força, eu me levantei para ver o que tinha acontecido. Andei pela casa toda e não vi ninguém. Quando voltei para o meu quarto, vi que minha janela estava aberta, fiquei com tanto medo que logo fui dormir. Pela manhã, acordei e a velhinha estava sentada me olhando dormir. Fiquei assustado com o jeito que ela me olhava. Não consegui entender o que ela queria comigo, então ela me chamou, e falou que já haviam arrumado o meu carro e que eu podia ir embora, mas fiquei pensando. Por que ela queria que eu fosse embora com tanta pressa? Imaginei que havia algo que ela não queria que eu visse. Ela me deixou tomando café sozinho e foi para o celeiro. Eu a segui, sem deixa-la me ver e entrei. No celeiro, a senhora me pegou de surpresa. Eu vi muitas pessoas mortas naquele lugar. Ela, provavelmente, achou que eu quisesse me meter e por isso havia me mandado embora. Ela falou com uma voz muito triste e vingativa que eu tinha que morrer, então comecei a correr, mas não deu tempo, haviam três homens ajudando-a. Eles me pegaram e foi o meu fim.

Jennifer Luana

1) O enredo do conto de mistério estrutura-se com base nas seguintes partes: introdução, complicação, clímax e desfecho. Identifique nesse conto, o clímax, isto é, o momento de maior tensão.

2) O conto “A casa misteriosa” apresenta uma série de ações para mostrar o desenrolar dos fatos. Transcreva três dessas ações.

3) No desfecho do conto, ocorre a revelação da personagem ou a solução de um conflito. No conto lido, ocorre qual das duas situações. Comprove com um trecho do conto.

4) O título do conto é “A casa misteriosa”. Depois de conhecer a história, você daria outro título a ela. Por quê?

5) O texto predomina o narrador-observador, narrador-personagem ou narrador intruso? Justifique com um trecho do conto.

6) Na sua opinião, por que a velhinha tinha deixado a narrador ir embora?

7) Releia o conto e escreva qual o ensinamento que tiramos dessa história.

6. ASPECTOS LINGÜÍSTICO-DISCURSIVOS

CONTO DE MISTÉRIO

Com a gola do paletó levantada e a aba do chapéu abaixada, caminhando pelos cantos escuros, era quase impossível a qualquer pessoa que cruzasse com ele ver seu rosto. No local combinado, parou e fez o sinal que tinham já estipulado à guisa de senha. Parou debaixo do poste, acendeu um cigarro e soltou a fumaça em três baforadas compassadas. Imediatamente um sujeito mal-encarado, que se encontrava no café em frente, ajeitou a gravata e cuspiu de banda.

Era aquele. Atravessou cautelosamente a rua, entrou no café e pediu um guaraná. O outro sorriu e se aproximou:

Siga-me! - foi a ordem dada com voz cava. Deu apenas um gole no guaraná e saiu. O outro entrou num beco úmido e mal-iluminado e ele - a uma distância de uns dez a doze passos - entrou também.

Ali parecia não haver ninguém. O silêncio era sepulcral. Mas o homem que ia na frente olhou em volta, certificou-se de que não havia ninguém de tocaia e bateu numa janela. Logo uma dobradiça gemeu e a porta abriu-se discretamente.

Entraram os dois e deram numa sala pequena e enfumaçada onde, no centro, via-se uma mesa cheia de pequenos pacotes. Por trás dela um sujeito de barba crescida, roupas humildes e ar de agricultor parecia ter medo do que ia fazer. Não hesitou - porém - quando o homem que entrara na frente apontou para o que entrara em seguida e disse: "É este".

O que estava por trás da mesa pegou um dos pacotes e entregou ao que falara. Este passou o pacote para o outro e perguntou se trouxera o dinheiro. Um aceno de cabeça foi a resposta. Enfiou a mão no bolso, tirou um bolo de notas e entregou ao parceiro. Depois virou-se para sair. O que entrara com ele disse que ficaria ali. Saiu então sozinho, caminhando rente às paredes do beco. Quando alcançou uma rua mais clara, assoviou para um táxi que passava e mandou tocar a toda pressa para determinado endereço. O motorista obedeceu e, meia hora depois, entrava em casa a berrar para a mulher:

- Julieta! Ó Julieta... consegui.

A mulher veio lá de dentro enxugando as mãos em um avental, a sorrir de felicidade. O marido colocou o pacote sobre a mesa, num ar triunfal. Ela abriu o pacote e verificou que o marido conseguira mesmo. Ali estava: um quilo de feijão.

Sérgio Marcus Rangel Porto (1923-1968).

Foi um cronista, escritor, radialista e compositor brasileiro. Era mais conhecido por seu pseudônimo Stanislaw Ponte Preta.

1) No trecho do conto de mistério de Sergio Porto "*certificou-se de que não havia ninguém de tocaia*" é uma oração subordinada substantiva objetiva direta ou objetiva indireta?

2) Observe a oração abaixo e substitua as palavras grifadas por termos equivalentes;

"Por trás dela um sujeito de barba crescida, roupas humildes e ar de agricultor parecia ter medo do que ia fazer"

3) Na frase abaixo, o verbo em destaque está em que tempo e modo verbal.

"Imediatamente um sujeito mal-encarado, que se encontrava no café em frente, ajeitou a gravata e cuspiu de banda."

4) Dê o conceito de:

a) oração subordinada substantiva

b) oração subordinada adjetiva

5) Retire do 6º parágrafo do conto de mistério uma oração subordinada adverbial temporal.

6) No 3º parágrafo, a frase “ - Siga-me! - foi a ordem dada com voz cava.”, possui um pronome oblíquo. Qual é esse pronome e qual a sua função sintática.

7) O que o autor quis dizer no trecho destacado “O marido colocou o pacote sobre a mesa, **num ar triunfal.**”.

Reescreva o texto

Complete as lacunas com as palavras ou expressões do quadro, acrescentando emoções e sentimentos a ele.

Foi uma cena Entramos no quintal vagarosamente e para não espantar nem uma nem outra, mas ficamos Desmentindo o dito popular 'vivem como cão e gato', a visão era Dentro da casinha, deitadas estavam a dobermann preta, de dentes afiados, espalhada no chão e a gatinha vira-lata toda branquinha com sua orelha cinza, mamando em uma das tetas da outra, como filhote. Não se mexiam, como em um espetáculo a não ser modificado. Restou-nos ficar ali, contemplando

aquele momento de satisfação. Raro- de muita delicadeza- extasiados- inesquecível- temida- maravilhados- inconfundível- magnífico.

Reescreva o texto

Substitua os espaços pelos advérbios ou locuções abaixo para expressar um clima de suspense.

Era, vinha caminhando para casa,, chovia uma garoa fina e gelada., olhei para o lado esquerdo e vi, algo me pareceu uma trouxa de roupa, um saco de lixo.,, fui me aproximando, para não ser surpreendido. E se fosse um bicho estranho que avançasse sobre mim? perto da praça vazia- repentinamente - lentamente - sem fazer barulho - sorrateiramente- junto a um orelhão- rente às paredes dos prédios- muito tarde- sem pressa

7. PRODUÇÃO FINAL

Leia a história em quadrinhos:



Sherlock Holmes é um personagem de ficção da literatura britânica criado pelo médico e escritor *Sir Arthur Conan Doyle*. Holmes é um investigador do final do século XIX e início do século XX que aparece pela primeira vez no romance *Um estudo em Vermelho* editado e publicado originalmente pela revista *Beeton's Christmas Annual*, em Novembro de 1887. Sherlock Holmes ficou famoso por utilizar, na resolução dos seus mistérios, o método científico e a lógica dedutiva.

Sherlock Holmes ainda hoje é um dos mais atraentes personagens dos romances policiais. Carismático e astuto, fez do método científico e da lógica dedutiva suas melhores armas, porém utilizava drogas para ajudar em suas alucinações. Sua habilidade para desvendar crimes aparentemente insolúveis, até mesmo para Scotland Yard, transformou seu nome em sinônimo de detetive.

AGORA É A SUA VEZ!

Agora você será um detetive que desvendará um mistério. Escreva um conto de mistério para publicar no painel da escola. Não esqueça que o seu texto será lido por público jovem. Aplique todas as características que você aprendeu sobre esse gênero textual.

AVALIAÇÃO DE PRODUÇÃO DO GÊNERO CONTO DE MISTÉRIO

CRITÉRIOS	ESTÁ OK	DEVE MUDAR
1. Escreveu um título		
2. As ideias estavam organizadas?		
3. O conto possui uma situação inicial?		
4. O texto possui uma complicação ou problema?		
5. Conseguiu criar emoção, suspense?		
6. Possui clímax?		
7. O final foi inusitado? Houve um desfecho?		
8. O texto apresentou estrutura de conto?		
9. Narrou o fato, quando aconteceu, com quem aconteceu e como aconteceu?		
10. Usou para isso os adjetivos nas descrições, verbos e advérbios adequados?		
11. Adequação às normas gramaticais		
12. Legibilidade (aspectos da grafia, ausência de rasuras, formatação adequada do texto)		

SEQUÊNCIA DIDÁTICA

Gênero Textual: **CONTO DE TERROR**

ENGELMANN, Cyntia Kuhn

RIBEIRO, Isabel Cristina

MARTIN, Jaqueline Suzana

Tempo de duração: 1 bimestre

Conteúdos: Descrição, verbos, sujeito e predicado e substantivo

Materiais necessários: Textos e atividades (cópias)

EXPECTATIVAS DE APRENDIZAGEM

- 1) Identificar os possíveis elementos constitutivos da organização interna do gênero;
- 2) Fazer uso da língua e de seus recursos em diferentes situações de comunicação;
- 3) Apropriar-se dos aspectos que compõem o gênero conto de terror;
- 4) Observar e identificar na construção do texto suas unidades menores: parágrafos e frases;
- 5) Apropriar-se da pontuação empregada na produção do gênero.
- 6) Apropriar-se da ortografia correta de algumas palavras;
- 7) Ler com proficiência;
- 8) Conhecer e analisar as partes que compõem a construção do conto;
- 9) Conhecer e analisar os elementos da narrativa dentro do conto de terror
- 10) Conhecer e reconhecer o sujeito e o predicado das orações;
- 11) Conhecer e reconhecer elementos morfológicos (verbos e substantivos);
- 12) Ler e redigir descrições de personagens e do espaço;

1. APRESENTAÇÃO INICIAL

Caro aluno,

Você, certamente, já assistiu a muitos filmes de terror ou leu algum texto desse gênero. Alguns o levaram a ficar temeroso, assustado, apreensivo, ansioso. Outros mexeram com o seu psicológico, fazendo-o anteciper os fatos, sofrer com as personagens, vivenciar suas experiências, gerando expectativas terríveis.

Por quantas vezes você contou aos seus colegas o enredo do filme ao qual assistiu ou do livro que leu, compartilhando com os demais os sentimentos e emoções experimentados durante o filme ou a sua leitura?

Por meio do contato com esse gênero, você já conhece um pouco dos elementos que o constituem, mesmo que não tenha parado para fazer essa reflexão: o que provoca o medo, as características do espaço e do tempo, as marcas da personalidade das personagens.

Pensando em tudo isso, queremos convidá-lo a se aterrorizar com a leitura de apavorantes histórias, passando a compreender melhor e de forma consciente a sua estruturação.

Após esse trabalho, você perceberá que pode escrever textos do gênero conto de terror com tanto êxito quanto os grandes autores.

Queremos, também, lançar um grande desafio: produzir um livro de contos de terror dos 8º anos de nossa escola.

Vamos, juntos, embarcar nessa arrepiante aventura!



BOM TRABALHO!

2. RECONHECIMENTO DO GÊNERO TEXTUAL

Professor (a),

Para dar início ao estudo do gênero “Conto de Terror” questione os alunos a respeito das características desse gênero textual.

- A quais filmes de terror vocês assistiram? Quais são os estilos?
- O que já leram a respeito?
- Conhecem alguma história de terror real?
- Se uma pessoa fosse contar uma história de terror, como teria que fazer para prender a atenção do ouvinte?
- Por que as pessoas ficam com medo ao assistir a um filme de terror?
- Como o autor deve fazer para levar o leitor a ter medo?
- Como se começa a contar uma história de terror? (local, personagens, etc.).
- Que tipos de finalizações você conhece para esse tipo de história?
- Por que é importante descrever as personagens e o espaço?
- Faça uma relação de palavras que sejam próprias do gênero.
- Imagine e descreva sucintamente um espaço e uma personagem característicos das histórias de terror.

3. PROPOSTA DE PRODUÇÃO INICIAL

Redija um conto de terror a partir da imagem e do início ora apresentados:



Obra “O Grito” de Evard Munch, de 1893.
Técnica: Obra sobre tela, Têmpera e Pastel sobre o cartão. Galeria Nacional de Oslo.

Nada em torno. O caminho tinha sido longo e intenso. O suor escorria-lhe pela testa. Precisava chegar do outro lado da estrada antes do anoitecer. As histórias que se contavam sobre as noites de lua cheia naquele lugar arrepavam. Agora, naquela meia luz do entardecer, via que o crepúsculo se impunha.

Mesmo fatigado, continuava andando. Não sabia quanto ainda teria que caminhar. As árvores ao lado tornavam a estradinha de terra escura e sombria. Os últimos raios do sol se foram e a noite se instalou. Precisava sair dali. Começou a correr com as forças que ainda lhe restavam.

4- O CONTEXTO DE PRODUÇÃO

Vamos conhecer a história de um dos maiores escritores de conto de terror: Edgar Allan Poe

Biografia

Edgar Allan Poe (1809-1849) foi um poeta norte-americano, autor do poema “O Corvo”. Escreveu contos sobre mistério, inaugurando um novo gênero e estilo na literatura.

Filho de atores, foi órfão muito cedo, sendo adotado por uma família de Virgínia. Poe teve uma boa educação e entrou para a Universidade de Charlottesville na Academia de West Point. Embora fosse bom aluno, era indisciplinado.

Poe enfrentou problemas de ordem familiar depois da morte de sua mãe adotiva e do casamento de seu pai com uma jovem, o que fez com que não tivesse direito aos bens .

Os poemas e contos de Poe eram destaque nos EUA. Chegou a ganhar concursos literários, como o da revista "Southern Literary Messenger", cujo dono, Thomas White, o convidou para dirigir a publicação. Porém, por conta de seus problemas com o alcoolismo, Poe corta os laços profissionais com White.



Casou-se com Virginia Clemm, mas com a sua morte, leva às últimas consequências o seu já existente problema de alcoolismo.

Suas obras foram um marco para a literatura norte-americana contemporânea, com destaque para o seu mais famoso poema, “O Corvo” (1845), “Annabel Lee” (1849) e o “Histórias Extraordinárias” (1837), uma coleção de contos que influenciaram várias gerações de escritores de livros de suspense e terror.

Poe morreu em decorrência do álcool, com apenas 40 anos de idade.

Entrevista com Tim Burton, escritor e diretor de filmes de terror

Tim Burton é um escritor e diretor de filmes de terror que desde criança aprecia esse estilo. Dentre suas inúmeras obras estão: “A Noiva Cadáver”, “O Estranho Mundo de Jack”, “Alice no País das Maravilhas”, Edward Mãos de Tesoura”, “ Frankenweenie”.

Nesta entrevista Tim Burton nos revelou alguns de seus "segredos" de família e profissional:

Qual é a ideia errada que as pessoas têm de você?

Que sou muito estranho e escuro.

O que não é?

Não, eu sou um cavalheiro normal. Todo mundo é diferente em muitos aspectos.

Quais foram os seus filmes favoritos quando ainda não havia sequer entrado no mundo de Hollywood?

Eu gostei de filmes de terror. *Frankenstein*, *Drácula*, *O Lobisomem*, *O Monstro da Lagoa Negra*, *Godzilla* . Em suma, muitos.



Como se atreveu a filmar o filme *Frankenweenie* sem Johnny Depp?

(Risos). Bem, nós temos que continuar com nossas vidas. Johnny e eu trabalhamos juntos apenas por uma questão de trabalhar juntos. Não tente encontrar nenhum registro para o Guinness Book.

Ainda não ter quebrado o recorde de maior número de filmes feitos a partir do mesmo diretor e o mesmo personagem?

Eu não sei. Eu tenho que saber quanto é que *os Três Patetastes* com o mesmo diretor.

E os seus filhos? Também são fãs de filmes de terror?

Eu tento gostar, mas não forçar muito. Um dos momentos em que me senti mais orgulho foi quando minha filha me disse que *A Guerra dos Gargantuas* era seu filme favorito. Algumas gotas correram meus olhos.

1- Você pode encontrar um conto de terror em quais dos suportes apresentados abaixo:

- a) Revista para adolescentes Sim () Não ()
- b) Livro de contos de terror Sim () Não ()
- c) Filmes de terror Sim () Não ()
- d) Texto teatral de terror Sim () Não ()

- e) Comédia “ de terror”, como “ A Família Adams”. Sim () Não ()
- f) Dicionário Sim () Não ()
- g) Jornais Sim () Não ()
- h) Outros Sim () Não ()

2- Quem pode escrever um conto de terror ?

3- A quem se destina o conto de terror?

TEXTO 1

O GATO PRETO

Edgar Allan Poe

Não espero nem peço que se dê crédito à história sumamente extraordinária e, no entanto, bastante doméstica que vou narrar. Louco seria eu se esperasse tal coisa, tratando-se de um caso que os meus próprios sentidos se negam a aceitar. Não obstante, não estou louco e, com toda a certeza, não sonho. Mas amanhã posso morrer e, por isso, gostaria, hoje, de aliviar o meu espírito. Meu propósito imediato é apresentar ao mundo, clara e sucintamente, mas sem comentários, uma série de simples acontecimentos domésticos. Devido às suas consequências, tais acontecimentos me aterrorizaram, torturaram e instruíram.

No entanto, não tentarei esclarecê-los. Em mim, quase não produziram outra coisa senão horror - mas, em muitas pessoas, talvez lhes pareçam menos terríveis que grotescos. Talvez, mais tarde, haja alguma inteligência que reduza o meu fantasma a algo comum – uma inteligência mais serena, mais lógica e muito menos excitável do que a minha, que perceba, nas circunstâncias a que me refiro com terror, nada mais do que uma sucessão comum de causas e efeitos muito naturais.

Desde a infância, tomaram-se patentes a docilidade e o sentido humano de meu caráter. A ternura de meu coração era tão evidente, que me tomava alvo dos gracejos de meus companheiros.

Gostava, especialmente, de animais, e meus pais me permitiam possuir grande variedade deles. Passava com eles quase todo o meu tempo, e jamais me sentia tão feliz como quando lhes dava de comer ou os acariciava. Com os anos, aumentou esta peculiaridade de meu caráter e, quando me tomei adulto, fiz dela uma das minhas principais fontes de prazer. Aos que já sentiram afeto por um cão fiel e sagaz, não preciso dar-me ao trabalho de explicar a natureza ou a intensidade da satisfação que se pode ter com isso. Há algo, no amor desinteressado, e capaz de sacrifícios, de um animal, que toca diretamente o coração daqueles que tiveram ocasiões frequentes de comprovar a amizade mesquinha e a frágil fidelidade de um simples homem.

Casei cedo, e tive a sorte de encontrar em minha mulher disposição semelhante à minha. Notando o meu amor pelos animais domésticos, não perdia a oportunidade de arranjar as espécies mais agradáveis de bichos. Tínhamos pássaros, peixes dourados, um cão, coelhos, um macaquinho e um gato.

Este último era um animal extraordinariamente grande e belo, todo negro e de espantosa sagacidade. Ao referir-se à sua inteligência, minha mulher, que, no íntimo de seu coração, era um tanto supersticiosa, fazia frequentes alusões à antiga crença popular de que todos os gatos pretos são feiticeiras disfarçadas. Não que ela se referisse seriamente a isso: menciono o fato apenas porque aconteceu lembrar-me disso neste momento.

Pluto – assim se chamava o gato – era o meu preferido, com o qual eu mais me distraía. Só eu o alimentava, e ele me seguia sempre pela casa. Tinha dificuldade, mesmo, em impedir que me acompanhasse pela rua.

Nossa amizade durou, desse modo, vários anos, durante os quais não só o meu caráter como o meu temperamento – enrubesço ao confessá-lo – sofreram, devido ao demônio da intemperança, uma modificação radical para pior. Tornava-me, dia a dia, mais taciturno, mais irritadiço, mais indiferente aos sentimentos dos outros. Sofria ao empregar linguagem desabrida ao dirigir-me à minha mulher. No fim, cheguei mesmo a tratá-la com violência. Meus animais, certamente, sentiam a mudança operada em meu caráter. Não apenas não lhes dava atenção alguma, como, ainda, os maltratava. Quanto a Pluto, porém, ainda despertava em mim consideração suficiente que me impedia de maltratá-lo, ao passo que não sentia escrúpulo algum em maltratar os coelhos, o macaco e mesmo o cão, quando, por acaso ou afeto, cruzavam em meu caminho. Meu mal, porém, ia tomando conta de mim – que outro mal pode se comparar ao álcool? – e, no fim, até Pluto, que começava agora a envelhecer e, por conseguinte, se tomara um tanto rabugento, até mesmo Pluto começou a sentir os efeitos de meu mau humor.

Certa noite, ao voltar a casa, muito embriagado, de uma de minhas andanças pela cidade, tive a impressão de que o gato evitava a minha presença. Apanhei-o, e ele, assustado ante a minha violência, me feriu a mão, levemente, com os dentes. Uma fúria demoníaca apoderou-se,

instantaneamente, de mim. Já não sabia mais o que estava fazendo. Dir-se-ia que, súbito, minha alma abandonara o corpo, e uma perversidade mais do que diabólica, causada pela genebra, fez vibrar todas as fibras de meu ser. Tirei do bolso um canivete, abri-o, agarrei o pobre animal pela garganta e, friamente, arranquei de sua órbita um dos olhos! Enrubesco, estremeço, abraso-me de vergonha, ao referir-me, aqui, a essa abominável atrocidade.

Quando, com a chegada da manhã, voltei à razão – dissipados já os vapores de minha orgia noturna, experimentei, pelo crime que praticara, um sentimento que era um misto de horror e remorso; mas não passou de um sentimento superficial e equívoco, pois minha alma permaneceu impassível. Mergulhei novamente em excessos, afogando logo no vinho a lembrança do que acontecera.

Entrementes, o gato se restabeleceu, lentamente. A órbita do olho perdido apresentava, é certo, um aspecto horrendo, mas não parecia mais sofrer qualquer dor. Passeava pela casa como de costume, mas, como bem se poderia esperar, fugia, tomado de extremo terror, à minha aproximação. Restava-me ainda o bastante de meu antigo coração para que, a princípio, sofresse com aquela evidente aversão por parte de um animal que, antes, me amara tanto. Mas esse sentimento logo se transformou em irritação. E, então, como para perder-me final e irremissivelmente, surgiu o espírito da perversidade. Desse espírito, a filosofia não toma conhecimento. Não obstante, tão certo como existe minha alma, creio que a perversidade é um dos impulsos primitivos do coração humano – uma das faculdades, ou sentimentos primários, que dirigem o caráter do homem. Quem não se viu, centenas de vezes, a cometer ações vis ou estúpidas, pela única razão de que sabia que não devia cometê-las? Acaso não sentimos uma inclinação constante mesmo quando estamos no melhor do nosso juízo, para violar aquilo que é lei, simplesmente porque a compreendemos como tal? Esse espírito de perversidade, digo eu, foi a causa de minha queda final. O vivo e insondável desejo da alma de atormentar-se a si mesma, de violentar sua própria natureza, de fazer o mal pelo próprio mal, foi o que me levou a continuar e, afinal, a levar a cabo o suplício que infligira ao inofensivo animal. Uma manhã, a sangue frio, metilhe um nó corredo em torno do pescoço e enforquei-o no galho de uma árvore. Fi-lo com os olhos cheios de lágrimas, com o coração transbordante do mais amargo remorso. Enforquei-o porque sabia que ele me amara, e porque reconhecia que não me dera motivo algum para que me voltasse contra ele. Enforquei-o porque sabia que estava cometendo um pecado – um pecado mortal que comprometia a minha alma imortal, afastando-a, se é que isso era possível, da misericórdia infinita de um Deus infinitamente misericordioso e infinitamente terrível.

Na noite do dia em que foi cometida essa ação tão cruel, fui despertado pelo grito de “fogo!”. As cortinas de minha cama estavam em chamas. Toda a casa ardia. Foi com grande dificuldade que

minha mulher, uma criada e eu conseguimos escapar do incêndio. A destruição foi completa. Todos os meus bens terrenos foram tragados pelo fogo, e, desde então, me entreguei ao desespero.

Não pretendo estabelecer relação alguma entre causa e efeito – entre o desastre e a atrocidade por mim cometida. Mas estou descrevendo uma seqüência de fatos, e não desejo omitir nenhum dos elos dessa cadeia de acontecimentos. No dia seguinte ao do incêndio, visitei as ruínas. As paredes, com exceção de uma apenas, tinham desmoronado. Essa única exceção era constituída por um fino tabique interior, situado no meio da casa, junto ao qual se achava a cabeceira de minha cama. O reboco havia, aí, em grande parte, resistido à ação do fogo – coisa que atribuí ao fato de ter sido ele construído recentemente. Densa multidão se reunira em torno dessa parede, e muitas pessoas examinavam, com particular atenção e minuciosidade, uma parte dela. As palavras “estranho!”, “singular!”, bem como outras expressões semelhantes, despertaram-me a curiosidade.

Aproximei-me e vi, como se gravada em baixo-relevo sobre a superfície branca, a figura de um gato gigantesco. A imagem era de uma exatidão verdadeiramente maravilhosa. Havia uma corda em torno do pescoço do animal.

Logo que vi tal aparição, pois não poderia considerar aquilo como sendo outra coisa, o assombro e terror que se me apoderaram foram extremos. Mas, finalmente, a reflexão veio em meu auxílio. O gato, lembrei-me, fora enforcado num jardim existente junto à casa. Aos gritos de alarma, o jardim fora imediatamente invadido pela multidão. Alguém deve ter retirado o animal da árvore, lançando-o, através de uma janela aberta, para dentro do meu quarto. Isso foi feito, provavelmente, com a intenção de despertar-me. A queda das outras paredes havia comprimido a vítima de minha crueldade no gesso recentemente colocado sobre a parede que permanecera de pé. A cal do muro, com as chamas e o amoníaco desprendido da carcaça, produzira a imagem tal qual eu agora a via. Embora isso satisfizesse prontamente minha razão, não conseguia fazer o mesmo, de maneira completa, com minha consciência, pois o surpreendente fato que acabo de descrever não deixou de causar-me, apesar de tudo, profunda impressão. Durante meses, não pude livrar-me do fantasma do gato e, nesse espaço de tempo, nasceu em meu espírito uma espécie de sentimento que parecia remorso, embora não o fosse. Cheguei, mesmo, a lamentar a perda do animal e a procurar, nos sórdidos lugares que então frequentava, outro bichano da mesma espécie e de aparência semelhante que pudesse substituí-lo.

Uma noite, em que me achava sentado, meio aturdido, num antro mais do que infame, tive a atenção despertada, subitamente, por um objeto negro que jazia no alto de um dos enormes barris, de genebra ou rum, que constituíam quase que o único mobiliário do recinto. Fazia já alguns minutos que olhava fixamente o alto do barril, e o que então me surpreendeu foi não ter visto antes o que havia sobre o mesmo. Aproximei-me e toquei-o com a mão. Era um gato preto, enorme – tão grande quanto Pluto – e que, sob todos os aspectos, salvo um, se assemelhava a ele. Pluto não tinha

um único pelo branco em todo o corpo – e o bichano que ali estava possuía uma mancha larga e branca, embora de forma indefinida, a cobrir-lhe quase toda a região do peito.

Ao acariciar-lhe o dorso, ergueu-se imediatamente, ronronando com força e esfregando-se em minha mão, como se a minha atenção lhe causasse prazer. Era, pois, o animal que eu procurava. Apressei-me em propor ao dono a sua aquisição, mas este não manifestou interesse algum pelo felino. Não o conhecia; jamais o vira antes.

Continuei a acariciá-lo e, quando me dispunha a voltar para casa, o animal demonstrou disposição de acompanhar-me. Permiti que o fizesse – detendo-me, de vez em quando, no caminho, para acariciá-lo. Ao chegar, sentiu-se imediatamente à vontade, como se pertencesse a casa, tomando-se, logo, um dos bichanos preferidos de minha mulher.

De minha parte, passei a sentir logo aversão por ele. Acontecia, pois, justamente o contrário do que eu esperava. Mas a verdade é que – não sei como nem por quê – seu evidente amor por mim me desgostava e aborrecia. Lentamente, tais sentimentos de desgosto e fastio se converteram no mais amargo ódio. Evitava o animal. Uma sensação de vergonha, bem como a lembrança da crueldade que praticara, impediam-me de maltratá-lo fisicamente. Durante algumas semanas, não lhe bati nem pratiquei contra ele qualquer violência; mas, aos poucos – muito gradativamente –, passei a sentir por ele inenarrável horror, fugindo, em silêncio, de sua odiosa presença, como se fugisse de uma peste.

Sem dúvida, o que aumentou o meu horror pelo animal foi a descoberta, na manhã do dia seguinte ao que o levei para casa, que, como Pluto, também havia sido privado de um dos olhos. Tal circunstância, porém, apenas contribuiu para que minha mulher sentisse por ele maior carinho, pois, como já disse, era dotada, em alto grau, dessa ternura de sentimentos que constituía, em outros tempos, um de meus traços principais, bem como fonte de muitos de meus prazeres mais simples e puros.

No entanto, a preferência que o animal demonstrava pela minha pessoa parecia aumentar em razão direta da aversão que sentia por ele. Seguia-me os passos com uma pertinácia que dificilmente poderia fazer com que o leitor compreendesse. Sempre que me sentava, enrodilhava-se embaixo de minha cadeira, ou me saltava ao colo, cobrindo-me com suas odiosas carícias. Se me levantava para andar, metia-se-me entre as pernas e quase me derrubava, ou então, cravando suas longas e afiadas garras em minha roupa, subia por ela até o meu peito. Nessas ocasiões, embora tivesse ímpetos de matá-lo de um golpe, abstinha-me de fazê-lo devido, em parte, à lembrança de meu crime anterior, mas, sobretudo – apresso-me a confessá-lo –, pelo pavor extremo que o animal me despertava. Esse pavor não era exatamente um pavor de mal físico e, contudo, não saberia defini-lo de outra maneira. Quase me envergonha confessar – sim, mesmo nesta cela de criminoso –, quase me envergonha confessar que o terror e o pânico que o animal me inspirava eram aumentados por uma das mais

puras fantasias que se possa imaginar. Minha mulher, mais de uma vez, me chamara a atenção para o aspecto da mancha branca a que já me referi, e que constituía a única diferença visível entre aquele estranho animal e o outro, que eu enforcara. O leitor, decerto, se lembrará de que aquele sinal, embora grande, tinha, a princípio, uma forma bastante indefinida. Mas, lentamente, de maneira quase imperceptível – que a minha imaginação, durante muito tempo, lutou por rejeitar como fantasiosa –, adquirira, por fim, uma nitidez rigorosa de contornos. Era, agora, a imagem de um objeto cuja menção me faz tremer... E, sobretudo por isso, eu o encarava como a um monstro de horror e repugnância, do qual eu, se tivesse coragem, me teria livrado. Era agora, confesso, a imagem de uma coisa odiosa, abominável: a imagem da forca! Oh, lúgubre e terrível máquina de horror e de crime, de agonia e de morte!

Na verdade, naquele momento eu era um miserável – um ser que ia além da própria miséria da humanidade. Era uma besta-fera, cujo irmão fora por mim desdenhosamente destruído... uma besta-fera que se engendrara em mim, homem feito à imagem do Deus Altíssimo. Oh, grande e insuportável infortúnio! Ai de mim! Nem de dia, nem de noite, conheceria jamais a bênção do descanso! Durante o dia, o animal não me deixava a sós um único momento; e, à noite, despertava de hora em hora, tomado do indescritível terror de sentir o hálito quente da coisa sobre o meu rosto, e o seu enorme peso – encarnação de um pesadelo que não podia afastar de mim – pousado eternamente sobre o meu coração!

Sob a pressão de tais tormentos, sucumbiu o pouco que restava em mim de bom. Pensamentos maus converteram-se em meus únicos companheiros – os mais sombrios e os mais perversos dos pensamentos. Minha rabugice habitual se transformou em ódio por todas as coisas e por toda a humanidade – e enquanto eu, agora, me entregava cegamente a súbitos, frequentes e irreprimíveis acessos de cólera, minha mulher – pobre dela! – não se queixava nunca convertendo-se na mais paciente e sofredora das vítimas.

Um dia, acompanhou-me, para ajudar-me numa das tarefas domésticas, até o porão do velho edifício em que nossa pobreza nos obrigava a morar. O gato seguiu-nos e, quase fazendo-me rolar escada abaixo, me exasperou a ponto de perder o juízo. Apanhando uma machadinha e esquecendo o terror pueril que até então contivera minha mão, dirigi ao animal um golpe que teria sido mortal, se atingisse o alvo. Mas minha mulher segurou-me o braço, detendo o golpe. Tomado, então, de fúria demoníaca, liberei o braço do obstáculo que o detinha e cravei-lhe a machadinha no cérebro. Minha mulher caiu morta instantaneamente, sem lançar um gemido.

Realizado o terrível assassinio, procurei, movido por súbita resolução, esconder o corpo. Sabia que não poderia retirá-lo da casa, nem de dia nem de noite, sem correr o risco de ser visto pelos vizinhos.

Ocorreram-me vários planos. Pensei, por um instante, em cortar o corpo em pequenos pedaços e destruí-los por meio do fogo. Resolvi, depois, cavar uma fossa no chão da adega. Em seguida, pensei em atirá-lo ao poço do quintal. Mudei de ideia e decidi metê-lo num caixote, como se fosse uma mercadoria, na forma habitual, fazendo com que um carregador o retirasse da casa.

Finalmente, tive uma ideia que me pareceu muito mais prática: resolvi emparedá-lo na adega, como faziam os monges da Idade Média com as suas vítimas.

Aquela adega se prestava muito bem para tal propósito. As paredes não haviam sido construídas com muito cuidado e, pouco antes, haviam sido cobertas, em toda a sua extensão, com um reboco que a umidade impedira de endurecer. Ademais, havia uma saliência numa das paredes, produzida por alguma chaminé ou lareira, que fora tapada para que se assemelhasse ao resto da adega. Não duvidei de que poderia facilmente retirar os tijolos naquele lugar, introduzir o corpo e recolocá-los do mesmo modo, sem que nenhum olhar pudesse descobrir nada que despertasse suspeita. E não me enganei em meus cálculos. Por meio de uma alavanca, desloquei facilmente os tijolos e tendo depositado o corpo, com cuidado, de encontro à parede interior. Segurei-o nessa posição, até poder recolocar, sem grande esforço, os tijolos em seu lugar, tal como estavam anteriormente. Arranjei cimento, cal e areia e, com toda a precaução possível, preparei uma argamassa que não se podia distinguir da anterior, cobrindo com ela, escrupulosamente, a nova parede. Ao terminar, senti-me satisfeito, pois tudo corria bem. A parede não apresentava o menor sinal de ter sido rebocada. Limpei o chão com o maior cuidado e, lançando o olhar em tomo, disse, de mim para comigo: “Pelo menos aqui, o meu trabalho não foi em vão”.

O passo seguinte foi procurar o animal que havia sido a causa de tão grande desgraça, pois resolvera, finalmente, matá-lo. Se, naquele momento, tivesse podido encontrá-lo, não haveria dúvida quanto à sua sorte: mas parece que o esperto animal se alarmara ante a violência de minha cólera, e procurava não aparecer diante de mim enquanto me encontrasse naquele estado de espírito. Impossível descrever ou imaginar o profundo e abençoado alívio que me causava a ausência de tão detestável felino. Não apareceu também durante a noite – e, assim, pela primeira vez, desde sua entrada em casa, consegui dormir tranqüila e profundamente. Sim, dormi mesmo com o peso daquele assassinio sobre a minha alma.

Transcorreram o segundo e o terceiro dia – e o meu algoz não apareceu. Pude respirar, novamente, como homem livre. O monstro, aterrorizado fugira para sempre de casa. Não tomaria a vê-lo! Minha felicidade era infinita! A culpa de minha tenebrosa ação pouco me inquietava. Foram feitas algumas investigações, mas respondi prontamente a todas as perguntas. Procedeu-se, também, a uma vistoria em minha casa, mas, naturalmente, nada podia ser descoberto. Eu considerava já como coisa certa a minha felicidade futura.

No quarto dia após o assassinato, uma caravana policial chegou, inesperadamente, a casa, e realizou, de novo, rigorosa investigação. Seguro, no entanto, de que ninguém descobriria jamais o lugar em que eu ocultara o cadáver, não experimentei a menor perturbação. Os policiais pediram-me que os acompanhasse em sua busca. Não deixaram de esquadrihar um canto sequer da casa. Por fim, pela terceira ou quarta vez, desceram novamente ao porão. Não me alterei o mínimo que fosse. Meu coração batia calmamente, como o de um inocente. Andei por todo o porão, de ponta a ponta. Com os braços cruzados sobre o peito, caminhava, calmamente, de um lado para outro. A polícia estava inteiramente satisfeita e preparava-se para sair. O júbilo que me inundava o coração era forte demais para que pudesse contê-lo. Ardía de desejo de dizer uma palavra, uma única palavra, à guisa de triunfo, e também para tomar duplamente evidente a minha inocência.

- Senhores – disse, por fim, quando os policiais já subiam a escada –, é para mim motivo de grande satisfação haver desfeito qualquer suspeita. Desejo a todos os senhores ótima saúde e um pouco mais de cortesia. Diga-se de passagem, senhores, que esta é uma casa muito bem construída... (Quase não sabia o que dizia, em meu insopitável desejo de falar com naturalidade.) Poderia, mesmo, dizer que é uma casa excelentemente construída. Estas paredes – os senhores já se vão? –, estas paredes são de grande solidez.

Nessa altura, movido por pura e frenética fanfarronada, bati com força, com a bengala que tinha na mão, justamente na parte da parede atrás da qual se achava o corpo da esposa de meu coração.

Que Deus me guarde e livre das garras de Satanás! Mal o eco das batidas mergulhou no silêncio, uma voz me respondeu do fundo da tumba, primeiro com um choro entrecortado e abafado, como os soluços de uma criança; depois, de repente, com um grito prolongado, estridente, contínuo, completamente anormal e inumano. Um uivo, um grito agudo, metade de horror, metade de triunfo, como somente poderia ter surgido do inferno, da garganta dos condenados, em sua agonia, e dos demônios exultantes com a sua condenação.

Quanto aos meus pensamentos, é loucura falar. Sentindo-me desfalecer, cambaleei até à parede oposta. Durante um instante, o grupo de policiais deteve-se na escada, imobilizado pelo terror. Decorrido um momento, doze braços vigorosos atacaram a parede, que caiu por terra. O cadáver, já em adiantado estado de decomposição, e coberto de sangue coagulado, apareceu, ereto, aos olhos dos presentes.

Sobre sua cabeça, com a boca vermelha dilatada e o único olho chamejante, achava-se pousado o animal odioso, cuja astúcia me levou ao assassinio e cuja voz reveladora me entregava ao carrasco. Eu havia emparedado o monstro dentro da tumba!

Disponível em: <http://www.beatrix.pro.br/index.php/o-gato-preto-edgar-allan-poe/>

TEXTO 2

O fim da maldição

Em todas as primeiras quintas-feiras de cada mês, algo misterioso ou macabro acontecia naquela rua. Era uma maldição vinda de tempos imemoráveis e as especulações e inúmeras lendas eram a única fonte de explicação para tal. Por vezes, eram os ataques de vampiros, outras, um qualquer lobisomem que se divertia em sanguinárias carnificinas, e havia ainda os possessos humanos que se lançavam os devaneios da loucura. Os habitantes viviam constantemente atormentados com a chegada desse dia, e a cautela era a palavra de ordem quando ele se aproximava.

No entanto, seis quintas-feiras passaram sem que algo de bizarro acontecesse. Teria a maldição terminado? Os alegres habitantes decidiram então dar uma grandiosa festa, para comemorar este fato. Escolheram a quinta-feira seguinte.

Dançavam, cantavam, bebiam e celebravam tranquilamente. Subitamente, todos os monstros e criaturas demenciais surgiram, surpreendendo-os e dizimando todos os habitantes de uma só vez.

Era o fim da maldição.

Emanuel R. Marques.

Disponível em: Livro Universo- 7º ano- p. 159

TEXTO 3

A Máscara da Morte Vermelha

Edgar Allan Poe

A “Morte Rubra” havia muito devastava o país. Jamais se viu peste tão fatal ou tão hedionda. O sangue era sua revelação e sua marca. A cor vermelha e o horror do sangue. Surgia com dores agudas e súbita tontura, seguidas de profuso sangramento pelos poros, e então a morte. As manchas rubras no corpo e principalmente no rosto da vítima eram o estigma da peste que a privava da ajuda e compaixão dos semelhantes. E entre o aparecimento, a evolução e o fim da doença não se passava mais de meia hora.

Mas o príncipe Próspero era feliz, destemido e astuto. Quando a população de seus domínios se reduziu à metade, mandou vir à sua presença um milhar de amigos sadios e divertidos dentre os cavalheiros e damas da corte e com eles retirou-se, em total reclusão, para um dos seus mosteiros encastelados. Era uma construção imensa e magnífica, criação do gosto excêntrico, mas grandioso

do próprio príncipe. Circundava-a a muralha forte e muito alta, com portas de ferro. Depois de entrarem, os cortesãos trouxeram fornalhas e grandes martelos para soldar os ferrolhos. Resolveram não permitir qualquer meio de entrada ou saída aos súbitos impulsos de desespero dos que estavam fora ou aos furores do que estavam dentro. O mosteiro dispunha de amplas provisões. Com essas precauções, os cortesãos podiam desafiar o contágio. O mundo externo que cuidasse de si mesmo. Nesse meio-tempo era tolice atormentar-se ou pensar nisso. O príncipe havia providenciado toda a espécie de divertimentos. Havia bufões, improvisadores, dançarinos, músicos, beleza, vinho. Lá dentro, tudo isso mais segurança. Lá fora, a “Morte Rubra”.

Lá pelo final do quinto ou sexto mês de reclusão, enquanto a peste grassava mais furiosamente lá fora, o príncipe Próspero brindou os mil amigos com um magnífico baile de máscaras.

Que voluptuosa cena a daquela mascarada! Mas antes descrevamos os salões em que ela se desenrolava. Era uma série imperial de sete salões. Em muitos palácios, porém, esses salões formam uma perspectiva longa e reta, quando as portas se abrem até se encostarem nas paredes de ambos os lados, de tal modo que a vista de toda essa sucessão é quase desimpedida. Ali, a situação era muito diferente, como se devia esperar da paixão do príncipe pelo fantástico. Os salões estavam dispostos de maneira tão irregular que os olhos só podiam abarcar pouco mais de cada um por vez. Havia um desvio abrupto a cada vinte ou trinta metros e, a cada desvio, um efeito novo. À direita e à esquerda, no meio de cada parede, uma alta e estreita janela gótica dava para um corredor fechado que acompanhava as curvas do salão. A cor dos vitrais dessas janelas variava de acordo com a tonalidade dominante na decoração do salão para o qual se abriam. O da extremidade leste, por exemplo, era azul – e de um azul intenso eram suas janelas. No segundo salão os ornamentos e tapeçarias, assim como as vidraças, eram cor de púrpura. O Terceiro era inteiramente verde, e verdes também os caixilhos das janelas. O quarto estava mobiliado e iluminado com cor alaranjada. O quinto era branco, e o sexto, roxo. O sétimo salão estava todo coberto por tapeçarias de veludo negro, que pendiam do teto e pelas paredes, caindo em pesadas dobras sobre um tapete do mesmo material e tonalidade. Apenas nesse salão, porém, a cor das janelas deixava de corresponder à das decorações. As vidraças, ali, eram rubras – de uma violenta cor de sangue.

Ora, em nenhum dos sete salões havia qualquer lâmpada ou candelabro, em meio à profusão de ornamentos de ouro espalhados por todos os cantos ou dependurados do teto. Nenhuma lâmpada ou vela iluminava o interior da sequência de salões. Mas nos corredores que circundavam a suíte havia, diante de cada janela, um pesado tripé com um braseiro, que projetava seus raios pelos vitrais coloridos e, assim, iluminava brilhantemente a sala, produzindo grande número de efeitos vistosos e fantásticos. Mas no salão oeste, ou negro, o efeito do clarão de luz que jorrava sobre as cortinas escuras através das vidraças da cor do sangue era desagradável ao extremo e produzia uma

expressão tão desvairada no semblante dos que entravam que poucos no grupo sentiam ousadia bastante para ali penetrar.

Era também nesse apartamento que se achava, encostado à parede oeste, um gigantesco relógio de ébano. Seu pêndulo oscilava de um lado para o outro com um bater surdo, pesado, monótono; quando o ponteiro dos minutos completava o circuito do mostrador e o relógio ia dar as horas, de seus pulmões de bronze brotava um som claro, alto, grave e extremamente musical, mas em tom tão enfático e peculiar que, ao final de cada hora, os músicos da orquestra se viam obrigados a interromper momentaneamente a apresentação para escutar-lhe o som; com isso os dançarinos forçosamente tinham de parar as evoluções da valsa e, por um breve instante, todo o alegre grupo mostrava-se perturbado; enquanto ainda soavam os carrilhões do relógio, observava-se que os mais frívolos empalideciam e os mais velhos e serenos passavam a mão pela teste, como se estivessem num confuso devaneio ou meditação. Mas, assim que os ecos desapareciam interiormente, risinhos levianos logo se riam do próprio nervosismo e insensatez e, em sussurros, diziam uns aos outros que o próximo soar de horas não produziria neles a mesma emoção; mas, após um lapso de sessenta minutos (que abrangem três mil e seiscentos segundos do tempo que voa), quando o relógio dava novamente as horas, acontecia a mesma perturbação e idênticos tremores e gestos de meditação de antes.

Apesar disso tudo, que festa alegre e magnífica! Os gostos do príncipe eram estranhos. Sabia combinar cores e efeitos. Menosprezando a mera decoração da moda, seus arranjos mostravam-se ousados e veementes, e suas ideias brilhavam com um esplendor bárbaro. Alguns podiam considerá-lo louco, sendo desmentidos por seus seguidores. Mas era preciso ouvi-lo, vê-lo e tocá-lo para convencer-se disso.

Para essa grande festa, ele próprio dirigiu, em grande parte, a ornamentação cambiante dos sete salões, e foi seu próprio gosto que inspirou as fantasias dos foliões. Claro que eram grotescas. Havia muito brilho, resplendor, malícia e fantasia – muito daquilo que foi visto depois no Hernani. Havia figuras fantásticas com membros e adornos que não combinavam. Havia caprichos delirantes como se tivessem sido modelados por um louco. Havia muito de beleza, muito de libertinagem e de extravagância, algo de terrível e um tanto daquilo que poderia despertar repulsa. De um ao outro, pelos sete salões, desfilava majestosamente, na verdade, uma multidão de sonhos. E eles – os sonhos – giravam sem parar, assumindo a cor de cada salão e fazendo com que a impetuosa música da orquestra parecesse o eco de seus passos. Daí a pouco soa o relógio de ébano colocado no salão de veludo. Então, por um momento, tudo se imobiliza e é tudo silêncio, menos a voz do relógio. Os sonhos se congelam como estão. Mas os ecos das batidas extinguem-se – duraram apenas um instante – e risos levianos, mal reprimidos, flutuam atrás dos ecos, à medida que vão morrendo. E logo a música cresce de novo, e os sonhos revivem e rodopiam mais alegremente que nunca,

assumindo as cores das muitas janelas multicoloridas, através das quais fluem os raios luminosos dos tripés. Ao salão que fica a mais oeste de todos os sete, porém, nenhum dos mascarados se aventura agora; pois a noite está se aproximando do fim: ali flui uma luz mais vermelha pelos vitrais cor de sangue e o negror das cortinas escuras apavora; para aquele que pousa o pé no tapete negro, do relógio de ébano ali perto chega um clangor ensurdecido mais solene e enfático que aquele que atinge os ouvidos dos que se entregam às alegrias nos salões mais afastados.

Mas nesses outros salões cheios de gente batia febril o coração da vida. E o festim continuou em remoinhos até que, afinal, começou a soar meia-noite no relógio. Então a música cessou, como contei, as evoluções dos dançarinos se aquietaram, e, como antes, tudo ficou intranquilamente imobilizado. Mas agora iriam ser doze as badaladas do relógio; e desse modo mais pensamentos talvez tenham se infiltrado, por mais tempo, nas meditações dos mais pensativos, entre aqueles que se divertiam. E assim também aconteceu, talvez, que, antes de os últimos ecos da última badalada terem mergulhado inteiramente no silêncio, muitos indivíduos na multidão puderam perceber a presença de uma figura mascarada que antes não chamara a atenção de ninguém. E, ao se espalhar em sussurros o rumor dessa nova presença, elevou-se aos poucos de todo o grupo um zumbido ou murmúrio que expressava a reprovação e surpresa – e, finalmente, terror, horror e repulsa.

Numa reunião de fantasmas como esta que pintei, pode-se muito bem supor que nenhuma aparência comum poderia causar tal sensação. Na verdade, a liberdade da mascarada dessa noite era praticamente ilimitada; mas a figura em questão ultrapassava o próprio Herodes, indo além dos limites até do indefinido decoro do príncipe. Existem cordas, nos corações dos mais indiferentes, que não podem ser tocadas sem emoção. Até para os totalmente insensíveis, para quem a vida e morte são alvo de igual gracejo, existem assuntos com os quais não se pode brincar. Na verdade, todo o grupo parecia agora sentir profundamente que na fantasia e no rosto do estranho não existia graça nem decoro. A figura era alta e esquelética, envolta do pés a cabeça em vestes mortuárias. A máscara que escondia o rosto procurava assemelhar-se de tal forma com a expressão enrijecida de um cadáver que até mesmo o exame mais atento teria dificuldade em descobrir o engano. Tudo isso poderia ter sido tolerado, e até aprovado, pelos loucos participantes da festa, se o mascarado não tivesse ousado encarnar o tipo da Morte Rubra. Seu vestuário estava borrifado de sangue, e sua alta testa, assim como o restante do rosto, salpicada com o horror rubro.

Quando os olhos do príncipe Próspero pousaram nessa imagem espectral (que andava entre os convivas com movimentos lentos e solenes, como se quisesse manter-se à altura do papel), todos perceberam que ele foi assaltado por um forte estremecimento de terror ou repulsa, num primeiro momento, mas logo o seu semblante tornou-se vermelho de raiva.

- Quem ousa...? perguntou com voz rouca aos convivas que estavam perto – quem ousa nos insultar com essa caçoada blasfema? Peguem esse homem e tirem sua máscara, para sabermos quem será enforcado no alto dos muros, ao amanhecer!

O príncipe Próspero estava na sala leste, ou azul, ao dizer essas palavras. Elas ressoaram pelos sete salões, altas e claras, pois o príncipe era um homem ousado e robusto e a música se calara com um sinal de sua mão.

O príncipe achava-se no salão azul com um grupo de pálidos convivas ao seu lado. Assim que falou, houve um ligeiro movimento dessas pessoas na direção do intruso, que, naquele momento, estava bem ao alcance das mãos, e agora, com passos decididos e firmes, se aproximava do homem que tinha falado. Mas por causa de um certo temor sem nome, que a louca arrogância do mascarado havia inspirado em toda a multidão, não houve ninguém que estendesse a mão para detê-lo; de forma que, desimpedido, passou a um metro do príncipe e, enquanto a vasta multidão, como por um único impulso, se retraía do centro das salas para as paredes, ele continuou seu caminho sem deter-se, no mesmo passo solene e medido que o distinguira desde o início, passando do salão azul para o púrpura, do púrpura para o verde, do verde para o alaranjado, e desse ainda para o branco, e daí para o roxo, antes que se fizesse qualquer movimento decisivo para detê-lo. Foi então que o príncipe Próspero, louco de raiva e vergonha por sua momentânea covardia, correu apressadamente pelos seis salões, sem que ninguém o seguisse por causa do terror mortal que tomara conta de todos. Segurando bem alto um punhal desembainhado, aproximou-se, impetuosamente, até cerca de um metro do vulto que se afastava, quando este, ao atingir a extremidade do salão de veludo, virou-se subitamente e enfrentou seu perseguidor. Ouviu-se um grito agudo e o punhal caiu cintilando no tapete negro, sobre o qual, no instante seguinte, tombou prostrado de morte o príncipe Próspero. Então, reunindo a coragem selvagem do desespero, um bando de convivas lançou-se imediatamente no apartamento negro e, agarrando o mascarado, cuja alta figura permanecia ereta e imóvel à sombra do relógio de ébano, soltou um grito de pavor indescritível, ao descobrir que, sob a mortalha e a máscara cadavérica, que agarravam com tamanha violência e grosseria, não havia qualquer forma palpável.

E então reconheceu-se a presença da Morte Rubra. Viera como um ladrão na noite. E um a um foram caindo os foliões pelas salas orvalhadas de sangue, e cada um morreu na mesma posição de desespero em que tombou ao chão. E a vida do relógio de ébano dissolveu-se junto com a vida do último dos dissolutos. E as chamas dos braseiros extinguiram-se. E o domínio ilimitado das Trevas, da Podridão e da Morte Rubra estendeu-se sobre tudo.

Disponível em: <http://www.beatrix.pro.br/index.php/a-mascara-da-morte-rubr-edgar-allan-poe/>

Definições e estrutura do gênero através da comparação de textos de mesmo gênero

COMPARANDO TEXTOS DE MESMO GÊNERO

1) Leia os textos “O Gato Preto”, “ A Máscara da Morte Rubra”, e “ O Fim da Maldição”, verificando:

a) Palavras que ajudaram a construir uma atmosfera de terror.

Texto 1- _____

Texto 2- _____

Texto 3- _____

b) Fato

Texto 1- _____

Texto 2- _____

Texto 3- _____

c) Conflito

Texto 1- _____

Texto 2- _____

Texto 3- _____

d) Clímax

Texto 1- _____

Texto 2- _____

Texto 3- _____

e) Final surpreendente e chocante.

Texto 1- _____

Texto 2- _____

Texto 3- _____

f) Tempo

Texto 1- _____

Texto 2- _____

Texto 3- _____

g) Conflito- Acontecimento terrível que marca uma reviravolta.

Texto 1- _____

Texto 2- _____

Texto 3- _____

h) Espaço

Texto 1- _____

Texto 2- _____

Texto 3- _____

i) Desenvolvimento

Texto 1- _____

Texto 2- _____

Texto 3- _____

j) Desfecho

Texto 1- _____

Texto 2- _____

Texto 3- _____

k) Narrador

Texto 1- _____

Texto 2- _____

Texto 3- _____

l) Intenção

Texto 1- _____

Texto 2- _____

Texto 3- _____

5- ASPECTOS DISCURSIVOS

Vamos, em termos práticos, verificar de que forma se estruturam os contos de terror:

1- Tomando por base o texto “O Gato Preto”, de Edgar Allan Poe, lido e estudado por nós (o professor deverá entregar novamente os textos, caso os alunos não tenham ficado com cópias), responda:

a) De que forma a personagem principal foi descrita?

b) Como o narrador constituiu psicologicamente a personagem principal?

c) De que forma a personagem principal se comporta do início ao final do conto? Existem diferenças entre seu comportamento inicial e final?

d) Retire do texto:

- trechos que indiquem as expressões faciais da personagem principal:

- trechos que indiquem as expressões corporais da personagem principal:

- trechos que indiquem as expressões do olhar da personagem principal:

e) Retire trechos do texto nos quais haja descrições do ambiente (espaço)

f) Através da leitura integral do texto, você sabe dizer em qual época a história ocorre? Quais elementos o levaram a dar essa resposta?

2- Considerando o final do conto de terror “ O Gato Preto” de Edgar Allan Poe assinale a alternativa correta:

- a) O conto apresenta final feliz por que a personagem acorda de um pesadelo;
- b) O conto apresenta um caminho para um novo conflito;
- c) O conto apresenta finalização dramática;
- d) O conto não consegue resolver o conflito apresentado.

3- Leia e assinale a opção correta:

I- O texto “A Máscara da Morte Rubra” não é um conto.

II- Os textos: “A Máscara da Morte Rubra”, “ O Fim da Maldição” e “ O Gato Preto” são contos de terror, pois apresentam poucas personagens, descrevem o ambiente apenas para situar o leitor no espaço, criando um clima de mistério e suspense e focam o fato, desenvolvendo-o de forma envolvente e completa.

III- Palavras como, “ horror”, “ repugnância”, “ abominável”, “ força” “ lúgubre”, “ agonia”, “ morte”, macabro”, “ maldição”, “ carnificina”, “ bizarro”, “ repulsa”, “ punhal”, “ mortalha” são palavras que ajudam a construir uma atmosfera de terror nos contos deste gênero.

- a) Apenas I é correta.
- b) As afirmações II e III são incorretas.
- c) As afirmações I, II e III são corretas.
- d) As afirmações II e III são corretas.

6- ASPECTOS LINGUÍSTICO-DISCURSIVOS

Texto 2- O Fim da Maldição

1- A palavra “habitantes” aparece três vezes no texto. Em qual delas, a palavra pode ser substituída pelo pronome “eles” ?

2- Em “surpreendendo-os” a quem se refere o pronome “os”?

3- No 3º parágrafo, os verbos “ dançavam”, “cantavam” e “ celebravam” se referem a que sujeito?

4 - Ainda no 3º parágrafo, encontre um exemplo de sujeito composto.

5- A palavra “casa” é grafada com a letra “s”, porém a sonoridade é de “z”. Encontre no texto outros exemplos equivalentes.

6- Para enriquecer seu vocabulário...

Encontre o significado das palavras abaixo em um dicionário:

- imemoráveis _____

-carnificinas _____

- devaneios _____

- bizarro _____

- subitamente _____

- dizimando _____

7. PROPOSTA DE PRODUÇÃO FINAL

Tomando por base a descrição das personagens abaixo, além da figura que mostra o espaço no qual os fatos devem ocorrer, redija um conto de terror, levando em consideração os elementos e características que são próprios do gênero, conforme estudamos ao longo do bimestre.

- Um homem alto, muito magro, com rosto pálido, olhar perdido, de andar manquejante, a vestir um terno velho, preto e uma gravata de listras vermelhas e brancas.

- Uma mulher bonita, elegante, rica, mal humorada, que possui um automóvel magro com motorista particular.

- Um idoso bem humorado, simpático, ativo, inteligente, esperto, porém solitário.

Seu texto comporá um livro de contos de terror, de autoria de todos os alunos dos 8º anos da nossa escola. Portanto, para produzir seu texto, leve em consideração seus possíveis leitores, além do suporte. Faça um rascunho, releia-o, verificando a clareza, a coesão, a coerência, a paragrafação, além da ortografia e da concordância, reescrevendo-o na folha definitiva.



GRADE DE CORREÇÃO

Critérios	
O texto está adequado à características e elementos do gênero?	() Satisfatório () Parcialmente () Insatisfatoriamente
O tema foi desenvolvido adequadamente?	() Satisfatório () Parcialmente () Insatisfatoriamente
Segue a estrutura da narrativa?	() Satisfatório () Parcialmente () Insatisfatoriamente
Utiliza linguagem formal?	() Satisfatório () Parcialmente () Insatisfatoriamente
O texto é coerente e coeso?	() Satisfatório () Parcialmente () Insatisfatoriamente
O texto apresenta título?	() Satisfatório () Parcialmente () Insatisfatoriamente
Utiliza a paragrafação adequada?	() Satisfatório () Parcialmente () Insatisfatoriamente
Respeita a ortografia?	() Satisfatório () Parcialmente () Insatisfatoriamente
Respeita as regras de concordância?	() Satisfatório () Parcialmente () Insatisfatoriamente
A pontuação é utilizada adequadamente?	() Satisfatório () Parcialmente () Insatisfatoriamente

SEQUÊNCIA DIDÁTICA

Gênero Textual: BIOGRAFIA E AUTOBIOGRAFIA

TORSO, Renata de Godoy
CATALANO, Celso
ROCHA, Arnaldo Francisco da
ORMUNDO, Maria das Graças

Tempo de duração: 8 aulas

Conteúdos: Foco narrativo (1ª pessoa- autobiografia); (3ª pessoa- biografia);

Materiais necessários: textos de modelo, fotos, objetos antigos.

EXPECTATIVAS DE APRENDIZAGEM

- 1) Identificar os possíveis elementos constitutivos da organização interna do gênero;
- 2) Fazer uso da língua e de seus recursos em diferentes situações de comunicação;
- 3) Apropriar-se dos aspectos que compõem o gênero biografia e autobiografia;
- 4) Observar e produzir diferentes biografias e autobiografias, analisando suas características composicionais e linguísticas;
- 5) Analisar e produzir os gêneros, observando o contexto de produção (interlocutores, finalidade, suporte e circulação do texto), para que os alunos percebam que cada gênero tem seu contexto de produção;
- 6) Produzir, revisar e reescrever textos como uma prática social;
- 7) Aprimorar a leitura observando a entonação e pontuação.

1. APRESENTAÇÃO INICIAL

Prezado aluno,

Geralmente as biografias são narradas em 3ª pessoa. É importante que percebam que o relato da vida de alguém é uma biografia a partir do momento que relata cronologicamente, fatos relevantes da vida dessa pessoa. Esse gênero permite que se tornem públicos os acontecimentos de pessoas que fizeram algo que as tornaram merecedoras de reconhecimento, não importando a sua área de atuação. Por isso, pode haver biografias de políticos, cientistas, esportistas, escritores, artistas, músicos, religiosos, líderes e militantes que deixaram sua marca na história. A biografia pode ser de algum personagem literário, ficcional.

A diferença entre os gêneros biografia e autobiografia está relacionada, sobretudo, à escolha da pessoa verbal. Além disso, a autobiografia é, muitas vezes, confundida com o romance autobiográfico.

Na autobiografia, autor, narrador e personagem principal são a mesma pessoa, o que distingue esse gênero dos demais gêneros ficcionais, como romance, conto, crônica.

Neste bimestre, convidamos vocês para fazer uma viagem pelo mundo das lembranças e das memórias de pessoas importantes, inclusive as suas.



BOM TRABALHO!

2. RECONHECIMENTO DO GÊNERO TEXTUAL

Professor(a): propor que os alunos façam pesquisas sobre biografias e autobiografias de políticos, cientistas, escritores, artistas, esportistas, músicos, etc.

Nos textos que serão lidos identificar:

1- Nome da pessoa

2- Local e data de nascimento

3- Fatos marcantes de sua história

4- Pessoas envolvidas na sua história de vida

5- Quais suas alegrias e tristezas?

4. CONTEXTO DE PRODUÇÃO

Professor(a): organizar uma roda de leitura dos textos pesquisados e modelos de biografias e autobiografias. Após a leitura dos textos, apresentar questões aos alunos para que identifiquem nos textos elementos referentes ao gênero.

TEXTO 1

Leia um trecho da biografia de Pedro Bandeira, um dos escritores de literatura infantil mais conhecido do Brasil.

Você deve achar o fim da picada alguém ter nascido na primeira metade do século passado, não é? Pois foi por aí, em 1942, que eu nasci em Santos, no estado de São Paulo. Era uma cidade bem mais calma do que é hoje e nela eu cresci lendo, mais do que brincando e, principalmente, mais do que “estudando”, pois eu era capaz de ler um romance de aventuras na véspera da prova de matemática (bom, é claro que minhas notas em matemática nunca foram grande coisa...)



Depois do ensino médio, mudei-me para São Paulo para estudar na USP. Trabalhei em teatro profissional, mas principalmente com as duas únicas coisas que eu sabia fazer: ler e escrever.

Assim, fiz minha vida como jornalista, editor, redator publicitário, e pressionado pelas leis da sobrevivência, acabei fazendo pequenos textos de ficção para ganhar “algum” além do salário, que me permitisse ajudar meus três filhos a crescer.

Hum... de repente comecei a gostar demais de escrever aquelas histórias, a gostar muito, a gostar tanto que acabei escrevendo um livro e procurando uma editora. Logo, publiquei “A droga da obediência”, “Feiurinha”, “A marca de uma lágrima” e... parece que o pessoal gostou de ler o que eu estava gostando de escrever. Daí, larguei tudo e, desde 1983, vivo somente de Literatura. [...]

TEXTO 2

Biografia de Neymar

Neymar da Silva Santos Júnior, nasceu em Mogi das Cruzes e com pouco mais de 6 anos de idade já estava nas categorias de base Portuguesa Santista onde ficou até 2003. A partir daí a vida de Neymar começava a se transformar, se transferiu para o Santos, desde cedo já era tido como grande promessa e recebia tratamento diferenciado da diretoria santista. Antes de se tornar profissional, Neymar já recebia diversas propostas de times do exterior se sentiam atraídos por seu enorme talento. Neymar estreou entre os profissionais em 2009, não teve um ano muito brilhante, porém em 2010 começou a se destacar no cenário do futebol nacional, tendo até uma campanha para que ele fosse convocado para a Copa do Mundo de 2010 juntamente de seu parceiro Paulo Henrique Ganso que também



vivia grande fase. Nesse ano, o Santos foi campeão paulista e da Copa do Brasil, campeonato que teve Neymar como artilheiro com 11 gols. Em 2011 veio a consagração ao levar o Santos ao Bi-Paulista e o maior título com a camiseta santista a Taça Libertadores da América. Em 2012 manteve a média de dois títulos por temporada levando o Tri-Campeonato Paulista e a Recopa Sulamericana e se tornou o maior artilheiro santista após a “Era Pelé” superando Serginho Chulapa e João Paulo, ultrapassando a marca dos 104 gols. Em 2013 chegou ao fim a sua primeira passagem pelo Santos, ele foi vendido ao Barcelona por 57 milhões de euros, ao todo Neymar conquistou 6 títulos com o alvinegro praiano, jogando 230 partidas e marcando 138 gols.

Neymar sempre foi convocado para as seleções de base onde ganhou o Campeonato Sul-Americano Sub-20 em 2011 e Medalha de Prata nas Olimpíadas de 2012. Ele tem sido o principal nome da seleção brasileira desde 2010 e carrega sobre si o peso de conduzir o Brasil ao título da Copa do Mundo que será realizada em solo brasileiro em 2014.

TEXTO 3

Biografia de Anita

Conhecida atualmente pelo hit "Show das Poderosas", a MC Anitta, atualmente chamada apenas por **Anitta**, está indo cada vez mais alto no mundo do funk. Larissa de Macedo Machado, como foi batizada, começou na música incentivada pelo avô, ainda aos 8 anos, quando participou durante um tempo do coral da igreja de Honório Gurgel, no Rio de Janeiro. A menina cantava e, paralelamente, se desenvolveu também como dançarina, habilidade essa que a levou a cursar dança na adolescência.



Foi aos 16 anos que Larissa começou postar vídeos no Youtube e foi descoberta por produtores que apostaram em sua carreira. Hoje, aos 20 anos, já é dona de sucessos como "Eu vou ficar", de 2010, "Proposta", que alavancou a cantora ao topo das rádios cariocas, "Fica só olhando" e "Menina má". Em 2012 o single "Meiga e Abusada" surpreendeu o público com a superprodução que incluiu locações em Las Vegas e foi dirigido pelo novo iorquino Blake Farber.

Anitta explica que escolheu o nome artístico em homenagem à personagem de Mel Lisboa na minissérie "Presença de Anita", de Manoel Carlos, exibida pela TV Globo. "Nunca gostei do meu nome e achava que precisava de algo mais poderoso para ser artista. Hoje, nem minha mãe me chama de Larissa", revelou a moça em entrevista à [revista "Vogue"](#), publicada em agosto de 2013.



Depois de passar por uma [repaginada ao longo dos anos](#), incluindo próteses de silicone, a cantora de funk hoje faz sucesso em todo o país também [pelo seu estilo](#). "Tá na mira", com clipe divulgado nas redes sociais, e "Não para" já são os novos sucessos da morena em 2013, ano do seu primeiro CD. Em setembro de 2013, ela gravou o clipe da nova música de trabalho, "Zen", com participação do [ex-ator de "Malhação"](#) Victor Sparapane.

TEXTO 4

Kristen Stewart

Kristen Stewart nasceu em Los Angeles, Califórnia, nos Estados Unidos no dia 09 de abril de 1990. Filha de Jules Mann-Stewart (Supervisora de Roteiros) e John Stewart (Produtor de TV). Kristen é a caçula de 3 irmãos, sendo Cameron seu irmão biológico e Taylor e Dana seus irmãos adotivos. Foi registrada como Kristen Jaymes Stewart, que significa independente, decidido e com um magnetismo invejável. O significado astrológico da primeira letra de seu nome, K, diz muito sobre sua personalidade, a descrevendo como uma pessoa de muito poder, mas que não sente necessidade de viver anunciando suas qualidades para todos, sempre preferindo a discrição, tende a ficar quieta, observando e tomando suas próprias conclusões. É uma pessoa que se preocupa muito pouco com a opinião alheia, e dona de uma grande sensualidade, sabendo explorá-la muito bem.



Quando Kristen era pequena, sua família se mudou para o Colorado, onde ela viveu por vários anos antes de voltar para Los Angeles. Outra curiosidade sobre a atriz é que ela troca violão e guitarra desde os 9 anos de idade, e já chegou até trocar em um dos seus filmes (Into the Wild – Na Natureza Selvagem), mais hoje em dia afirma que só tem coragem de tocar para os próprios ouvidos. Em 2004, Kristen teve o seu primeiro papel principal em "Catch That Kid" (Segurem Essas Crianças), no qual ela interpretou *Maddy*, uma menina que, com a ajuda de dois amigos, rouba banco do estado para pagar um tratamento para o seu pai que está gravemente doente. Ainda em 2010, Kristen interpretou o papel da roqueira *Joan Jett* no filme *The Runaways*, que causou muita polêmica pelo beijo gay que ocorreu entre *Joan Jett* e *Cherie Currie* (*Dakota Fanning*). Logo seguido pelo lançamento de *Welcome to The Rileys*, aonde interpretou *Mallory*, uma das personagens que ela considerou o mais importante e transformador que ela já fez até o momento. 2011 foi um dos anos mais marcantes para Kristen, começando com as gravações dos filmes 'Amanhecer – Parte I' e 'Amanhecer – Parte II' aonde, no segundo filme, finalmente vai interpretar uma vampira, conseguindo suas tão desejadas cenas de ação que sempre reclamou de não ter nos outros filmes. Depois de tirar férias de 4 meses, Kristen volta com tudo nas gravações de "A Branca de Neve e o Caçador", aonde vai viver a personagem principal, *Branca de Neve*, em uma história bem diferente de tudo o que você já viu. E, fechando o ano com chave de ouro, podemos contar

com a estréia de “On The Road“, mais um dos filmes independentes de Kristen, que foi dirigido pelo diretor brasileiro, Walter Salles e baseado no best seller do diretor Jack Kerouac. Em 2012 contamos com mais um ano importante para a carreira de Kristen, com três de seus filmes estreando nos cinemas brasileiros (On The Road, Branca de Neve e o Caçador e Amanhecer – Parte 2), sendo que *On The Road* foi indicado a um dos mais importantes prêmios do cinema mundial: Cannes. Nesse ano Kristen ainda se despediu da Saga que a colocou nos holofotes do mundo, com o lançamento da última parte de *Amanhecer*.

Começando sua carreira muito cedo, Kristen teve que terminar seus estudos com um professor particular, se formando no Ensino Médio em 2009, durante as gravações de Eclipse. Coincidentemente, foi o filme que sua personagem durante 5 anos, Bella Swan, se formou.

TEXTO 5

ROBERT PATTINSON

Nascido em Londres, Rob – como é chamado intimamente – estudou na Barnes Theatre Company, e desde o início trabalhou em filmes de fantasia. Fez teatro amador até sua primeira aparição profissional, aos 18 anos, no filme apresentado como minissérie ou em apenas um capítulo *Dark Kingdom: The Dragon King* (2004), com roteiro baseado em uma lenda nórdica que remete aos tempos do paganismo. A história, que também engendrou a ópera O Anel dos Nibelungos, de Wagner, foi apresentada no Channel 4 (canal inglês de televisão) com o nome de *Sword of Xanten*. Totalmente filmado na África do Sul, a minissérie foi apresentada também em canais de televisão na Alemanha e Estados Unidos. Sua primeira aparição em Hollywood foi como o bruxo Cedric Diggory em “*Harry Potter e o Cálice de Fogo*” (*The Goblet of Fire*, 2005). Era um dos competidores numa perigosa maratona de magias na escola de Hogwarts e acaba sendo morto por Lord Voldemort. Sobre ele disse o ator **Daniel Radcliffe**, que interpreta Harry Potter: “Eu jamais seria capaz de fazer personagens como **Pattinson** faz. Ele consegue ser completamente sexy sem falar uma palavra.” O passo seguinte o levou ao estrelato e ao coração de milhares de adolescentes ao redor do mundo. Ele assinou o contrato para se transformar no romântico vampiro da fantasia adolescente “Crepúsculo”, composta pelo filme de estréia, em 2008, além de “Lua Nova” (2009), em que o amor de Bella é disputado pelo vampiro e um lobisomem; “Eclipse”(2010), em que a família Cullin e os lobisomens devem enfrentar um exército de vampiros sanguinários; e finalmente, “**Amanhecer**” (Breaking Dawn), partes I e II, em que Bella finalmente se casa com Edward e tem um bebê que pode lhe custar a vida. Mas o lançamento destes dois últimos está

previsto para 2011. Na mesma época em que começou na saga “**Crepúsculo**” atuou no filme “**Little Ashes**” (2008), em que interpreta o jovem pintor catalão Salvador Dalí em 1922, na cidade de Madri, em meio a uma fantasia de amor homossexual entre ele e o personagem do escritor **Federico Garcia Lorca** (Javier Beltrán). Porém o filme não se destacou. Enquanto isso, **Robert Pattinson** dedica-se a outros projetos, como o filme “**Lembranças**” (*Remember Me*, 2010), drama romântico ambientado em Nova York, onde contracenando com a jovem atriz **Emilie de Ravin**. “*Bel Ami*”, a ser lançado em 2011, promete fortes emoções para as fãs de **Robert Pattinson**. Baseado no conto de **Guy de Maupassant** (1850-1893), o filme é uma crônica de época, e narra a ascensão de um jovem de Paris que usa como arma seu poder de sedução sobre ricas mulheres da sociedade local. Rob vai atuar ao lado de **Christina Ricci**, **Uma Thurman**, **Kristin Scott Thomas**. A gravação foi feita em Budapeste, na Hungria.

Após a leitura dos textos, responda as questões abaixo:

1. De quem cada texto fala? Alguém conhece essa pessoa? Já leu outro(s) texto(s) relativo(s) a ela? O que mais sabem sobre essa pessoa?
2. Quando foram produzidos?
3. Para quem foi produzido estes textos?
4. Onde foram publicados?
5. Com qual objetivo foram publicados?
6. Quem são, geralmente, os leitores desses textos?
7. Em quais suportes encontramos estes tipos de textos?

5. ASPECTOS DISCURSIVOS

Compare os textos 1 e 2 utilizando os itens abaixo:

	Texto 1	Texto 2
Título		
Autor		
Tipo de texto		
Gênero		
Quem conta os fatos?		
Quem participa dos fatos?		
Qual é o fato contado?		
Situação Inicial?		
Tempo		
Local		
Apresenta os fatos na ordem cronológica?		
Foco narrativo		

1. Em relação ao texto 1, responda:

a) Escreva resumidamente os fatos que Pedro Bandeira narra da sua própria vida.

b) No trecho “[...] acabei de fazer pequenos textos de ficção para ganhar **algum** além do salário, que me permitisse ajudar meus três filhos a crescer”., qual é o sentido da palavra em destaque?

c) No final, o autor diz que vive somente de literatura. Explique o que ele quis dizer com essa afirmação.

d) Segundo o autor, que fato o fez dedicar-se somente à Literatura?

e) O autor conta algumas passagens de sua vida de forma engraçada. Qual informação você considerou mais interessante? Por quê?

6. ASPECTOS LINGUÍSTICO-DISCURSIVOS

O narrador nos relatos

Um autor pode escrever seu texto na 1ª pessoa ou na 3ª pessoa:

Na 1ª pessoa: o autor do texto vivenciou os fatos relatados;

Na 3ª pessoa: o autor do texto, em geral, limita-se a relatar os fatos, sem ter participado de nenhum deles.

Leia os trechos:

Autobiografia de Pedro Bandeira	Biografia Neymar
Depois do ensino médio, mudei-me para São Paulo para estudar na USP. Trabalhei em teatro profissional, mas principalmente com as duas únicas coisas que eu sabia fazer: ler e escrever.	Neymar da Silva Santos Júnior, nasceu em Mogi das Cruzes e com pouco mais de 6 anos de idade já estava nas categorias de base Portuguesa Santista onde ficou até 2003.

1. Compare as pessoas (1ª ou 3ª) em que foram escritos os relatos lidos e complete:

Na autobiografia, o texto está na _____.

Na biografia, o texto está na _____.

2. Copie as palavras que indicam a pessoa:

* Na autobiografia: _____.

* Na biografia: _____.

3. Responda:

Em qual dos textos o narrador não participa dos fatos relatados?

_____.

Assim, concluímos que:

- Textos em que alguém conta sua própria história de vida, empregando a 1ª pessoa, recebem o nome de **Autobiografia**. Nesse Gênero, geralmente, o autor procura contar fatos reais e não inventados.
- O texto que apresenta de forma oral, escrita ou visual fatos relevantes da vida de uma pessoa, recebe o nome de **Biografia**. Esse gênero textual pode apresentar os fatos em ordem cronológica (de acordo com as datas dos acontecimentos) ou em forma de narrativa.

Hora de organizar o que estudamos

AUTOBIOGRAFIA

Intenção	Construção	Linguagem
Registrar fatos guardados, significativos para o autor	• Elementos da autobiografia: O quê?, Quem?, Onde? E Quando?; Estrutura não padronizada, mais livre.	Pessoal e emotiva; Uso da 1ª pessoa; Uso do tempo passado; Mais pessoal, informal; Uso de aspas;

BIOGRAFIA

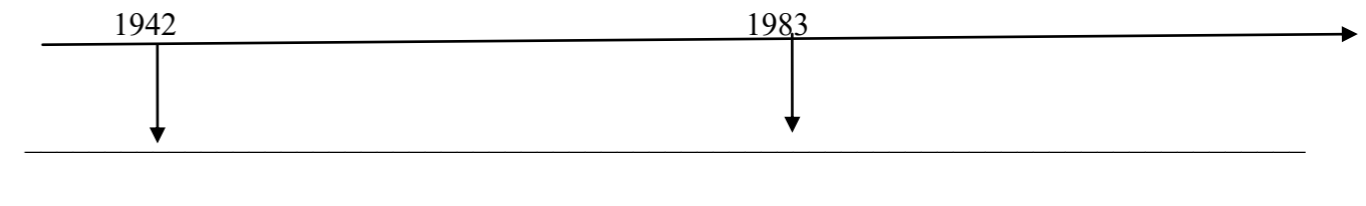
Intenção	Construção	Linguagem
• Informar, fornecendo detalhes sobre a vida e a obra de alguém.	• Elementos do relato biográfico: O quê?, Quem?, Onde?, Quando?, • Estrutura mais padronizada.	• Clara e direta; • Mais formal; • Uso da 3ª pessoa; • Uso do tempo passado.

Identifique nos textos 1 e 2 os aspectos peculiares de cada gênero:

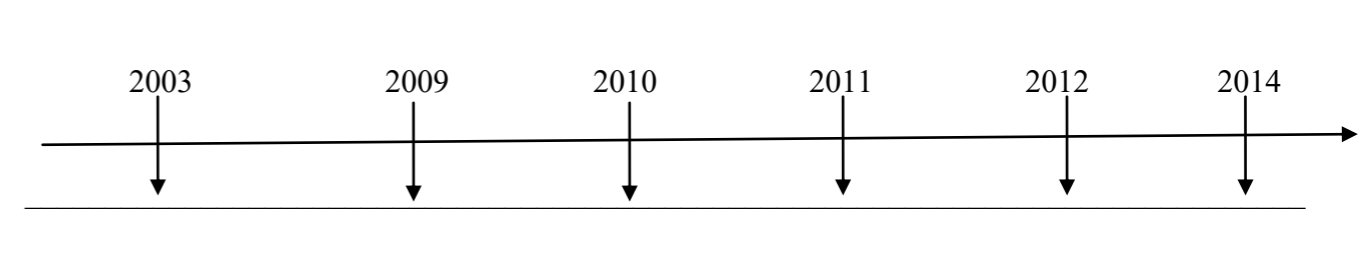
	Texto 1	Texto 2
Linguagem		
Intenção		

Os fatos contados na biografia e na autobiografia apresentam uma ordem cronológica. Complete com os fatos e os locais dos acontecimentos da vida de:

Pedro Bandeira



Neymar



1- Leia um trecho do texto da biografia de Neymar, observando os termos em destaque:

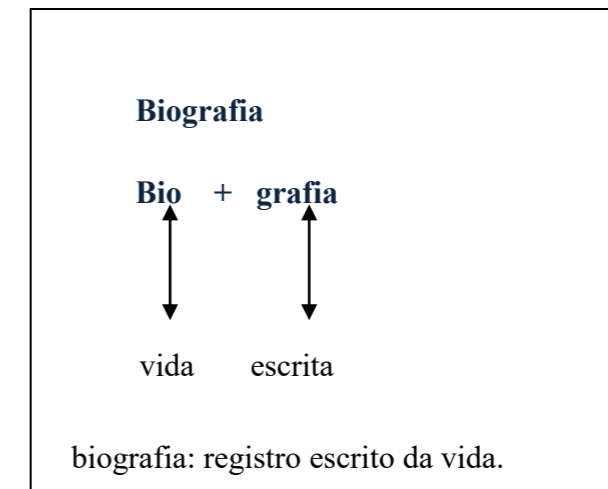
Neymar da Silva Santos Júnior, nasceu em Mogi das Cruzes e com pouco mais de 6 anos de idade já estava nas categorias de base Portuguesa Santista onde ficou até 2003. A partir daí a vida de Neymar começava a se transformar, se transferiu para o Santos, desde cedo já era tido como grande promessa e recebia tratamento diferenciado da diretoria santista. Antes de se tornar profissional, Neymar já recebia diversas propostas de times do exterior se sentiam atraídos por seu enorme talento. Neymar estreou entre os profissionais em 2009, não teve um ano muito brilhante, porém em 2010 começou a se destacar no cenário do futebol nacional, tendo até uma campanha para que ele fosse convocado para a Copa do Mundo de 2010 juntamente de seu parceiro Paulo Henrique Ganso que também vivia grande fase. Nesse ano o Santos foi campeão paulista e da Copa do Brasil, campeonato que teve Neymar como artilheiro com 11 gols. Em 2011 veio a consagração ao levar o Santos ao Bi-Paulista e o maior título com a camiseta santista a Taça Libertadores da América. Em 2012 manteve a média de dois títulos por temporada levando o Tri-Campeonato Paulista e a Recopa Sulamericana e se tornou o maior artilheiro santista após a “Era Pelé” superando Serginho Chulapa e João Paulo, ultrapassando a marca dos 104 gols. Em 2013 chegou ao fim a sua primeira passagem pelo Santos, ele foi vendido ao Barcelona por 57 milhões de euros, ao todo Neymar conquistou 6 títulos com o alvinegro praiano, jogando 230 partidas e marcando 138 gols.

a) A quem se refere às palavras destacadas?

b) Quais pronomes foram utilizados para substituir o nome de Neymar? Com que finalidade essas palavras foram empregadas?

c) Leia a autobiografia de Pedro Bandeira, destaque os verbos e identifique qual o tempo verbal que predomina no texto. Por que isso acontece?

7. PROPOSTA DE PRODUÇÃO FINAL



1- Forneça dados da sua vida a um colega: nome completo, data, local de nascimento, nome dos pais (ou responsáveis), locais onde já morou e estudou (se for o caso) e onde mora atualmente, quais os acontecimentos marcantes da vida, o que gosta de fazer, etc. Seu colega fará o mesmo.

2- Anote os dados fornecidos pelo seu colega.

3- Elabore em uma folha de caderno um pequeno texto biográfico sobre seu colega para ser colado em um mural da classe, para que todos leiam.

4- Lembre-se de que:

a) Biografia é um texto informativo, portanto você deve se ater às informações recebidas;

b) É importante que você seja objetivo, evitando frases muito longas;

c) Por ser um texto informativo, a linguagem usada deve ser formal;

d) Você deve ficar atento ao uso dos tempos verbais;

5- Passe sua produção ao colega, para que ele leia o que você escreveu. Leia a produção de seu colega sobre você. Depois de tudo conferido, se necessário, passe o texto a limpo.

6- Peça uma foto de seu colega para ilustrar seu trabalho e cole-o no mural com as demais biografias.

GRADE DE CORREÇÃO

CONTEXTO DE PRODUÇÃO	RESPOSTAS	
Você se colocou no papel de um escritor?		
Quem você acredita que serão os leitores do seu texto?		
O que você quer informar ao seu leitor?		
ASPECTOS DISCURSIVOS DA BIOGRAFIA	SIM	NÃO
Você colocou título em seu texto?		
O título que você escolheu faz referência à “personalidade” descrita?		
Você descreveu algumas características dessa “personalidade”?		
Você colocou todas as informações que não podem faltar em uma biografia?		
As informações estão organizadas em ordem cronológica?		
ASPECTOS LINGUÍSTICOS	SIM	NÃO
Você utilizou diferentes palavras para retomar o personagem principal, evitando a repetição desse nome?		
Você usou palavras para qualificar o personagem do seu texto?		
Você utilizou elementos de ligação em seu texto?		

SEQUÊNCIA DIDÁTICA

Gênero Textual: BIOGRAFIA E AUTOBIOGRAFIA

FURLAN, Geni de Cássia

VASCONCELOS, Maria de Lourdes

NARESSI, Maria Tereza

PIRES, Olga Souza Grillo Rodrigues

COSTA, Rosângela Barbosa da

FERREIRA, Maria da Graça Constante

Tempo de duração: 4 semanas

Conteúdos: elementos da biografia e autobiografia, descrições, advérbios, e locuções adverbiais, adjuntos adverbiais, tipos de pretérito.

Materiais necessários: textos sobre a biografia de Maurício de Souza, Cora Coralina, filme “ A mágica das Palavras”.

EXPECTATIVAS DE APRENDIZAGEM

- 1) Identificar os possíveis elementos constitutivos da organização interna do gênero;
- 2) Fazer uso da língua e de seus recursos em diferentes situações de comunicação;
- 3) Apropriar-se dos aspectos que compõem o gênero contos maravilhosos;
- 4) Observar e identificar na construção do texto suas unidades menores: parágrafos e frases;
- 5) Apropriar-se da pontuação empregada na produção do gênero.
- 6) Explorar a oralidade.
- 7) Observar o emprego da descrição do gênero proposto.
- 8) Empegar adequadamente advérbios e locuções adverbiais, percebendo a sua importância e função dentro do texto.
- 9) Analisar a importância dos termos acessórios (adjunto adverbial) na construção das orações e dos textos.
- 10) Apropriar-se através de revisão constante, das regras de acentuação.
- 11) Utilizar os três tipos de pretérito.
- 12) Utilizar-se da 1ª e 3ª pessoa do discurso atentando-se para o narrador- personagem e o narrador-observador.

1. APRESENTAÇÃO INICIAL

Prezado aluno,

Neste bimestre, estudaremos o gênero “ Biografia e Autobiografia ”.

Ao final de nossas atividades, realizaremos a confecção de um mural com as biografia pesquisadas, além das autobiografias produzidas por vocês.

Teremos também uma roda de conversas para explorar a oralidade. Nesse momento, cada um poderá se apresentar oralmente contando para a turma sua história de vida.

Neste gênero há o relato em 3ª pessoa, no caso de Biografia e em 1º pessoa, na Autobiografia, quando o próprio biografado conta sua vida ao leitor.

Para o sucesso do texto final biográfico ou autobiográfico, convidamos você, escritor a fazer um trabalho de pesquisa sobre a vida de quem será o biografado, a fim de garantir veracidade e credibilidade nas informações registradas.



BOM TRABALHO!

2. RECONHECIMENTO DO GÊNERO TEXTUAL

Professor (a),

Questione os alunos a respeito das características desse gênero textual e utilize os textos biográficos das seguintes personalidades: Maurício de Souza, Cora Coralina, J.W. Rolling e explore alguns elementos característicos do gênero. Para dar início ao estudo do gênero “Biografia e Autobiografia monte uma Roda de conversa e aborde os seguintes itens:

- O filme conta a história de uma pessoa. Vocês sabem como se chama o texto que conta a história de vida de uma pessoa?

- Vocês já leram alguma biografia ou autobiografia?

Professor (a) , neste momento explicar o sentido da palavra biografia (bio= vida e grafia= escrita) e as diferenças entre biografia e autobiografia.

Professor (a) se possível registre a roda de conversa filmando seus alunos. Peça ajuda ao professor de informática para a tarefa e não se esqueça de solicitar, antes, por escrito, a autorização dos pais ou responsáveis para o uso legal das imagens.

Como socialização final, mostre à turma e à comunidade escolar o resultado das apresentações através das filmagens no datashow da escola, na sala de vídeo e exposição dos trabalhos no mural da escola.

Texto 1

Biografia de Mauricio de Sousa: Cartunista brasileiro

Mauricio de Sousa (1935) é cartunista brasileiro. Criou a "Turma da Mônica", e vários outros personagens de história em quadrinhos. É membro da Academia Paulista de Letras, ocupando a cadeira nº24. O mais famoso e premiado autor brasileiro em quadrinhos.

Mauricio de Sousa (1935) nasceu em Santa Isabel, São Paulo, no dia 27 de outubro de 1935. Filho do poeta Antônio Mauricio de Souza e da poetisa Petronilha Araújo de Souza. Passou parte de sua infância em Mogi das Cruzes, desenhando e rabiscando nos cadernos escolares. Mais tarde passou a ilustrar pôsteres e cartazes para os comerciantes da região. Aos 19 anos mudou-se para São Paulo, onde trabalhou, durante cinco anos, no jornal Folha da Manhã, escrevendo reportagens policiais.

Em 1959, quando ainda trabalhava como repórter policial, criou seu primeiro personagem - o cãozinho "Bidu". A partir de uma série de tiras em quadrinhos com "Bidu e Franjinha", publicadas semanalmente na Folha da Manhã, Mauricio de Sousa iniciou sua carreira. Nos anos seguintes criou diversos personagens - "Cebolinha", "Piteco", "Chico Bento", "Penadinho", "Horácio", "Raposão", "Astronauta", etc. Em 1970, lançou a revista da "Mônica", com tiragem de 200 mil exemplares, pela Editora Abril.

Em 1986, Mauricio saiu da Editora Abril e levou seus personagens para a Editora Globo. Em 1998, recebeu do então Presidente da República, Fernando Henrique Cardoso, a medalha dos Direitos Humanos. Em 2006 saiu da Editora Globo e hoje está na Panini, uma multinacional italiana.

Em 2007, Mônica foi homenageada "Embaixadora do UNICEF". Pela primeira vez um personagem de histórias infantis recebe esse título. Na mesma cerimônia, Mauricio de Sousa foi homenageado "Escritor para Crianças do UNICEF". Em 2008 o Ministério do Turismo nomeou Mônica "Embaixadora do Turismo Brasileiro".

A publicação da "Turma da Mônica Jovem", uma linha de personagens com 15 anos de idade, vendeu em 2008, mais de um milhão e meio de exemplares, dos quatro primeiros números da revista. Nas comemorações do centenário da Imigração Japonesa para o Brasil, Maurício criou os personagens "Tikara" e "Keika", que foram incorporados às histórias da Turma da Mônica.

Hoje entre quadrinhos e tiras de jornais, suas criações chegam a cerca de 50 países. O autor já chegou a 1 bilhão de revistas publicadas. Os quadrinhos se juntam a livros ilustrados, revistas de atividades, álbum de figurinhas, CD-ROMs, livros tridimensionais e livros em braile.



Mais de 100 indústrias nacionais e internacionais são licenciadas para produzir quase 2.500 itens com os personagens de Mauricio de Sousa, entre jogos, brinquedos, roupas, calçados, decoração, papelaria, material escolar, alimentação, vídeos e DVDs, revistas e livros. Em 2013, a "Turma da Mônica" comemorou seus 50 anos.

Disponível em: http://www.e-biografias.net/mauricio_de_sousa/. Acessado em: 29/05/2014.

Texto 2

Biografia de Cora Coralina: Poetisa brasileira

Cora Coralina (1889-1985) foi uma poetisa e contista brasileira, responsável por belos poemas. Foi elogiada por Carlos Drummond de Andrade.

Cora Coralina (1889-1985) nasceu na cidade de Goiás, no dia 20 de agosto de 1889. Seu nome de batismo era Ana Lins dos Guimarães Peixoto Bretas. Tornou-se doceira, ofício que exerceu até os últimos dias de sua vida. Famosos eram os seus doces de abóbora e figo.

Cora Coralina já escrevia poemas em 1903 e chegou a publicá-los no jornal de poemas femininos "A Rosa", em 1908. Em 1910, foi publicado o seu conto "Tragédia na Roça" no "Anuário Histórico e Geográfico do Estado de Goiás", usando o pseudônimo de Cora Coralina. Em 1911, fugiu com o advogado divorciado Cantídio Tolentino Bretas, com quem teve seis filhos. Foi convidada a participar da Semana de Arte Moderna, mas é impedida pelo seu marido.

Já em São Paulo, em 1934, trabalhou como vendedora de livros na editora José Olímpio, onde lançou seu primeiro livro, em 1965, quando tinha 76 anos, "O Poema dos Becos de Goiás e Estórias Mais". Em 1976, é lançado o livro "Meu Livro de Cordel" pela editora Goiana. Mas o interesse do grande público é despertado graças aos elogios do poeta Carlos Drummond de Andrade, em 1980.

Cora Coralina recebeu o título de Doutor Honoris Causa da UFG e foi eleita com o "Prêmio Juca Pato" da União Brasileira dos Escritores, como intelectual do ano de 1983.

Cora Coralina faleceu em Goiânia, no dia 10 de abril de 1985.



Professor (a): apresentar para a turma o filme “ Magia além das palavras”, EUA, 2011, que conta a história de vida de J.W. Rowling, autora da série Harry Potter.

Texto 3

J.W. Rowling

A escritora britânica Joanne Kathleen Rowling nasceu na cidade de Yate, nas proximidades de Bristol, na Inglaterra, em 31 de julho de 1965. Ela se tornaria célebre pela criação do bruxinho Harry Potter, que lhe renderia sete volumes de uma série premiada e aceita quase unanimemente pela crítica e pelo público.

Desde cedo a autora cultivava o gosto da leitura, e vários escritores despertaram na menina o desejo de ser uma escritora. Durante a infância ela nutria um amor incondicional por seus avós paternos, seus prediletos. Sua avó, Kathleen Ada Bulgen Rowling faleceu quando a garota tinha apenas 9 anos. Em sua homenagem, Joanne adota seu nome, representado pela letra ‘K’, para completar seu nome artístico – J.K. Rowling.

Atendendo aos apelos de seus genitores, a criadora de Harry Potter cursou Língua e Literatura Francesa na Universidade de Exeter, ao invés do curso de língua inglesa que pretendia fazer. Após sua graduação, ela deu sequência à formação na capital francesa, aí permanecendo durante um ano. Voltando à Inglaterra, começou a trabalhar na Anistia Internacional em Londres, como secretária bilingue e investigadora. Ansiando por concretizar seu sonho de escrever, deixou o cargo e foi para Portugal no ano de 1991.

Neste país ela dava aulas de Inglês à tarde e à noite e, pela manhã, costumava escrever nas mesas dos cafés do Porto, cidade em que permaneceu por cinco anos. Neste ritmo ela deu início a sua trajetória literária, mais especificamente à criação de sua saga. Ela preservaria a rotina de escrever nos bares, mas seu livro, o primeiro Harry Potter, só foi concluído depois que ela se divorciou do marido, o português Jorge Arantes, e seguiu com sua primogênita para Edimburgo, na Escócia.



Foi uma longa jornada até que Harry Potter e a Pedra Filosofal fosse aceito pelo mercado editorial. A autora teve que realizar um ‘tour’ por diversas editoras, e em 1994 experimentou a miséria e um estado depressivo, até a Bloomsbury decidir lançar sua primeira obra como mais uma na galeria da literatura infantil. Quando enfim ele foi publicado, em junho de 1997, Joanne ministrava aulas de francês. O sucesso foi instantâneo, vieram os primeiros prêmios no campo dos livros para crianças. Ela conquistou até mesmo a premiação de Livro Infantil do Ano, concedido pelo British Book Awards.

Ao negociar seus direitos como autora para os Estados Unidos, por cento e cinco mil dólares, valor inigualável para uma escritora em início de carreira, ela pode deixar as aulas e se dedicar integralmente ao restante da saga Harry Potter. Sua obra prosseguiu a trajetória ascendente, mantendo-se sempre nos primeiros lugares entre os livros mais vendidos, tanto na categoria infantil, quanto na adulta.

Os fãs cresceram a cada volume, especialmente quando a saga foi convertida para as telas dos cinemas, em 2001, ampliando ainda mais as vendas dos livros. A ansiedade dos leitores era tanta, que Rowling teve que ceder as suas pressões e antecipar o lançamento do segundo volume, Harry Potter e a Câmara Secreta, de setembro para junho de 1999.

A terceira parte, Harry Potter e o Prisioneiro de Azkaban, publicada neste mesmo ano, em setembro, conquistou ainda mais prêmios e um sucesso ainda maior. Em 2000 Rowling publicou Harry Potter e o Cálice de Fogo e negociou seus direitos literários com uma famosa empresa cinematográfica, cedendo assim os primeiros volumes para lançamento nos cinemas.

Depois vieram Harry Potter e a Ordem da Fênix, em 2003, Harry Potter e o Enigma do Príncipe, em 2005, e Harry Potter e as Relíquias da Morte, em 2007. Hoje ela é a escritora mais rica e poderosa do Planeta, e pode assim converter sua fortuna no auxílio à luta contra enfermidades, a desigualdade e a miséria do mundo. Sua obra já foi traduzida para sessenta e quatro idiomas, e a revista Forbes a considerou, em 2004, a primeira criadora literária a conquistar bilhões de dólares com esta atividade.

Em 2001 ela se casou novamente, com o anestesista Neil Michael Murray, com quem teve dois filhos, David e Mackenzie, além de Jessica, do primeiro matrimônio. Em fevereiro de 2009, ela obteve das mãos de Nicolas Sarkozy, presidente francês, a divisa de Cavaleiro da Ordem da Legião de Honra.

Fontes:

http://pt.wikipedia.org/wiki/J._K._Rowling <http://magiasdeharrypotter.blogs.sapo.pt/4163.html>

Acessado em: 29/05/2014.

BIO, do grego “ vida”; **GRAFIA** do grego , “ escrita”; **BIOGRAFIA**: “ descrição da vida”

A biografia é um texto informativo sobre a vida de alguém.

Os fatos devem ser descritos na ordem em que aconteceram a sequência temporal. As informações apresentadas geralmente são:

- 1- Nome, data e local de nascimento.
- 2- Fatos da infância.
- 3- Fatos da adolescência ou juventude.
- 4- Fatos da vida adulta.
- 5- Data e local de morte, se for o caso.

Esta é basicamente, a estrutura da biografia.

3. PROPOSTA DE PRODUÇÃO INICIAL- AUTOBIOGRAFIA

Agora é a sua vez de contar a história da sua vida, isto é, produzir uma autobiografia. Sua autobiografia terá como objetivo mostrar diferentes aspectos pessoais que compõem sua vida, e apresentar um levantamento tanto dos aspectos mais marcantes quanto de situações do cotidiano que você considerar interessantes publicar.

Para produzir seu texto siga as instruções:

- a) Selecione alguns fatos de sua vida que você gostaria de narra, como: nome, idade, lugar onde você mora, gostos e preferências, esportes que pratica, acontecimentos alegres e/ou tristes, jeito de ser e de agir.
- b) Faça uma lista dos fatos escolhidos e pense como contá-los.
- c) Organize-os em sequência cronológica, isto é, na ordem temporal em que ocorreram.



Blank lined area for writing the autobiography.

4. CONTEXTO DE PRODUÇÃO

Vimos que a autobiografia vem escrita sempre em 1ª pessoa, pois o biografado escreve sobre si mesmo, é um narrador-personagem. Já a biografia traz um texto em 3ª pessoa, uma vez que é contado por um narrador- observador que deve pesquisar, conversar com colaboradores, investigar, checar as informações e a confiabilidade das fontes, além de organizar os materiais.

Discuta e registre.

a) Qual a importância de uma biografia?

b) O que um escritor de biografias precisa fazer para escrever sobre a vida de uma pessoa?

c) O que aconteceria se os fatos vividos pela pessoa biografada fossem escritos fora da sequência temporal?

MÚLTIPLAS MANEIRAS DE APRESENTAÇÃO

Existem diferentes maneiras de apresentar os fatos em uma biografia. Veja duas deles:

- Colocar o ano e, ao lado, contar o que aconteceu naquela data. Por exemplo:

1935- nascimento de Maurício de Sousa.

- Organizar os acontecimentos mais importantes em um texto contínuo narrado pela própria pessoa que viveu tais fatos. Por exemplo:

“Nasci em Santa Isabel, São Paulo, no dia 27 de outubro de 1935. Sou filho do poeta Maurício de Sousa e da poetisa Petronilha Araújo de Souza, Passei parte da minha infância em Mogi das Cruzes, desenhando e rabiscando nos cadernos escolares. Mais tarde passei a ilustrar pôsteres e cartazes para os comerciantes da região”.

- Alguns documentos, fotografias e outros registros também nos ajudam a organizar certos acontecimentos importantes de vida de uma pessoa. Veja alguns exemplos: Certidão de nascimento, boletim escolar, álbum de infância, etc.

5- ASPECTOS DISCURSIVOS

Estudo comparativo do gênero

	Texto 1	Texto 2	Texto 3
Título			
Suporte de publicação			
Objetivo do texto			
Público alvo			
Pessoa do discurso			

A escola traz muitas e boas lembranças. No texto que você irá ler, uma professora conta um pouco das suas.

Do Magistério

Cursei a faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Itatiba, diplomando-me em 1982. Sou uma professora e tenho muito orgulho disso. Escolhi o magistério, pois me atraiu a ideia de compartilhar as palavras escritas e faladas com o outro.. Ao magistério dediquei os melhores anos da minha vida. Leciono com prazer e entusiasmo. Os alunos são minhas possibilidades de trabalhar o futuro no meu presente. Muitos pais de meus alunos já foram meus alunos. E isso me é motivo de realização e alegria.

Atividades

1. A autobiografia da professora está na 1ª pessoa: ((eu) cursei, (eu) sou, (eu) escolhi, etc. Reescreva na 3ª pessoa: ela. Escolha um trecho para deixar na primeira pessoa. Não se esqueça de usar as aspas para marcar esse trecho.

2. Escolha um fato marcante em sua vida e relate-o detalhadamente.

6. ASPECTOS LINGUÍSTICO-DISCURSIVOS

EXPLORANDO TEMPO VERBAL

1- Releiam a biografia de Cora Coralina atentando para os verbos.

Nos três primeiros parágrafos aparecem “foi”, “nasceu”, “era”, “tornou-se”, “exerceu”, “eram” e “escrevia”.

Em que tempo estão estes verbos?

2- Observem que os verbos “foi”, “era” e “escrevia”, embora estejam os três no passado ou pretérito, indicam sentidos diferentes para a frequência das ações neste contexto.

Qual é a diferença de sentido entre essas três maneiras de usar o pretérito?

3- Em qual delas percebemos que a ação é única?

4- Para indicar situações que se repetem habitual ou continuamente, usamos o tempo verbal chamado **pretérito imperfeito** que aparece em “era” e “escrevia” e para indicar uma ação concluída usamos o **pretérito perfeito** como em “foi”.

Citem mais exemplos dos dois tipos de pretéritos extraídos da biografia de Maurício de Souza e de J. W. Rowling.

- O pretérito perfeito pode ser usado em situações em que é preciso transmitir a ideia de interrupção ou corte das ações em curso como: “*Em 1959, quando ainda trabalhava como repórter policial, criou seu primeiro personagem – o cãozinho “Bidu”.*”

Observe nos textos biográficos que o uso do pretérito perfeito é que faz a narrativa avançar. Por meio dos verbos neste tempo é que percebemos que a história prossegue. É importante fazer uso dele para o desenrolar dos fatos.

- O pretérito mais que perfeito, que embora não esteja nestes textos, é usado na língua para indicar outra situação que dá ideia de uma ação ocorrida no passado e anterior a outra ação também passada.

5- Agora localizem nas biografias outros verbos que aparecem nos dois tipos de pretérito, o perfeito e o imperfeito, e os anotem no quadro abaixo:

Pretérito Perfeito	Pretérito mais que perfeito

6- Leia o trecho abaixo extraído da biografia de J.W.Rowling e observe as palavras destacadas:

...Quando enfim ele foi publicado, em junho de 1997, Joanne ministrava aulas de francês. O sucesso foi instantâneo, vieram os primeiros prêmios no campo dos livros para crianças. Ela conquistou até mesmo a premiação de Livro do Ano, concedido pelo British Book Awards.

Os verbos destacados estão conjugados no tempo pretérito, no entanto existem diferenças entre as conjugações. Separe-os e explique a diferença de sentido provocada pelos tempos verbais

Pretérito perfeito:.....

.....

Pretérito imperfeito:.....

.....

7- Nos textos, para evitar repetições, o autor recorre a alguns recursos de linguagem. Circule na biografia de J.W.Rowling as palavras que foram utilizadas para retomar o nome da autora.

Observem as palavras circuladas e respondam:

- a) Pronomes:.....
- b) Primeiro nome, sobrenome ou apelido:.....
- c) Profissão ou atividade exercida:.....
- d) Elipse:

ADVÉRBIOS, LOCUÇÕES ADVERBIAIS, ADJUNTOS ADVERBIAIS

Em biografias há também palavras que expressam circunstâncias de tempo, lugar, modo, intensidade, etc. que são os advérbios e locuções adverbiais, classificados sintaticamente de adjuntos adverbiais. Predominam nesse gênero textual as circunstâncias de tempo e de lugar.

8- Releiam as três biografias e transcrevam nos cadernos um trecho de cada uma delas em que apareçam tais circunstâncias de tempo e de lugar.

TRAVESSÃO E VÍRGULA

No 3º parágrafo da biografia de Maurício de Souza, o trecho: “Em 1959, quando ainda trabalhava como repórter policial, criou o seu primeiro personagem – o cãozinho Bidu.” E no último período do 2º parágrafo da biografia de J. K. Rowling. “Em sua homenagem, Joanne adota o seu nome, representado pela letra ‘K’, para completar seu nome artístico – J.K.Rowling.”

9- Reflitam e respondam por que aparece o travessão nestes dois trechos?

10 - Voltem às biografias e observem o uso das vírgulas para separar adjuntos adverbiais de lugar e de tempo como em “**Cora Coralina faleceu em Goiânia, no dia 10 de abril de 1985.**” Confiram as demais situações em que locais e datas são separados por vírgulas nas biografias apresentadas.

11 - Dentre as ocorrências do uso do travessão, associe abaixo o que corresponde a:

- a) para isolar a fala da personagem da fala do narrador;
- b) destacar ou isolar palavras ou expressões no interior das frases, ou seja, uma espécie de explicação;
- c) indicar a mudança de interlocutor nos diálogos.

() – Quer saber de uma coisa? O melhor é nós terminarmos. - Terminarmos? Ele sentiu um frio. - Não combinamos mais mesmo.

() Grande futuro? Talvez naturalista, literato, arqueólogo, banqueiro, político, ou até bispo – bispo que fosse – uma vez que fosse um cargo...

() – Que deseja agora? – gritou-lhe afinal, a voz transtornada. – Já não lhe disse que não tenho nada a ver com suas histórias?

7 - PROPOSTA DE PRODUÇÃO FINAL

Autobiografia

Falar de si mesmo é sempre difícil... Nada como uma boa dose de bom humor para olhar para si próprio, não é mesmo? Leia a autobiografia abaixo que foi escrita de forma bem-humorada.

Aí eu peguei e nasci!

Sou filho de árabe com loira e deu macaco na cabeça. E eu não tenho 56 anos. Eu tenho 18 anos. Com 38 de experiência. E eu era um menino asmático que ficava lendo Proust e ouvindo programa de terror no rádio.

Em 69 entrei pra Faculdade de Direito do Largo de São Francisco. Mas eu matava aula com o namorado da Wanderléa pra ir assistir o programa de rádio do Erasmo Carlos. E aí eu desisti. Senhor Juiz, Pare Agora!

E aí eu fui pra swinging London, usava calça boca de sino, cabelo comprido e assisti ao show dos Rolling Stones no Hyde Park. E fazia alguns bicos pra BBC.

Voltei. Auge do tropicalismo. Frequêntava as Dunas da Gal em Ipanema. Passei dois anos batendo palma pro pôr-do-sol e assistindo o show da Gal toda noite. E depois diz que hippie não faz nada! (...)

José Simão

Perceba como José Simão, ao usar linguagem coloquial, expressões populares e gírias, se aproxima do leitor de jornal e da Internet ao escrever um texto descontraído e cheio de humor: "Aí eu peguei", "deu macaco na cabeça", "matava aula", "alguns bicos pra BBC", etc.

Ao escolher "fatos não nobres" de sua autobiografia, José Simão torna seu texto mais engraçado e carregado de ironia - uma boa maneira de fazer humor.

Disponível em: www.uol.com.br/educacao

* Agora é a sua vez: escreva uma autobiografia bem-humorada citando os fatos importantes ou não tão importantes da sua vida. Lembre-se de que o que importa não é o fato, ou seja, "o que" você escreve, mas "como" você escreve. Utilize-se de exageros, comparações e outros recursos estilísticos para que seu texto fique engraçado, polêmico ou irônico.

GRADE DE CORREÇÃO- GÊNERO AUTOBIOGRAFIA

CRITÉRIOS	ESTÁ OK	DEVO MUDAR
1- Adequação ao contexto de produção Seu texto está adequado ao público-alvo? Há concordância entre os verbos e o foco narrativo, em 1ª ou 3ª pessoa do discurso?		
2 – Estrutura da autobiografia Há exposição linear dos fatos? Há coesão entre as partes do texto (usa elos ou organizadores textuais que indicam a sequência dos fatos)?		
3- Elementos narrativos A descrição deixa claro o perfil do biografado? O foco narrativo está de acordo com os verbos empregados na autobiografia?		
4- Aspectos linguísticos Há advérbios e locuções adverbiais que deixam o texto mais detalhado? Há predominância de verbos no passado? O texto está adequado à variedade padrão da língua?		
5- Linguagem O texto apresenta linguagem em conformidade com a norma padrão. O texto apresenta alguns desvios da norma padrão (ortografia , concordância e regência nominal e verbal). O texto apresenta muitos desvios da norma padrão que comprometem sua compreensão.		

SEQUÊNCIA DIDÁTICA

Gênero Textual: MEMÓRIAS LITERÁRIAS

DA SILVA, Maria Soneide

Tempo de duração: 8 semanas

Conteúdos: Leitura de diversos textos do gênero; atividade de reconhecimento das características do gênero; localização de informações no texto; predicado; classificação do predicado; acentuação (palavras monossílabas, oxítonas, paroxítonas).

Materiais necessários: Cópias dos textos a serem utilizados.

EXPECTATIVAS DE APRENDIZAGEM

- 1) Analisar e produzir os gêneros, observando o contexto de produção (interlocutores, finalidade, suporte e circulação do texto);
- 2) Produzir memórias literárias, seguindo suas características composicionais;
- 3) Produzir, revisar e reescrever textos como uma prática social.
- 4) Identificar os possíveis elementos constitutivos da organização interna do gênero;
- 5) Ler para compreender;
- 6) Ler para revisar o próprio texto;
- 7) Conhecer as características composicionais de um texto de memórias;
- 8) Conhecer e identificar os diferentes tipos de predicado;
- 9) Conhecer e identificar o predicativo, observando o seu valor semântico;
- 10) Apropriar-se, através da revisão constante, das regras de acentuação;

1. APRESENTAÇÃO INICIAL

Prezado aluno,

A nossa memória pode ser ativada pelo contato com vários elementos: é um cheiro, uma música, um gosto, uma sensação, uma palavra... tudo pode nos remeter as boas lembranças ou a algo que nos marcou nossa vida.

É o simples cheiro de lápis de cor que nos faz lembrar o tempo de escola, o cheiro de um doce caseiro que nos faz recordar da infância e do carinho da vovó, é o cheiro de um perfume que nos faz lembrar alguém que foi ou é muito importante para nós, a lembrança de uma música que nos sensibiliza e nos faz viajar para momentos gostosos que compartilhamos com alguém. . .

Enfim, armazenamos na memória tudo o que nos surpreende, nos cativa e emociona.

Vamos viajar pelo mundo das recordações, das vivências, das memórias que deixaram marcas.



BOM TRABALHO!

2. RECONHECIMENTO DO GÊNERO TEXTUAL

Professor (a),

Para explorar o gênero “Memórias”, selecione alguns textos para leitura ou leve os alunos para a biblioteca e/ou laboratório de informática. Após a leitura de vários textos de memória, questione-os com relação às características do gênero. As anotações podem ser feitas na lousa ou em um cartaz para ficar exposto na sala.

Valores perdidos

Minha infância foi em Corumbá-MS, onde nasci e vivi, era repleta de brincadeiras como “pega-pega”, “amarelinha”, “passa anel” “peteca”, “roda” e várias outras que cercavam as crianças da época. Lembro-me que havia uma inocência no brincar em que a amizade e o respeito eram valorizados.

Esse respeito estava presente, também, na minha relação com meus pais que era muito boa. Brincávamos, conversávamos, mas quando chegava visita, não podíamos entrar no meio da conversa, entrar na sala jamais era permitido, caso desobedecêssemos, éramos colocados de castigo, além de levarmos algumas palmadas.

Na minha época, a sociedade era tranquila, não havia brigas, rebeldias. A sociedade vivia em harmonia. Isso devido aos cuidados dos pais ou responsáveis, pois se quiséssemos sair, só podíamos acompanhados da mãe ou do pai. Andar sozinho era sinônimo de falta de respeito.

Quando cheguei aqui em campo Grande, não tinha prédios, poucas ruas asfaltadas, o bairro onde vivo até hoje, era tranquilo, não tinha muitos bandidos ou qualquer outro tipo de vandalismo. Caminhávamos tranquilamente pelas ruas admirando os passantes e os lugares. Tomar o chimarrão e o tererê nas calçadas era algo mais comum.



Lembro-me de algo que marcou bastante minha vida, foi o dia em que minha mãe morreu. Fiquei muito triste, senti-me mal e cheguei a pensar: “o que seria de mim?”, mas com o passar do tempo superei e hoje ficaram as boas lembranças de quem amo muito.

Diante desses fatos, para mim a vida de antigamente era bem melhor, pois não existia tanta desgraça como hoje, não tinha tanta droga, vândalos, gangues e o estresse da sociedade atual.

Outra diferença está na tecnologia, naquela época era composta por Discos de músicas (os chamados LP’S) e rádios, lembro-me que em casa tínhamos fogão à lenha, o ferro de passar a roupa era aquecido com brasas feitas de carvão. Não tínhamos televisão, geladeira e várias outras mordomias de hoje.

Comparando a sociedade atual e a de antigamente muitas coisas se perderam as pessoas ficaram mais violentas além de fofocas caluniosas. Sou Gilma Flores, tenho 60 anos, nasci em 23 de maio de 1952 e esse é o meu sentimento ligado ao aprendizado dos anos que apesar de às vezes lamentar, alegro-me em ver tudo que posso ensinar e continuar aprendendo.

Disponível em: <http://profwagnerlucas.blogspot.com.br/2012/08/um-texto-de-memorias-literarias-escrita.html>

O que são memórias literárias?

Memórias são textos produzidos para rememorar o passado, vivido ou imaginado. Para isso devem-se escolher cuidadosamente as palavras, orientados por critérios estéticos que atribuem ao texto ritmo e conduzem o leitor por cenários e situações reais ou imaginárias. Essas narrativas têm como ponto de partida, experiências vividas pelo autor no passado, contadas como são lembradas no presente. Há situações em que a memória se apresenta por meio de perguntas que fazemos ou que fazem para nós, em outras, a memória é despertada por uma imagem, um cheiro, um som.

Esse tipo de narrativa aproxima os ausentes, compreende o passado, conhece outros modos de viver, outros jeitos de falar, outras formas de se comportar e representa possibilidades de entrelaçar novas vidas com as heranças deixadas pelas gerações anteriores.

Em um texto de memórias há palavras e expressões que indicam uma época, situando o leitor no tempo passado. Refere-se a objetos, lugares e modos de vida que já não existem ou se transformam.

Descreve, quando necessário, o que querem dizer certas expressões antigas ou o significado de certas palavras em desuso.

1) Quem escreveu o texto?

2) Com qual intenção o texto foi escrito?

3) No texto você consegue identificar palavras que remetem à memória?

4) A autora fala da infância com saudosismo. Quais brincadeiras cercavam as crianças da época?

5) Como era a relação com seus pais?

6) O texto apresenta o uso da linguagem informal. Destaque as palavras que a evidenciam.

7) Quais as tecnologias que a autora menciona que havia na época?

8) Quais objetos são mencionados no texto com a intenção de contextualizar as memórias?

9) Qual a impressão da autora quando compara o passado com o presente?

10) A autora menciona algo que marcou muito sua vida. Que fato foi esse?

3. PROPOSTA DE PRODUÇÃO INICIAL

Agora que você já observou as principais características do gênero memórias literárias, escolha alguém de sua família, elabore um questionário e entreviste essa pessoa buscando informações sobre suas lembranças. Após coletar as informações você deverá ocupar o lugar do entrevistado e escrever o texto em primeira pessoa.

Não se esqueça de dar um título ao seu texto.

4. O CONTEXTO DE PRODUÇÃO DO GÊNERO MEMÓRIAS LITERÁRIAS

TEXTO 1

Chão varrido

Não quero esquecer aquele cantinho só meu, cheio de vida, de sons e de cores que há muito tempo só existe em minha memória: a casinha de tábuas onde morávamos; o fogão a lenha num dos cantos da cozinha, que tismava tudo, manchando de preto narizes, paredes e o teto de palha; a casa de farinha – lugar de suplício para mim, que odiava lavar mandioca –, e a densa floresta ao redor, interrompida por pequenos roçados, de onde papai e mamãe tiravam, com muita dificuldade, o sustento da família...

Ali, meus velhos só viviam para o trabalho. E aos sábados, que nem burrinhos de carga, lotados de cestas, iam ao antigo mercado vender o que colhiam na lavoura e comprar o rancho, como denominavam a feira semanal.

Eu, menina levada, e minhas três irmãs, apesar dos trabalhos que éramos obrigadas a fazer (“pastorar” arroz, raspar e lavar mandioca, arrancar ervas daninhas dos roçados), nos divertíamos também.



Brincávamos de casinha, de esconde-esconde e, às vezes, quando papai nos mandava pastorar o plantio do arroz, para enxotar passarinhos, nós aproveitávamos para jogar pedrinha – diversão arriscada, que papai nem sonhava acontecer! Por isso quando víamos vir em direção do roçado, começava a gritaria desenfreada: “Xô, passarinho, xô!”.

Mas eu gostava mesmo era de ir ao roçado sozinha, porque ali procurava um galho de alguma árvore caída e passava a tarde me balançando e cantando o mais alto que eu podia. Eu adorava cantar e achava que estava abafando! Gostava de ouvir o eco da minha voz mata adentro...

Porém, as lembranças que mais me emocionam são da natureza e da simplicidade da vida naquele recanto: os riachos de água límpida e fria, onde passávamos parte do tempo nos banhando, mesmo a contragosto de nossos pais; as plantinhas de cores variadas, cheias de besouros coloridos; as espigas de milho, que para mim eram bonecas de

cabelos lindos – cor-de-rosa, amarelinho, esverdeado...; os passarinhos diversos: rolinhas, curiós, beija-flores, sanhaços e outro montão de que nem me lembro mais os nomes. Nunca me esqueci do canto da passarada ao amanhecer: era trinado sem fim, uma festa diária na mata. Durante o dia, o céu limpinho me parecia ter sido varrido por alguém, assim como eu varria o terreiro. Santa inocência!

E as noites de verão? Como me encantavam as sombras das árvores que a lua cheia projetava no terreiro, onde ficávamos até mais tarde observando as estrelas, contando-as, nomeando-as, e elas me pareciam mais numerosas que hoje, penduradas no céu como enfeites de árvore de Natal... De repente, aquele estado de contemplação era interrompido por um tiro no meio da mata. Era uma armadilha de papai anunciando que havia paca ou tatu para o almoço de domingo. E lá se ia meu velho herói, portando um terçado, uma lanterna a pilha, e acompanhado de um vira-lata corajoso em busca de caça já agonizante. Tempos bons aqueles!

Mas, hoje, só saudades... Daquele lugar mágico, que minha memória resgata com tanta vivacidade, só vejo breves resquícios, prestes a se desfazerem também. Aquela exuberância em verde e vida de toda a natureza ao redor foi apagada em nome do progresso. Pouco a pouco, o verdor da floresta foi sendo engolido pela motosserra, as águas, lambidas pelo fogo, as matas tombaram e cederam lugar a ruas, casas, igrejas, escolas, pastos... E eu, impotente, assisti a tudo, dando a cada dia um novo adeus lacrimajante a algum elemento que se ia embora, sem chance de regresso.

Mataram-me a mata e parte da minha história, destruíram meus castelos de sonho, e nada pude fazer para impedir. Aquela mundo encantado, que existiu concretamente, e ficava aqui em Cruzeiro do Sul, interior do Acre, agora é abstrato, só existe em minha memória.

Eduarda Moura Pinheiro

(Texto baseado na entrevista feita com a sra. Elisângela Oliveira Silva de Araújo, 31 anos.)

TEXTO 2

Gotas de chuva... leve barulho da saudade!

Mais uma vez sinto o calor da lembrança, e o calafrio da saudade... Meu ser anuncia a hora de relembrar o maravilhoso tempo de criança, as ideias inesquecíveis, brincadeiras memoráveis e contagiantes daquele tempo...

Bons tempos aqueles: morávamos num lugar pequeno, cheio de matas e animais, casas rústicas, construídas pelos moradores com paredes de pau a pique – um trançado de ripas como estrutura para fixar o barro batido nos buracos. Hoje as casas são de alvenaria, as matas desapareceram e com elas os animais. O lugar é chamado de Córrego Baixo Moacir, município de Governador Lindenberg, interior do Espírito Santo.



Naquela época, com movimentos rápidos das mãos, víamos a agulha franzir o babado: era nossa mãe costurando nossos vestidos para irmos à missa aos domingos. Nossos olhares de crianças puras brilhavam feito pequenas esmeraldas, curiosos em saber qual seria o modelo mais belo. Agora o carinho das mãos habilidosas de nossa mãe foi substituído pela frieza das máquinas. Logo após a missa, na estrada de terra – esta pelo menos

ainda existe! –, voltávamos a pé e lá de longe já sentíamos o cheiro do frango caipira, coradinho com a tinta retirada dos fartos pés de urucum que vovô socava no pilão. O frango era acompanhado pela polenta, uma herança da cultura italiana. O aroma que vinha da janela da casa da vovó era convidativo e fazia com que apressássemos o passo.

Eu estimava os dias de chuva, quando bastava ouvir um leve toque anunciando que a festa ia começar. Era só abrir a porta e meus amigos transformavam-se em “campainhas”, cujo barulho de felicidade era demonstrado aos berros, ao sentir o prazer de cada gota caindo sobre seus corpos, que refrescava a alma. A chuva caía vagarosamente e num passe de mágica transformava-se numa cachoeira em gotas. Mas nós não estávamos satisfeitos e bastava a distração dos familiares para que corrêssemos estrada afora e de poça em poça descobríssemos mais um mistério. Esses eram os dias de que mais gostávamos: os mágicos dias de chuva, que hoje já não são tão frequentes.

Já nos dias em que o sol recobria o telhado de palha de coqueiro, feito por nossas pequenas mãos, nossa diversão era construir nossos próprios brinquedos. Tudo era utilizado: pequenos frutos e pedaços de gravetos. Carretéis e madeira eram usados para fazer os carrinhos, também brincávamos de bonecas costuradas com palha e sabugo de milho colhidos no quintal, o que hoje já não acontece, pois as crianças de agora pensam somente nos brinquedos falantes, jogos eletrônicos e em tudo o que não desperta a curiosidade, a inteligência, e faz com que não usem suas mãos para inventar e construir, preferindo apertar somente um botão.

Nos fins de semana, reunia os amigos para colhermos frutos e degustá-los. Uma delícia! Hoje os frutos são poucos e quando não contaminados pelo excesso de agrotóxicos nas lavouras.

Nossas roupas branquinhas passadas a ferro em brasa – até então não existia energia elétrica –, os vestidos engomados com uma mistura de água e polvilho, muito usada na época, estavam completamente sujos, o que nos rendiam alguns sermões de nossas mães. E, assim, após o banho, eu ia à casa da vovó ouvir o vovô contar histórias relembrando seu passado, suas memórias, que me faziam adormecer em sonhos, saboreando as primícias de uma infância bem vivida.

Saionara Aparecida Sant’Ana dos Santos

(Texto baseado na entrevista feita com a Sra. Olga Bertti Sant’Ana, 68 anos.)

A partir da leitura dos textos, responda as seguintes questões:

1) Quem escreveu o texto 1 e o texto 2?

2) O que a linguagem empregada revela sobre o momento de produção dos textos lidos?

Texto 1 _____

Texto 2 _____

3) Qual o público alvo de cada texto? Justifique sua resposta.

4) Os textos de memórias apresentados tem como objetivo:

A – () informar sobre as memórias de uma pessoa idosa

B – () divertir o interlocutor

C – () contar uma história de criança

D – () resgatar o passado a partir das lembranças do narrador-personagem.

5) Nos textos, que expressões caracterizam a retomada do passado?

Texto 1 _____

Texto 2 _____

5. ASPECTOS DISCURSIVOS

Observe os detalhes dos textos “Chão varrido” e “Gotas de chuva... leve barulho da saudade!”:

1) Identifique como eram e compare com os dias atuais os seguintes itens:

a) As casas:

b) As brincadeiras:

c) O trabalho:

d) Os valores:

e) A comida:

f) A natureza:

2) Analise o texto 1:

a) Que palavras aparecem no início do texto que remetem aos sentidos do corpo?

b) Ao relatar as memórias, a narradora menciona o que mais a emociona. O que é? E porque ela expressa saudosismo daquela época?

3) Analise o texto 2:

a) No 4º parágrafo a autora faz referência ao que mais a deixava feliz. O que era? Tire do texto palavras que comprovem sua resposta.

b) No 5º parágrafo a narradora fala das brincadeiras. Como elas aconteciam?

4) Compare os textos “Chão varrido” e “Gotas de chuva... leve barulho da saudade!” O que eles têm em comum em relação:

a) Ao título: _____

b) Ao assunto: _____

5) Que palavras ou expressões os dois textos utilizam para marcar o tempo passado?

6. ASPECTOS LINGUÍSTICO-DISCURSIVOS

Caro (a) professor (a) é importante neste momento sistematizar algumas informações a respeito dos elementos essenciais da oração, mais especificamente apresentar o predicado e sua classificação.

Vamos lá...

Predicado

Predicado é aquilo que se declara a respeito do sujeito. Nele é obrigatória a presença de um verbo ou locução verbal. Quando se identifica o sujeito de uma oração, identifica-se também o **predicado**. Em termos, tudo o que difere do sujeito (e do vocativo, quando ocorrer) numa oração é o seu predicado. Veja alguns exemplos:

As mulheres	compraram roupas novas.
	Predicado

Durante o ano,	muitos alunos	desistem do curso.
Predicado		Predicado

A natureza	é bela.
	Predicado

TIPOS DE PREDICADO

1- Predicado Verbal

O predicado verbal possui obrigatoriamente um verbo, o qual é o núcleo do predicado. O verbo é núcleo do predicado quando é nocional, ou seja, que demonstra uma ação.

Ex:

Os alunos **estudam** todos os dias para o concurso.

Observe na frase que o verbo “estudam” evidencia uma ação: o ato de estudar, e diz respeito ao sujeito “os alunos” ao mesmo tempo que é complementado pelo restante do predicado “todos os dias para o concurso”. Porém, como o núcleo do predicado é o verbo “estudam”, chamamos o predicado de verbal.

2 - Predicado Nominal

No predicado nominal o núcleo do predicado é um **nome**, o qual exerce a função de predicativo do sujeito.

Predicativo do sujeito é um termo que dá significado, atributo, característica ao sujeito ou, ainda, exprime seu estado ou modo de ser. O predicativo é conectado ao sujeito sempre através de um verbo de ligação.

Ex:

1ª. Ela **está** cansada.

2ª. As taxas de juros **continuam** elevadas.

Observe na primeira oração que “cansada” é um atributo dado ao sujeito “Ela”. O sujeito “Ela” e o predicado nominal “cansada” estão conectados pelo verbo de ligação “está”.

Na segunda frase, observamos o mesmo processo anterior de análise: perguntamos quem continua? e continua o quê? E temos as respostas: “as taxas de juros” (sujeito) e “elevadas” (predicado nominal), ou seja, o predicativo nominal só atribui significado ao sujeito quando ligado pelo verbo de ligação (continuam). A oração só tem sentido pelo complemento (predicado) “elevadas”, o qual é, portanto, o núcleo do predicado nominal.

3 - Predicado verbo-nominal

O predicado verbo-nominal possui dois núcleos: um verbo nocional, como vimos no predicado verbal, e um predicativo, que pode referir-se tanto ao sujeito quanto ao verbo.

Ex:

Os alunos **estudaram cautelosos** para o simulado.

Observamos na frase que há dois núcleos: o verbo nocional (estudaram), ou seja, o sujeito praticou uma ação. No entanto, há uma característica dada ao sujeito “cautelosos”, que é, portanto, uma

predicação, uma qualidade concedida ao sujeito, logo, é o predicativo do sujeito. Poderíamos desdobrar a última oração em duas:

Os alunos **estudaram** para o simulado. Eles foram **cautelosos**.

Na primeira oração temos um predicado verbal “estudaram para o simulado”, no qual o núcleo é o verbo nocional “estudaram”. Já na segunda oração o núcleo do predicado é um nome “cautelosos” conectado por um verbo de ligação (foram) ao sujeito (Eles) e, portanto, é um predicado nominal.

ATIVIDADES

1) Leia os trechos retirados dos textos estudados e identifique os predicados de cada oração:

- “Ali, meus velhos só viviam para o trabalho”. _____
- “Mas eu gostava mesmo era de ir ao roçado sozinha”. _____
- “Eu adorava cantar (...)”. _____
- “Hoje as casas são de alvenaria(...)”. _____
- “Carretéis e madeira eram usados para fazer os carrinhos”. _____
- “A chuva caía vagarosamente”. _____
- (...) as matas desapareceram e com elas os animais”. _____

2) Separe sujeito e predicado nas orações abaixo. Depois, circule os núcleos do predicado e marque (PN) para predicado nominal, (PV) para predicado verbal e (PVN) para predicado verbo-nominal.

- () Não quero esquecer aquele cantinho só meu.
- () Ali os velhos só viviam para o trabalho.
- () Chove bastante em São Paulo.
- () O diretor aceitou o convite.
- () Tatiana é muito sorridente.
- () Os turistas chegaram cansados.
- () Aquela janela é de alumínio.
- () A última partida foi difícil.
- () Meus tios viajaram para Londres.
- () O ônibus saiu atrasado.
- () Lá em casa somos três.
- () Clarice e Claudete são gêmeas.

- () Eu adoro comprar sapatos.
- () Margarete escolheu seu vestido de casamento.
- () Anderson mora em Manaus.
- () A História é a mestra da vida.
- () Os preços dos imóveis estão altíssimos.
- () Amanheceu.
- () Minha irmã está na escola.

3) Coloque C nas afirmativas corretas e E nas erradas.

- () Em uma oração, sempre que houver verbo de ligação haverá predicativo do sujeito.
- () Se o verbo da oração for transitivo direto, o predicado será nominal.
- () Nunca haverá predicado nominal, se na oração houver um verbo intransitivo.
- () Quando o verbo da oração for intransitivo ou transitivo, o predicado será nominal.

4) Observe a tirinha a seguir e responda as questões:



- a) No primeiro quadrinho o verbo ser pode ser classificado como:
 - () verbo de ação
 - () verbo de ligação
- b) No primeiro quadrinho podemos afirmar que o tipo de predicado é:
 - () predicado verbal
 - () predicado nominal
 - () predicado verbo-nominal

c) No segundo quadrinho quais palavras apresentam-se como predicativos?

d) Na fala do Garfield, presente no terceiro quadrinho qual o tipo de predicado?

5) Complete a tabela abaixo:

Frase	Classificação do Sujeito	Classificação do predicado	Classificação do verbo
a) Um artista e um cozinheiro fazem a sena.			
b) Havia fatos ocultos naquela história.			
c) Os meses passavam muito rápido.			
d) Precisa-se de funcionários.			
e) Muitas pessoas cantaram naquela festa.			
f) Falaram ao professor sobre a prova.			
g) Eles tinham feito a tarefa.			
h) Ele está nervoso com a situação			
i) O estudo promove o conhecimento.			
j) Pedro chegou cansado do serviço.			
k) Os alunos e os professores parecem animados.			
l) A lição tornou-se simples.			
m) O dia está quente.			
n) Choveram ameaças no jogo.			

Regras de Acentuação

1- Monossílabos

Os monossílabos, conforme a intensidade com que se proferem, podem ser **tônicos** ou **átonos**.

• Monossílabos Tônicos

Possuem autonomia fonética, sendo proferidos **fortemente** na frase onde aparecem. Acentuam-se os monossílabos tônicos terminados em:

a(s): lá, cá **e(s)**: pé, mês **o(s)**: só, pó, nós, pôs

• Monossílabos Átonos

Não possuem autonomia fonética, sendo proferidos **fracamente**, como se fossem sílabas átonas do vocábulo a que se apoiam.

o(s), a(s), um, uns, me, te, se, lhe nos, de, em, e, que, etc.

2- Oxítonas

Sílaba tônica: última

Acentuam-se as oxítonas terminadas em:

<i>a(s)</i> :	sofá, sofás
<i>e(s)</i> :	jacaré, vocês
<i>o(s)</i> :	paletó, avós
<i>em, ens</i> :	ninguém, armazéns

3- Paroxítonas

Sílaba tônica: penúltima

Acentuam-se as paroxítonas terminadas em:

<i>l</i>	fácil
<i>n</i>	pólen
<i>r</i>	cadáver
<i>ps</i>	bíceps
<i>x</i>	tórax
<i>us</i>	vírus

<i>i, is</i>	júri, lápis
<i>om, ons</i>	iândom, íons
<i>um, uns</i>	álbum, álbuns
<i>ã(s), ão(s)</i>	órfã, órfãs, órfão, órfãos
ditongo oral (seguido ou não de s)	jóquei, túneis

6) Assinale a alternativa correta para as questões abaixo relacionadas:

a) Não são paroxítonas as palavras:

() todas – florestas - homens

() espaço – natureza - contrário

() poluídas – feia - suja

() lugar – atrapalhar - aliás

b)

() Todas as proparoxítonas são acentuadas

() a palavra “árvore” é uma oxítônica

() Todas as oxítonas são acentuadas

7) Veja as palavras oxítonas abaixo:

café, será, vovô, feroz, ipês, Pererê, parabéns, andarei, jabuti, alguém, urubu, trenós, jiló

Copie:

a) As palavras oxítonas acentuadas são: _____

b) As palavras oxítonas não acentuadas são: _____

8) Abaixo estão misturados monossílabos tônicos e átonos. Acentue quando for necessário:

ve, for, le, lhe, cem, sem, te, Ze, fez, flor, mau, mal, grau, tras, traz, fe, ja, pos, ha , ma.

9) Assinale a alternativa em que todos os vocábulos são acentuados por serem oxítonos:

- a) paletó, avô, pajé, café, jiló
- b) parabéns, vêm, hífen, saí, oásis
- c) você, capilé, Paraná, lápis, régua
- d) amém, amável, filó, porém, além
- e) caí, aí, ímã, ipê, abricó

10) Agora, baseado nas explicações dadas, acentue, se for preciso, as palavras abaixo e explique porque cada uma delas leva acento.

a) Tive um canário.

b) Compramos novos moveis de sala.

c) O peixe respira atraves de branquias.

d) Cairam uns niqueis no chao.

e) A agua e indispensavel à vida.

f) Guardei os doces no armario.

g) Tive uma ideia brilhante.

h) Eu apoio a sua decisao.

i) A senhora trazia um veu na cabeça.

j) Eles aplaudiram o heroi.

k) Um relampago rasgou a noite.

l) No Parana existem grandes lavouras de cafe.

m) Joana achou muito facil usar o dicionario.

n) O torax e uma parte do corpo humano.

o) O onibus passou e Jose nem percebeu.

p) O taxi parou em frente ao hotel.

q) O juri reuniu-se para comunicar a sentença.

r) Apos a tempestade, vem a bonança.

7. PRODUÇÃO FINAL

Considerando o que você aprendeu sobre o gênero memórias, escolha uma foto que retrate um momento em família muito importante. Peça para o seu pai ou sua mãe resgatar as memórias relacionadas à foto. Ouça a narrativa, anote as informações como descrições de lugares, pessoas, sensações, emoções e sentimentos. Faça um relato como se essa pessoa fosse você. Utilize palavras e expressões que situem o leitor no tempo passado. Utilize a norma padrão da língua.

GRADE DE CORREÇÃO

	Sim	Não
1- O título do texto é sugestivo? Instiga o leitor?		
2- O narrador está em 1ª. pessoa ?		
3- Há descrição de objetos antigos, lugares, costumes?		
4- Há referência às sensações, emoções e sentimentos?		
5- Os verbos no pretérito perfeito e imperfeito são usados corretamente?		
6- O registro escrito, que inclui ortografia, pontuação, acentuação está adequado?		
7- A concordância nominal e verbal está de acordo?		
8- Há comparações entre o passado e o presente?		
9- texto traz palavras e expressões que situam o leitor no tempo passado?		
10- Utiliza a norma padrão da língua?		

SEQUÊNCIA DIDÁTICA

Gênero Textual: ENTREVISTA

MORAES, Marisa Armênio de.

SANTOS, Claudete Tresoldi.

Tempo: aproximadamente 3 semanas

Conteúdos: Adjunto adnominal, complemento verbal, elementos do gênero entrevista.

Materiais necessários: livro “Para viver juntos”, 6 ano, SM, textos com entrevistas, jornais, revista Veja e outras, caderno.

EXPECTATIVAS DE APRENDIZAGEM

- 1) Ler para observar a função social dos gêneros textuais;
- 2) Ler para compreender;
- 3) Ler para revisar o próprio texto;
- 4) Analisar e produzir os gêneros observando o contexto de produção (interlocutores, finalidade, suporte e circulação do texto);
- 5) Produzir e analisar entrevistas orais e escritas, seguindo suas características;
- 6) Produzir, revisar e reescrever textos como uma prática social;
- 7) Identificar os possíveis elementos constitutivos da organização interna do gênero;
- 8) Analisar a entrevista, observando a sua função social;
- 9) Comparar a entrevista oral à escrita, analisando suas semelhanças e diferenças;
- 10) Fazer uso da língua oral e de seus recursos em diferentes situações de comunicação;
- 11) Conhecer e identificar os complementos verbais da oração para poder empregá-los adequadamente na construção do texto;
- 12) Analisar a importância dos termos acessórios (adjunto adnominal) na construção das orações e dos textos.

1. APRESENTAÇÃO INICIAL

Prezado aluno,

Você já observou alguma pessoa conhecida sua, algum vizinho ou até mesmo algum ídolo da TV ou do cinema? Você poderia dizer alguma coisa sobre uma dessas pessoas como sua profissão, se é casado, se tem filhos, onde mora, qual é o seu carro preferido ou sua comida favorita? É difícil saber algo de alguém se não perguntamos a ela.

Bem, e se a pessoa é alguém muito conhecido como um ator ou atriz de novela, por exemplo? Como poderíamos conhecê-lo melhor? Podemos conhecê-los melhor através de entrevistas que os repórteres ou jornalistas fazem com as pessoas famosas.

E, onde acharemos essas entrevistas para conhecer melhor nossos ídolos?

Essas entrevistas costumam ser publicadas em jornais, revistas, na internet e também em propagandas de TV.

Que tal nos aventurarmos no conhecimento do gênero entrevista para que, no final do trabalho, possamos entrevistar alguém bastante especial?

Vamos lá!



BOM TRABALHO!

2. RECONHECIMENTO DO GÊNERO TEXTUAL

Professor (a),

Para dar início ao estudo do gênero “Entrevista”, pergunte aos alunos o que eles sabem sobre esse gênero textual. Em seguida, discuta as questões abaixo com os alunos.

Discuta com seus colegas as questões abaixo:

- 1) Onde podemos encontrar o gênero entrevista?
- 2) Como podemos perceber quando lemos ou assistimos uma entrevista?

Veja as imagens abaixo:



- 3) Você conhece as pessoas das fotos?
- 4) O que essas pessoas têm em comum?
- 5) Você acha que a vida dessas pessoas é mais fácil ou difícil que a sua?

Procure em jornais e revistas uma entrevista. Cole-a no espaço abaixo e compartilhe com seus colegas:

3. PROPOSTA DE PRODUÇÃO INICIAL

Elabore questões e entreviste um funcionário da escola.

4. O CONTEXTO DE PRODUÇÃO

Leia o texto abaixo:

Fernanda Takai (Pato Fu)



Integrantes da banda Pato Fu. Fotografia de 2005.

A banda mineira Pato Fu [...] passa por um momento especial, tanto no campo musical como no pessoal.

Os cinco integrantes estão encerrando um período importante para a carreira do grupo, pois colocaram na praça seu oitavo álbum, *Toda cura para todo mal* [...], e conseguiram algo sonhado pela maioria das bandas: liberdade para criar. Atualmente, são eles que produzem seus discos em um estúdio caseiro e todos os clipes desse trabalho (11 até agora) foram feitos de forma independente [...].

Além disso, o casal Fernanda e John tenta conciliar a vida artística com os cuidados com a filhinha Nina (de dois anos e dois meses), responsável por levar um clima familiar ao cotidiano da banda. “Tudo que fazemos daqui pra frente é pra ela”, diz a vocalista.

[...] Confira o bate-papo.

Entrevistador: Muitos *shows* pela frente?

Fernanda: Esperamos que sim. Tivemos alguns meses bons este ano (2005), a expectativa é de que a turnê esquente em 2006, pois viajaremos até o fim do ano que vem com este *show*. [...]

Entrevistador: Como funciona a vida de um casal que faz parte da mesma banda? Lidar com as diferenças, ciúme, esse tipo de coisa. Isso rola?

Fernanda: Acho que estamos juntos há tanto tempo que esse nosso jeito de viver e trabalhar é muito natural. Temos os mesmos horários, os mesmos objetivos e nossas diferenças/semelhanças nos ajudam a enfrentar o dia a dia. Agora, ciúme é algo inexistente, tanto do meu lado quanto do John. A gente acha uma grande

perda de tempo. Se estamos juntos é porque estamos felizes assim. Quando não for mais dessa forma, acaba. Ciúme só implode as coisas.

Entrevistador: A relação de vocês influi até que ponto nas composições? Qual canção do Pato Fu retrata da melhor maneira a vida de vocês?

Fernanda: A gente é muito discreto na vida pessoal. Talvez isso seja uma característica de se ter uma vida a dois mais centrada. O cotidiano em geral é grande fonte de inspiração, mas poucas vezes nos expomos nas letras. Foram raras as vezes que explicitamente isso aconteceu. A canção que mais se parece com a gente? Não há como escolher uma só. Isso é típico de um casal Pato Fu...!

Entrevistador: Vocês têm uma filhinha (Nina, de dois anos e dois meses) e às vezes a levam para os *shows*. Como vocês fazem para **suprir** a falta dela e a falta que você e o John possam fazer a ela? Quais os cuidados tomados?

Fernanda: Ela viajou com a gente em turnê ou divulgação pouquíssimas vezes. A estrada não é uma coisa boa para uma criança. Come-se fora de hora, dorme-se pouco e nem sempre os locais de hospedagem são bons. Ela entrou cedo na escolinha pra ter sua própria vida, seus próprios horários. Quando estamos viajando, ela fica com minha mãe, que mora perto de nossa casa. Acho que Nina já entendeu o tipo de profissão que temos. Pede pra ouvir o CD mais recente sempre que não estamos e gosta de assistir a vídeos, porque sabe que a gente pode aparecer a qualquer momento. [...]

Entrevistador: A banda vive seu momento de maturidade ou isso é conversa fiada de **crítico** musical?

Fernanda: Não é conversa fiada, mas é uma coisa natural pra uma banda que tem 13 anos de carreira e para integrantes que já passaram todos dos 33. Vixe! Nem é bom comentar... he he. Procuramos evoluir a cada trabalho que fazemos – tanto no **conceito estético** quanto na construção das letras.

Entrevistador: Vendas não representam qualidade. O Pato Fu é uma banda que costuma receber elogios dos críticos e que possui belas canções que grudam nos ouvidos e tocam em rádios. Mas, comercialmente falando, não vende tanto quanto seus companheiros mineiros como Jota Quest e Skank. A que isso se deve?

Fernanda: Talvez investimento em promoção ou talvez não sejamos tão *pop* quanto eles. Isso na verdade não importa muito. Não dá pra ficar comparando as bandas. Somos muito diferentes, apesar da coincidência geográfica. Não fazemos parte da mesma turma fora da estrada ou fora de ambientes comuns à música. [...]

Entrevistador: E as mulheres na música *pop* brasileira? Até que ponto você pode ter influenciado no crescimento do número de meninas tocando em formações *rock* e *pop* no Brasil, que atualmente tem a Pitty, a Bianca Jordão do Leela, entre outras? Gosta de alguma em especial?

Fernanda: Minha voz feminina preferida da nova geração é a Vanessa Krongold, do Ludov. A minha participação no Pato Fu sempre foi dividida com os outros integrantes, com o John principalmente. Nunca fomos a banda da Fernanda, pelo contrário. Acho que hoje está claro pra todo mundo que nosso **mentor** é o John! Acho ótimo que estejam surgindo novos nomes femininos, quanto mais gente melhor. Mais garotas se sentirão incentivadas! [...]

Entrevistador: Obrigado pela atenção e deixe um recado para os fãs...

Fernanda: Espero que tenham a oportunidade de ver a turnê nova no ano que vem! Até qualquer dia na estrada.

André Azenha. Disponível em: <www.screamyell.com.br>. Acesso em: 27 jul. 2011.

Após a leitura da carta, responda as questões a seguir:

1) Identifique qual é o veículo de publicação desse gênero textual?

2) Qual é o público-alvo desse texto, isto é, quem é o seu destinatário? Comprove sua resposta com elementos do texto.

3) Levando em conta o público alvo dessa carta e o veículo de publicação, o registro empregado está adequado a esse contexto?

4) Se o mesmo assunto da carta de Isabella Cunha Lousada fosse redigido em uma revista para adolescentes, a linguagem mudaria? Em caso positivo, que modificações deveriam ser feitas.

5) Quem é o entrevistador da banda mineira Pato Fu?

6) Qual é o estilo musical da banda Pato Fu?

- () gospel
() pagode
() rock
() sertanejo universitário

5. OS ASPECTOS DISCURSIVOS

a. A ESTRUTURA DO TEXTO

Leia o texto abaixo para responder as questões que se seguem:

O One Direction deu uma entrevista MARA para a Teen Vogue! Eles falaram sobre como se conheceram, estilo, música... Confira!



Confira a entrevista do One Direction para a Teen Vogue
Foto: Reprodução/teenvogue.com

Os gatos do One Direction foram entrevistados pela revista Teen Vogue, e quem fez as perguntas para os garotos foi uma fã sortuda chamada Maude. Invejinha! Harry, Liam, Louis, Niall e Zayn falaram sobre estilo, música, carreira e várias outras coisinhas. Se liga!

Maude: Quais foram suas primeiras impressões uns dos outros? Vocês se deram bem?

Zayn: Antes da gente se juntar, éramos concorrentes na mesma categoria no X Factor. Mas assim que nos tornamos uma banda, nos demos bem. A gente foi para a casa do Harry para se conhecer melhor.

Harry: Era tudo muito novo para todos nós, estávamos em sintonia. Era como se estivéssemos no primeiro dia de aula na escola.

Louis: Mesmas ambições, mesmos objetivos. Acho que é por isso que nos demos bem juntos.

Liam: Eu acho que o Louis foi a grande surpresa. Quando o conheci, ele era quieto, mas depois que saímos da cafeteria em Birmingham surgiu esse cara do nada!

Louis: É, eu era bem quieto. Mas eu acho que Zayn era o mais quieto. Quanto mais eu o conheço, mais eu percebo que ele não é assim! Harry era um cara bem bonito e charmoso. Niall era escandaloso pra caramba. Na verdade, eu achava que Niall era o rei e o líder do início do X Factor.

Maude: Cada um de vocês tem um estilo específico?

Zayn: O meu é mais urbano, mais das ruas. Tênis Nike, jaquetas varsity. O Louis é mais fashion, cheio de acessórios... listras, suspensórios, calças justas. Harry tem um estilo mais colegial.

Louis: Blasers. Niall é mais casual. Você acha?

Zayn: Liam é um casual americano.

Maude: Como vocês definem o seu som?

Liam: Nosso som tem mais guitarras do que a música pop comum. Tipo a cantora **Pink** mas no formato de boyband. Algumas pessoas disseram isso, e é ótimo ser comparado com a Pink!

Harry: Nós gostamos de música pop, mas em vez de usar sintetizadores, usamos as mãos: guitarras, bateria...

Maude: Qual é sua influência?

Louis: Take That, New Kids on the Block.

Zayn: Pessoas como a Pink. Katy Perry é maravilhosa. Bruno Mars é maravilhoso. McFly. Eles são legais também.

Maude: Qual é a música que mais toca no iPod de vocês?

Zayn: Provavelmente uma música do **Chris Brown**, algo do seu álbum novo.

Louis: "Look After You," por **The Fray**.

Louis: "Viva Forever," **Spice Girls**.

Harry: Ha. "Paradise," por **Coldplay**.

Niall: "Wanted Dead or Alive," do **Bon Jovi**.

Liam: Provavelmente uma música do **John Mayer** do Where The Light Is. Não lembro o nome, é a faixa 2 ou 3...

Niall: "In The Atmosphere?"

Liam: Sim, sim.

1) Como sabemos, para conhecer uma pessoa, sua profissão, sua opinião sobre alguns assuntos, elaboramos entrevistas. Observe e responda:

a) Quem está sendo entrevistado?

b) O autor da entrevista faz uma apresentação do entrevistado antes de realizar a entrevista? Por que você acha que ele faz essa apresentação?

c) Quem faz as perguntas na entrevista lida?

d) Você acha que o autor preparou as perguntas antes de realizar a entrevista ou falou espontaneamente sem um roteiro? Como fica mais fácil a organização de uma entrevista?

e) Como podemos perceber, na entrevista h pergunta do entrevistador e, em seguida, a resposta. Observe os sinais de pontuação empregados em ambas. Quais são eles?

b - O CONTEÚDO TEMÁTICO

1. Leia a entrevista com Fernanda Takai (Pato Fu) e responda as questões propostas:

a) No texto de introdução, que informações exemplificam o momento especial que a banda Pato Fu passa no campo musical?

b) De acordo com a resposta dada por Fernanda durante a entrevista, o que ela quer dizer com a expressão “isso é típico de um canal Pato Fu?”

c) Como Fernanda justifica o fato de a banda viver seu momento de maturidade musical?

d) Por que Fernanda não gosta da comparação feita entre a banda da qual fez parte e as outras bandas?

2. Leia a entrevista do One Direction para a Teen Vogue e responda as questões propostas:

a) Quem foram as pessoas entrevistadas?

b) Quais foram os assuntos tratados na entrevista?

c) Qual é o estilo musical da banda?

- d) Os integrantes da banda possuem estilos musicais diferentes? Explique.

6. OS ASPECTOS LINGUÍSTICO-DISCURSIVOS

Adjunto adnominal é toda palavra ou expressão que acompanha o substantivo e o determina, caracteriza ou explica.

O adjunto adnominal pode ser expresso:

- Pelos adjetivos: água **fresca**, terras **férteis**
- Pelos artigos: **o** mundo, **as** ruas, **um** rapaz
- Pelos pronomes adjetivos: **nosso** tio, **este** lugar
- Pelos numerais: **dois** pés, **quinto** ano
- Pelas locuções adjetivas: presente **de rei**, fio **de aço**, aviso **do diretor**, água **da fonte**

1. Agora, releia o trecho da entrevista e circule os adjuntos adnominais:

“A banda mineira Pato Fu (...) passa por um momento especial”.

Complemento Verbal o termo que completa o sentido de um verbo transitivo. Pode ser:

- Objeto Direto é o complemento dos verbos transitivos diretos;
- Objeto Indireto é o complemento dos verbos transitivos indiretos. Quase sempre é iniciado por preposição;

Exemplos: O jornal esclarece as notícias

O jornal precisa de detalhes

2. Agora, releia o trecho da entrevista e grife os complementos verbais.

- Os cinco integrantes estão encerrando um período importante.
- Não lembro o nome (...)
- Temos os mesmos horários...
- Tivemos alguns meses bons este ano (2005)
- Nosso som tem mais guitarra do que a música pop comum.

ORTOGRAFIA

Observe a família de palavras:

Participar – participação

Discreto – discrição

3. Agora, continue completando:

Conciliar - _____

Semelhante - _____

Divulgar – _____

Concorrente – _____

Composto – _____

Publicar - _____

7. PRODUÇÃO FINAL

Proposta

Você vai entrevistar um fã de futebol e registrar sua entrevista, pensando em publicá-la numa coletânea.

Planejamento

Sua classe será dividida em grupos para realização da entrevista.

Primeira etapa:

- Escolha do entrevistado
- Contato- Dizer o porquê da entrevista, para que e que a entrevista será publicada.
- Agendamento

Segunda etapa:

- Cabe ao entrevistador priorizar questões que levem o entrevistado a argumentar a favor do futebol é necessária a realização de um roteiro, mas algumas questões podem ser improvisadas.
- Agradeça ao entrevistado e após o término do registro, mostrar para o entrevistado antes de elaborar a coletânea.

Na folha abaixo transcreva as informações coletadas na entrevista realizada com um fã de futebol. Não se esqueça de colocar todos os elementos característicos do texto entrevista, pois o seu texto será publicado na coletânea escolar.

<hr/>
<hr/>
<hr/>
<hr/>
<hr/>
<hr/>
<hr/>
<hr/>
<hr/>
<hr/>
<hr/>
<hr/>
<hr/>
<hr/>
<hr/>
<hr/>
<hr/>
<hr/>
<hr/>
<hr/>
<hr/>
<hr/>
<hr/>
<hr/>
<hr/>
<hr/>
<hr/>
<hr/>
<hr/>

GRADE DE CORREÇÃO

Há a apresentação do entrevistado?	Sim () Não ()
As perguntas estão relacionadas ao objetivo da entrevista?	Sim () Não ()
As perguntas permitem que o entrevistado possa expressar sua opinião e justificá-la?	Sim () Não ()
A linguagem e o conteúdo estão adequados ao público alvo?	Sim () Não ()
Verificou a ortografia das palavras?	Sim () Não ()
Utilizou a pontuação adequada?	Sim () Não ()

SEQUÊNCIA DIDÁTICA

Gênero Textual: TEXTO DE DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA

DA SILVA, Maria Soneide

Tempo de duração: 8 aulas

Conteúdos: Leitura de diversos textos do gênero; atividade de reconhecimento das características do gênero; localização de informações no texto; complementos verbais; ortografia: (o emprego do s, ss, ç, x e z); pontuação.

Materiais necessários: cópias dos textos a serem explorados.

EXPECTATIVAS DE APRENDIZAGEM

- 1) Ler para observar a função social dos gêneros textuais;
- 2) Ler para compreender;
- 3) Ler e analisar textos de divulgação científica, apropriando-se de seus aspectos composicionais e discursivos.
- 4) Analisar e produzir textos informativos observando o contexto de produção (interlocutores, finalidade, suporte e circulação do texto);
- 5) Ler e observar a importância e a finalidade dos textos de divulgação científica;
- 6) Reconhecer, por meio de características básicas, um texto de divulgação científica;
- 7) Conhecer e identificar os complementos verbais da oração para poder empregá-los adequadamente na construção do texto;
- 8) Apropriar-se da ortografia através da observação e da escrita das palavras;

1. APRESENTAÇÃO INICIAL

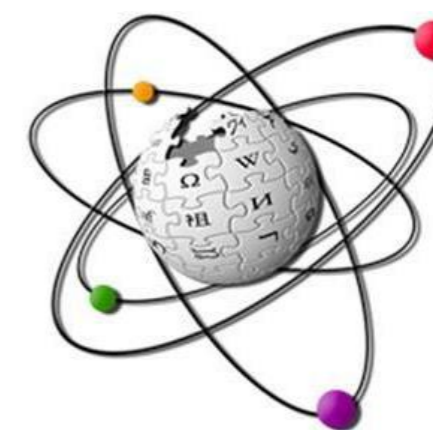
Prezado aluno,

Hoje o conhecimento circula de uma maneira muito rápida e dinâmica. Assim, a divulgação de informações científicas segue o mesmo ritmo. A escola é um espaço em que as informações precisam circular de modo a abranger a todos que nela estão inseridos.

Pensando nisso vamos estudar o gênero texto de divulgação científica, buscando trazer assuntos que já foram colocados em discussão, estudados e comprovados cientificamente. É interessante buscar temas que provoquem nos alunos a curiosidade na pesquisa e no conhecimento das novas informações.

Quem nunca apresentou curiosidade em um determinado tema e desejou saber se havia comprovação científica para o fato?

Curiosidades como: por que os passarinhos não levam choque quando pousam no fio elétrico?



BOM TRABALHO!

2. RECONHECIMENTO DO GÊNERO TEXTUAL

Professor (a),

Para dar início ao estudo do gênero “Texto de Divulgação Científica”, selecione algumas revistas que contenham exemplares de textos desse gênero textual. Você pode também trazer para a sala de aula, textos publicados em outros suportes. Se preferir, você pode levar os alunos para a biblioteca e/ou laboratório de informática. Proponha que os alunos escolham e façam a leitura de diferentes textos de divulgação científica. Em seguida, organize a sala em círculo e questione-os a respeito das características desse gênero textual. Após essa discussão, elabore um cartaz com as principais características observadas pelos alunos e deixe-o afixado na sala para consultas posteriores.

Leia o texto a seguir:

Do grão à fortaleza

Afinal, o que faz os castelos de areia se manterem de pé? Um especialista sacia a curiosidade de nosso leitor.

A estabilidade de um castelo de areia resulta de uma combinação de vários fatores. Entendê-los é, ainda hoje, motivo de pesquisas avançadas sobre a matéria em estado granular.

Qualquer criança que já fez castelos sabe que areia com pouca ou muita água faz castelos ruírem. A principal questão a ser levada em conta para se conseguir uma construção firme é a chamada tensão superficial. Trata-se de um efeito que ocorre em uma camada do líquido que leva sua superfície a se comportar como uma membrana elástica, fazendo, por exemplo, com que insetos possam se locomover sobre a água.

Ao penetrar na areia, a água forma o que se chama de ‘pontes de líquido’, fazendo com que os grãos fiquem unidos.

Ao penetrar nos finos canais entre os grãos de areia, a água forma o que se chama de ‘pontes de líquido’, cuja elevada tensão superficial é responsável pela aderência e agregação da areia – ou seja, faz com que os grãos fiquem unidos. As pontes de líquido tornam os grãos pegajosos, o que possibilita a construção de estruturas com eles, como os castelos.

A areia tanto pode comportar-se como um sólido, permitindo-nos caminhar sobre ela na praia, quanto como um fluido, escoando numa ampulheta. A dificuldade básica está em caracterizar a transição entre estes dois comportamentos extremos (sólido e líquido). O tamanho e a composição da areia, por exemplo, influem nessa transição.

Apesar de todos os estudos até o presente, ainda não se encontrou um critério que permita definir sem ambiguidades o comportamento de materiais compostos de grãos, seja a mistura de remédios e cereais, seja a construção de castelos. A areia insiste em permanecer numa classe à parte, comportando-se ora como líquido, ora como sólido, para deleite das crianças e dos cientistas.

Jason Gallas

Instituto de Física

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Texto originalmente publicado na [CH 274](#) (setembro/2010).

Disponível em: <http://cienciahoje.uol.com.br/revista-ch/2010/274/do-grao-a-fortaleza>

1) Quem escreveu o texto? Além do nome do autor, há mais informações sobre ele?

2) Para quem o texto foi escrito?

3) Onde esse texto foi publicado?

4) Que assunto foi abordado no texto ?

5) A linguagem utilizada é formal ou informal? Está adequada ao público a que se destina?

6) Em quais desses suportes o texto de divulgação científica pode ser encontrado? Marque um X naqueles em que você acha que apareceria.



()



()



()



()



()



()

3. PROPOSTA DE PRODUÇÃO INICIAL

Qual assunto aguça em você curiosidade? Discuta com seus colegas, escolha um assunto a pesquisar, busque informações científicas e comprovadas sobre o tema e escreva um artigo de divulgação científica.

4. O CONTEXTO DE PRODUÇÃO

Texto de divulgação científica – é um gênero discursivo que transpõe um discurso específico de uma esfera do campo científico para a comunidade em geral, ou seja, é por meio do texto de divulgação científica que a sociedade entra em contato com as pesquisas que estão sendo realizadas, ou que estão em andamento, em linguagem acessível.

A popularização da ciência tem sido considerada também como um instrumento para tornar disponíveis conhecimentos e tecnologias que possam ajudar a melhorar a vida das pessoas e dar suporte a desenvolvimentos econômicos e sociais sustentáveis.

Características de um texto de divulgação científica:

- texto expositivo;
- finalidade: transmitir conhecimentos de natureza científica a um público o mais amplo possível;
- estrutura: ideia principal (afirmação, conceito) / desenvolvido por meio de provas (exemplos, comparações, relações de efeito e causa, resultados de experiências, dados estatísticos) / conclusão. Assim, como se trata de um texto de exposição de ideias, normalmente ele se constitui de uma introdução, um desenvolvimento e uma conclusão.
- linguagem clara, objetiva e geralmente impessoal;
- rega a variedade padrão da língua com a presença de termos e conceitos científicos de uma ou mais áreas do conhecimento, verbos predominantemente no presente do indicativo;



Disponível em: <http://atividadeslinguaportuguesamarcaia.blogspot.com.br/2013/04/texto-de-divulgacao-cientifica.html>

Leia os textos a seguir:

TEXTO 1

Tudo no lugar

Por que a tatuagem não sai nem se espalha para outras partes do corpo? Uma dermatologista da Unifesp esclarece a dúvida de nossa leitora e explica ainda como funciona a remoção de tatuagens feita com laser.

A natureza do tecido em que os pigmentos são injetados explica por que as tatuagens não saem nem se espalham para outras partes do corpo.

A tatuagem é feita por meio da introdução de pigmentos na derme. Enquanto a epiderme (camada mais superficial da pele) se renova constantemente – o que explica a perda do bronzeado com o passar do tempo –, a derme não sofre alterações.

Essa região é mais profunda, formada por tecido conjuntivo. Desse modo, quando os pigmentos são injetados ali, eles ficam imóveis, o que impede que a tatuagem saia ou se espalhe para outras partes do corpo.

Como a derme é mais profunda e formada por tecido conjuntivo, os pigmentos injetados ali ficam imóveis.

A remoção das tatuagens é possível graças à sensibilidade dos pigmentos a determinados comprimentos de onda de luz.

O *laser* age fragmentando esses compostos em micropartículas, que podem ser destruídas pelo organismo ou formar uma casca, que cai depois.

O número de sessões necessárias para se remover uma tatuagem por completo depende da profundidade em que os pigmentos foram introduzidos, além da quantidade e da cor deles. Em geral, os escuros são retirados mais facilmente, enquanto os amarelados respondem de forma menos satisfatória ao procedimento.



Solange Pistori Teixeira

Departamento de Dermatologia,
Universidade Federal de São Paulo

Disponível em: <http://cienciahoje.uol.com.br/revista-ch/2010/275/tudo-no-lugar>

TEXTO 2

Sons agudos e calafrios

“Por que sentimos calafrios e nervoso ao ouvir determinados sons agudos – como unhas arranhando um quadro-negro?”

O nervoso que sentimos ao ouvir o barulho de unhas arranhando um quadro negro pode ser explicado pela maior sensibilidade do nosso ouvido aos sons agudos e por esse tipo de ruído ter um número infinito de frequências.

Esta é uma reação instintiva para protegermos nossa audição. A cóclea (parte interna do ouvido) tem uma membrana que vibra de acordo com as frequências sonoras que ali chegam.

A parte mais próxima ao exterior está ligada à audição de sons agudos; a região mediana é responsável pela audição de sons de frequência média; e a porção mais final, por sons graves.

As células que compõem a parte inicial são mais delicadas e frágeis – razão por que, ao envelhecermos, perdemos a capacidade de ouvir sons agudos. Assim, quando frequências muito agudas chegam a essa parte da membrana, as células podem ser danificadas, pois, quanto mais alta a frequência, mais energia tem seu movimento ondulatório.

Quando frequências muito agudas chegam à parte inicial da membrana da cóclea, as células podem ser danificadas, pois, quanto mais alta a frequência, mais energia tem seu movimento ondulatório.

Isso, em parte, explica nossa aversão a determinados sons agudos, mas não a todos. Afinal, geralmente não sentimos calafrios ou uma sensação ruim ao ouvirmos uma música com notas agudas.

Aí podemos acrescentar outro fator. Uma nota de violão tem um número limitado e pequeno de frequências – formando um som mais ‘limpo’. Já no espectro de som proveniente de unhas arranhando um quadro-negro – ou do atrito entre isopores ou entre duas bexigas de ar –, há um número infinito delas.

Assim, as células vibram de acordo com muitas frequências e aquelas presentes na parte inicial da cóclea, por serem mais frágeis, são lesadas com maior facilidade. Daí a sensação de aversão a esses sons agudos e ‘crus’.

Ronald Ranvaud

Departamento de Fisiologia e Biofísica
Universidade de São Paulo

Texto originalmente publicado na [CH 282](#) (junho de 2011).

Disponível em: <http://cienciahoje.uol.com.br/revista-ch/2011/282/sons-agudos-e-calafrios>

1) Quem são provavelmente os leitores dos textos acima?

2) Esse gênero textual recebe o nome de texto de divulgação científica. Assinale a opção que melhor traduz a finalidade desse gênero discursivo.

- a) () Relatar experiências pessoais.
- b) () Convencer o interlocutor do ponto de vista defendido pelo autor.
- c) () Expor um conteúdo de natureza científica.

3) A estrutura de um texto de divulgação científica geralmente é a seguinte:

- () apresentação da ideia principal – geralmente um conceito ou um ponto de vista sobre um conceito;
- () fundamentação da ideia principal por meio de evidências, isto é, exemplos, comparações, resultados objetivos de experiências, dados estatísticos, relações de causa e efeito, etc.;

4) No texto “Tudo no lugar”:

- a) Qual é a ideia principal que o autor desenvolve?

b) Por que, segundo o autor, a natureza do tecido em que os pigmentos são injetados explica por que as tatuagens não saem nem se espalham para outras partes do corpo?

5) É comum o texto de divulgação científica fazer uso de uma linguagem que inclui termos e conceitos científicos básicos.

- a) Identifique nos textos lidos palavras ou expressões próprias da linguagem científica.

Texto 1 _____

Texto 2 _____

b) A que área científica pertencem esses termos?

5) Observe a linguagem dos textos:

a) Que variedade linguística foi empregada?

b) Que tempo/modo verbal predomina nos textos?

c) A linguagem dos textos analisados é pessoal ou impessoal? Por quê?

d) Considerando os assuntos dos textos, bem como o veículo de publicação, pode-se afirmar que esse nível de linguagem é adequado à situação? Justifique sua resposta.

6) Discuta com seus colegas e conclua: Quais são as principais características de um texto de divulgação científica?

5. OS ASPECTOS DISCURSIVOS

Professor (a), ainda usando como base os textos: “Tudo no lugar”, “ Sons agudos e calafrios” construa com os alunos o quadro comparativo abaixo:

1) Busque as informações pedidas na tabela nos textos disponibilizados:

	Texto I	Texto II
Título		
Autor		
Tipo de texto		
Gênero		
Área de estudo		
Qual é o objetivo comunicativo		
Qual o elemento que desperta a curiosidade, o interesse?		

2) Observe algumas palavras retiradas do texto 1 e 2. Pesquise o significado das palavras que você desconhece.

Pigmentos _____

Injetados _____

Micropartículas _____

Procedimento _____

Sensibilidade _____

Frequências _____

Instintiva _____

Membranas _____

Frágeis _____

Danificadas _____

3) Escolha 3 palavras estudadas na questão 2 e formule frases:

4) Qual dos dois textos consegue despertar mais o seu interesse? Por quê?

5) Se tivesse que encaminhar uma carta a um cientista, qual seria a sua curiosidade?

6. OS ASPECTOS LINGUÍSTICO-DISCURSIVOS

Professor (a), nesse momento faça uma sistematização na lousa sobre os complementos verbais.

FIQUE POR DENTRO...

Complemento verbal diz respeito ao termo que completa o sentido do verbo transitivo, e pode ser: **objeto direto e objeto indireto**.

Objeto direto

O objeto direto completa o sentido do verbo sem o uso de preposição, ou seja, se liga diretamente ao verbo transitivo sem o uso de preposição. Este tipo de complemento verbal pode ter como núcleo substantivos, palavras com função de substantivo e pronomes pessoais do caso oblíquo.

Vejamos alguns exemplos:

O cachorro matou o rato. (o rato – objeto direto; núcleo - rato)

A menina trouxe água. (água – objeto direto; núcleo – água)

A criança estava chorando. A mãe colocou-a em uma cadeira. (a – objeto direto; núcleo – remete à “menina” na primeira oração)

Objeto indireto

O objeto indireto completa o sentido do verbo transitivo com o uso de preposição, ou seja, a junção entre o verbo e seu complemento é feita através de uma preposição. A necessidade da preposição é exigida pelo próprio verbo. Os pronomes pessoais oblíquos “lhe” e “lhes” são essencialmente objetos indiretos quando ligados ao verbo.

Vejamos alguns exemplos:

Entregaram-**lhe** a correspondência?

Aspirava **ao** cargo de presidente da República.

Assistimos **ao** jogo da seleção brasileira de vôlei.

Temos por definição de objeto o termo da oração que sofre a ação do sujeito expressa pelo verbo e complementa o sentido deste verbo transitivo.

Disponível em: <http://brasilecola.uol.com.br/gramatica/complementos-verbais.htm>

1) Complete as orações abaixo, escolhendo as palavras adequadas a cada uma delas.

A avenida – Helena – tristeza – o queijo – uma lição – precisam – não precisam – intransitivos – transitivos

- a) Pedro sentiu _____
- b) Eu percorri _____
- c) O professor explicou _____
- d) Você ama _____
- e) O rato roeu _____
- f) Os verbos das orações acima são _____ porque _____ de outras palavras para lhes completar o sentido.

2) Sublinhe os verbos das orações abaixo e escreva nos parênteses se são transitivos ou intransitivos:

- a) Nós terminamos o exercício. (_____)
- b) A criança sorriu. (_____)
- c) Os moradores ouviram um grito. (_____)
- d) Os alunos entenderam a lição. (_____)
- e) O professor saiu. (_____)
- f) Ele perdeu seu dinheiro. (_____)

3) Sublinhe o objeto direto dos verbos destacados nas orações abaixo:

- a) A polícia prendeu o ladrão.
- b) Todos apreciavam o espetáculo.
- c) Visitaremos nossos amigos.
- d) Desejo tua felicidade.
- e) Maria servirá o jantar.
- f) A criança comeu tudo.

4) Sublinhe o objeto indireto do verbo existente em cada frase e passe um risco em cima da preposição que o liga ao verbo:

- a) Gosto de sorvete.
- b) Os professores confiam em você.
- c) Não concordo com isto.

- d) Precisamos de sua colaboração.
- e) Sempre obedecemos a nossos pais.
- f) Esperei por eles.



ORTOGRAFIA

- a) Usa-se ç em palavras derivadas de vocábulos terminados em **TO**:
intento = intenção
- b) Usa-se ç em palavras terminadas em **TENÇÃO** referentes a verbos derivados de **TER**:
deter = detenção
- c) Usa-se ç em palavras derivadas de vocábulos terminados em **TOR**:
infrator = infração
- d) Usa-se ç em palavras derivadas de vocábulos terminados em **TIVO**:
introspectivo = introspecção
- e) Usa-se ç em palavras derivadas de verbos dos quais se retira a desinência **R**:
reeducar = reeducação
- f) Usa-se ç após ditongo quando houver som de s:
eleição



Emprega-se o S:

Nos substantivos derivados de verbos terminados em "andir", "ender", "verter" e "pelir"

Exemplos:

expandir- expansão	pretender- pretensão	verter- versão	expelir- expulsão
estender- extensão	suspender- suspensão	converter - conversão	repelir- repulsão

- a) **Nos sufixos –esa e –isa, formadores de palavras femininas:**
poetisa
marquesa
- b) **Depois de ditongos:**
coisa

c) No sufixo –ês quando este indicar origem, procedência:

chinês

d) Nos sufixos –oso e –osa, constituintes de adjetivos:

bondoso

caridosa

* Casos relacionados ao emprego do “ss”:

a) Nos substantivos relacionados a verbos com o radical –met:

submeter – submissão

intrometer – intromissão...

b) Nos substantivos relacionados a verbos constituídos pelo radical –gred:

transgredir – transgressão

agredir – agressão...

c) Nos substantivos a que se relacionam os verbos com o radical –prim:

comprimir – compressão

reprimir – repressão

d) Nos substantivos relacionados a verbos formados pelo radical –ced:

ceder – cessão...

e) Nos substantivos relacionados a verbos constituídos pelo radical –tir:

discutir – discussão

permitir – permissão...

Uso da letra X:

a) Após um ditongo:

Ex: ameixa – feixe – caixa – baixo

b) Após palavras iniciadas com o prefixo “–en”:

enxada – enxame – enxaqueca – enxugar

c) Após palavras iniciadas pela sílaba “me”:

mexerica – mexicano – mexer

d) Nas palavras de origem indígena ou africana e nas palavras de origem inglesa que já se juntaram

à Língua Portuguesa:

xerife – xampu – xavante – xará.



O USO DA LETRA Z

* Diante de verbos formados pelo sufixo “-izar”:

MORAL + IZAR = MORALIZAR

POLÊMICA + IZAR = POLEMIZAR

Acerca da regra em questão vale observar que na última sílaba das palavras primitivas não constatamos a presença da letra “s”, razão pela qual todas são demarcadas com a letra “z”.

* Diante de substantivos abstratos derivados de adjetivos:

RÍSPIDO – RISPIDEZ

PEQUENO – PEQUENEZ

* Nos sufixos formadores de aumentativos e diminutivos:

CÃO = CANZARRÃO

PAI = PAIZINHO

* No sufixo “-triz”, constituidor de femininos:

EMBAIXADOR = EMBAIXATRIZ



ATIVIDADES

1) Complete a cruzadinha com palavras que se escrevem com S ou Z, seguindo as pistas:

1 – Quem tem vontade de saber tudo, bisbilhoteiro

2 – Parto realizado por meio de uma cirurgia

3 – Morada fixa, casa, lar

4 – Ferimento, traumatismo

5 – Fazer de novo

6 – Informar, comunicar

7 – Acidez no estômago, queimação

8 – Má sorte, falta de sorte

9 – Recipiente para colocar cinzas e pontas de cigarro

10 – Gancho farpado que fiska o peixe

11 – Mulher natural do Japão

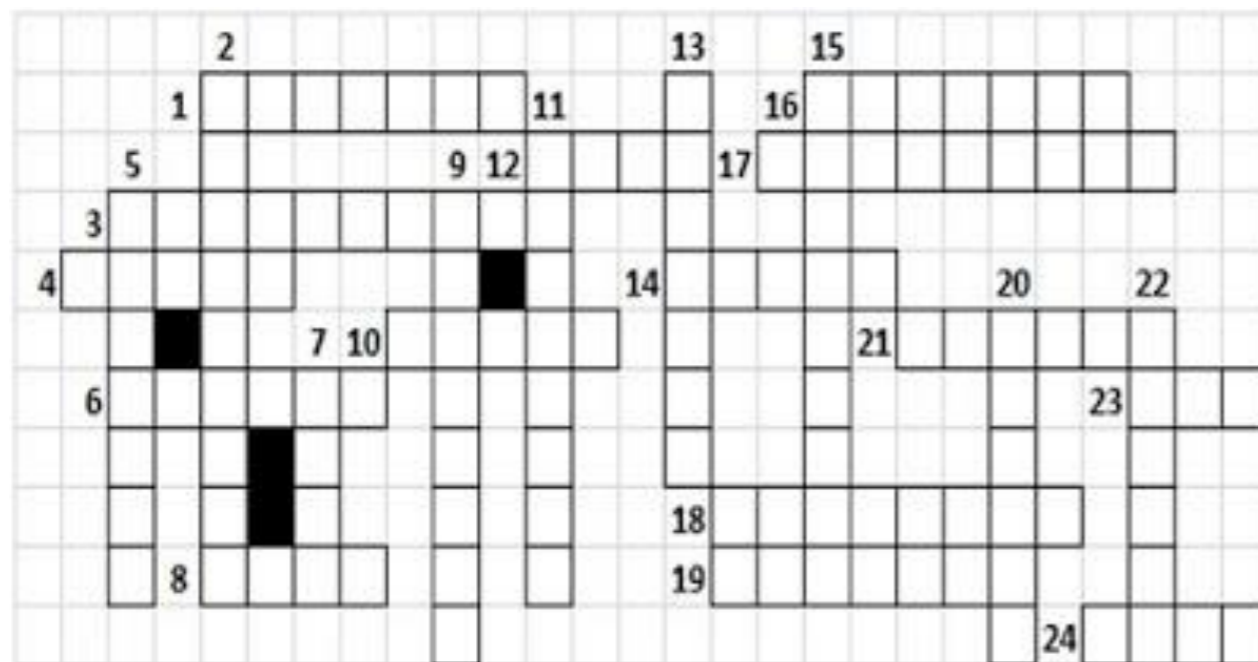
12 – Quem tem o poder de julgar, quem apita o jogo

13 – Ladrilho vidrado e colorido para colocar na parede

14 – Tempo que se aproveita para recreação

15 – Ensino da fé cristã para crianças

- 16 – Local da casa onde se faz a comida
 17 – Cerimônia matrimonial, vínculo entre marido e mulher
 18 – Sonho muito ruim
 19 – Mulher que escreve poemas
 20 – Afastar do convívio, separar dos outros
 21 – Tornar liso
 22 – Mamífero astuto, semelhante ao lobo, de cauda longa e peluda
 23 – Cada um dos membros superiores de aves, morcegos e insetos voadores
 24 – Pouco profundo, parte não profunda do rio, mar ou piscina



2) Em que caso todos os vocábulos são grafados com x?

- a. ____ ícara – ____ ávena – pi ____ e – be ____ iga.
 b. ____ enófobo – en ____ erido – en ____ erto – ____ aveco – ____ epa.
 c. li ____ ar – ta ____ ativo – sinta ____ e – bro ____ e.
 d. bre ____ a – ni ____ o – em ____ ova – em ____ ergam.
 e. ê ____ tase _ e ____ torquir – ____ u ____ u – ____ ilrear.

3) Complete as palavras com ç, s, ss ou x:

Má ____ imo au ____ iliar espa ____ o profe ____ or computa ____ ão
 pa ____ ear almo ____ o sinta ____ e pró ____ imo cla ____ ificar e ____ pírito
 e ____ periência ma ____ ã pá ____ aro e ____ tatal caro ____ el a ____ iliar a ____ imilar
 e ____ pan ____ ão a ____ pirador e ____ pre ____ o.

4) Complete as palavras usando SS, Ç OU S nos espaços:

- A) DETEN ____ ão H) REPRE ____ ão
 B) CONTEN ____ ão I) SUPRE ____ ão
 C) ABSTEN ____ ão J) PRETEN ____ ão
 D) PROGRE ____ ão K) ASCEN ____ ão
 E) TRANSGRE ____ ão L) COMPREEN ____ ão
 F) REGRE ____ ão
 G) EXPRE ____ ão

5) Veja que o texto abaixo está faltando os sinais de pontuação. Então pontue todo texto quando necessário.

O garoto apanhou da vizinha e a mãe furiosa foi tomar satisfação
 Por que a senhora bateu no meu filho
 Ele foi mal-educado e me chamou de gorda
 E a senhora acha que vai emagrecer batendo nele

GRADE DE CORREÇÃO- TEXTO DE DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA

CRITÉRIOS	SIM	NÃO
1- O título é interessante e chama a atenção do leitor?		
2-As informações estão claras?		
3- O assunto tem relação com o cotidiano do leitor?		
4- Foram utilizadas informações importantes de especialistas que tratam do assunto?		
5- Mostrei dados, gráficos, sobre o assunto?		
6- O texto traz elementos que despertam a curiosidade do leitor?		
7- O texto transmite conhecimentos de natureza científica?		
8- A linguagem utilizada é clara, objetiva e impessoal?		
9- O texto apresenta as pontuações necessárias?		
10- O texto está finalizado de maneira adequada?		

SEQUÊNCIA DIDÁTICA

Gênero Textual: **DEBATE REGRADO**

MORETTO, Milena

Tempo de duração: 16

Conteúdos: Características do gênero, Conjunções (operadores argumentativos).

Materiais necessários: Cópias dos textos indicados, livro didático.

EXPECTATIVAS DE APRENDIZAGEM

- 1) Ler para observar a função social dos gêneros textuais;
- 2) Ler para compreender;
- 3) Ler para revisar o próprio texto;
- 4) Analisar e produzir os gêneros, observando o contexto de produção (interlocutores, finalidade, suporte e circulação do texto);
- 5) Conhecer os aspectos que compõem o gênero debate para poder produzi-lo;
- 6) Produzir, revisar e reescrever textos como uma prática social;
- 7) Identificar os possíveis elementos constitutivos da organização interna do gênero;
- 8) Fazer uso da língua e de seus recursos em diferentes situações de comunicação;
- 9) Apropriar-se dos aspectos que compõem o gênero debate;
- 10) Conhecer as conjunções como elemento de coesão;
- 11) Apropriar-se do emprego da crase para domínio do padrão culto da Língua;
- 12) Apropriar-se da pontuação empregada na produção do gênero.

1. APRESENTAÇÃO INICIAL

Prezado aluno,

Você já participou de um debate? Acha difícil expor suas ideias e argumentar em favor delas?

Nesse bimestre, vamos trabalhar com um gênero chamado “debate regrado”. Esse gênero é do tipo dissertativo-argumentativo e, por isso, sua finalidade é convencer o outro de seu ponto de vista a partir do uso de argumentos. Não é um gênero em que vamos julgar pessoas, ao contrário, o propósito é discutir ideias.

No debate, todos os participantes têm o direito de falar e ouvir. O participante não deve, portanto, interromper a exposição de um colega e há um tempo delimitado para cada fala. Os participantes devem evitar argumentos repetidos a fim de que o debate seja enriquecedor e não fique monótono.

Esperamos que você aprenda a expor a seu ponto de vista em relação a um assunto polêmico, bem como organizar sua fala para apresentar esse ponto de vista em público. Ao final do projeto, vamos apresentar um debate organizado a toda comunidade escolar.



2. RECONHECIMENTO DO GÊNERO TEXTUAL

Professor (a),

Para iniciarmos o estudo do gênero debate, propomos que você passe um pequeno vídeo sobre o bullying.

Você vai assistir um trecho de um debate regrado sobre o bullying.



Vídeo disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=ZWSE-4-o-C0>. Acesso em 22 de março de 2016.

Após assisti-lo, discuta com seus colegas e professores:

- 1) A discussão realizada gira em torno apenas das ideias, do assunto tratado, isto é, desconsidera o julgamento pessoal?
- 2) De que forma os alunos se posicionam em relação a essa temática? Há bons argumentos?
- 3) De que forma os alunos estão fisicamente organizados?
- 4) A linguagem utilizada pelo alunos está adequada? Eles utilizam a linguagem padrão?
- 5) Os alunos apresentam argumentos diferentes uns dos outros?
- 6) Há um mediador? Os alunos atendem as solicitações desse mediador?

3. PROPOSTA DE PRODUÇÃO INICIAL

Agora que você já observou as principais características de um debate regrado, vamos tentar organizar um. Para isso, siga as orientações a seguir:



Leia dois textos mobilizadores sobre um tema polêmico: ABORTO

TEXTO 1: A FAVOR

“Quem tem mais direito à vida: um chimpanzé na floresta ou um feto humano no útero da mãe?” Defensor do aborto, da eutanásia e dos direitos dos animais, Singer é um dos bioeticistas mais polêmicos do planeta. Heron Escobar escreve para “O Estado de SP”: “O chimpanzé”, responde, sem medo, o professor de bioética Peter Singer, da Universidade de Princeton, nos EUA. “Só o fato de ser membro da espécie Homo sapiens não é garantia de direito à vida”, diz ele. Defensor do aborto, da eutanásia e dos direitos dos animais, Singer é um dos bioeticistas mais renomados e polêmicos do planeta. Fala o que muitos se atreveriam a pensar, mas jamais teriam a coragem de dizer. “Não acho que o feto tem direito à vida porque ele não é um ser autoconsciente.” Os chimpanzés, gorilas e outros primatas superiores, por outro lado, são animais plenamente conscientes de sua existência, diz o professor. Singer, inclusive, é um dos fundadores do GreatApe Project, iniciativa internacional que busca garantir aos primatas os mesmos direitos básicos dos seres humanos: vida, liberdade e proibição da tortura. Australiano, vegetariano e com quase 60 anos, Singer é fundador da Associação Internacional de Bioética e autor de Libertação Animal, de

1975, um dos livros mais influentes sobre o movimento de defesa dos direitos dos animais. Na semana passada, esteve em SP para participar do Congresso Pitágoras 2006 e falou a “O Estado de SP” sobre algumas de suas posições mais polêmicas. Eis a entrevista com Peter Singer: - Há um projeto de lei no Congresso brasileiro que visa a descriminalizar o aborto, hoje permitido apenas em casos de estupro e risco de vida para a mãe. Qual a posição do senhor sobre isso? - Eu sou a favor de que as mulheres possam fazer abortos quando desejarem. Especialmente se o aborto for feito quando o feto ainda é incapaz de sentir dor. Minha preocupação maior é com a dor e o sofrimento. Até 20 semanas de gestação, quando ocorre a maioria dos abortos, o feto não está nem mesmo consciente, por isso não acredito que tenha direito à vida. Por essa razão, eu permitiria às mulheres escolher se querem fazer um aborto até esse período. Após 20 semanas, eu ainda não seria completamente contrário, mas seria mais flexível à adoção de restrições. - O que o senhor está dizendo certamente vai deixar muita gente indignada. Imagino que deva receber muitas críticas por isso. - O conceito geral é o de que se você é um ser humano, você automaticamente tem direito à vida. Esse é um dos problemas com o debate do aborto: as pessoas que são contra dizem que o feto é um ser humano e, portanto, tem direito à vida. Eu acho que a primeira parte está correta: o feto é um ser humano. Mas não necessariamente a segunda. Não acho que o simples fato de pertencer a uma espécie seja garantia de direitos morais; acho que você adquire direitos morais pelo indivíduo que você é. Se você não é um ser autoconsciente, não acho que tenha direito à vida. A ideia geral é, muitas vezes, religiosa: as pessoas acreditam que o ser humano possui uma alma e que o homem é feito à imagem de Deus ou coisa desse tipo. Acho que muitas das pessoas que criticam minha opinião contra o aborto por questões religiosas, mesmo que não usem esse argumento explicitamente. - Considerando sua posição com relação aos primatas, então, seria correto dizer que o senhor dá mais valor à vida de um chimpanzé do que à de um feto humano? - É verdade; não nego isso. O chimpanzé é um ser autoconsciente. Os chimpanzés são capazes de se reconhecer no espelho, eles demonstram pensamento e planejam o que fazem. Eu diria até que têm um certo senso de moralidade na maneira como lidam uns com os outros. Eles sofrem quando alguém próximo a eles morre. Portanto, é preciso reconhecer que os chimpanzés têm um estado de vida mental e emocional que um feto não tem, porque seu cérebro não está suficientemente desenvolvido. Então é verdade: eu diria que os chimpanzés têm direitos que superam os de um feto humano. É claro que, normalmente, o feto é algo que a mulher ama e deseja, e por isso ele merece nossa proteção. Mas se a mulher não quer a gravidez, e você considera apenas os direitos do feto isoladamente, acho que ele não tem direito à vida, enquanto o chimpanzé tem.

Texto disponível em http://www.medio.com.br/index.php?option=com_content&task=view&id=889&Itemid=39. Acesso em 22 de mar. 2016.

TEXTO 2: CONTRA

E o direito do filho? Prof. Humberto Leal Vieira Presidente da PROVIDAFAMÍLIA Os grupos feministas alegam que ter ou não ter filho, é um direito da mulher, por isso o aborto deve ser legalizado. Ao aceitar o argumento de que a mãe tem o direito de matar seu próprio filho, porque resultante de uma gravidez "indesejada" teremos que aceitar que o filho também tem o direito de matar sua mãe quando indesejada por este. Afinal o filho não escolheu a mãe que tem e os direitos são iguais para todos. Vejam onde iríamos com esse argumento! A afirmativa segundo a qual está se defendendo um direito da mulher ao legalizar o aborto, é uma farsa, é mentirosa e esconde o verdadeiro objetivo da campanha das ONGs que são pagas por fundações e organismos internacionais para promover, entre nós, o controle de população. Em verdade, são grupos assalariados que prestam serviços a seus patrões interessados em uma nova modalidade de imperialismo em que a vida humana está em jogo. Tiramos essa conclusão ao ler o Relatório Kissinger (NSSM 200) "Implicações do crescimento da população mundial para a segurança e os interesses externos dos Estados Unidos". Nesse relatório está demonstrado o pavor dos países ricos com o crescimento da população nos países do Terceiro Mundo. Os investimentos para o controle populacional somam bilhões de dólares em todo o mundo. Os projetos e recursos para distribuição de contraceptivos, para esterilização e promoção do aborto são publicados pelo Fundo de População da ONU. Para o Brasil, nesses últimos cinco anos foram investidos 837 milhões de dólares naqueles projetos. Para a legalização da contracepção, da esterilização e do aborto, entre nós, foi criado o Grupo Parlamentar de Estudos de População e Desenvolvimento (GPEPD) e, no âmbito da América Latina, o Grupo Parlamentar Interamericano (GPI). Esse grupo tem entre seus objetivos, segundo publicação do GPI: "Revisar as legislações nacionais a fim de considerar a possibilidade de despenalizar o aborto, tendo em conta o grande número que se realiza à margem da lei e a alta taxa de mortalidade que deles resulta". Para esses grupos parlamentares foram destinados, nestes últimos dois anos: 582.300 dólares e para o "lobby" do aborto no Brasil 634.000 dólares entre outros recursos. Na grande discussão sobre o aborto, que se deu no dia 25 do corrente mês, no Plenário da Câmara dos Deputados, tive oportunidade de expor, aos presentes, esses dados. Nessa ocasião se apresentaram dirigentes de ONGs como as Católicas pelo Direito de Decidir e outras que defenderam a legalização do aborto e para isso são financiadas por organizações internacionais e fundações estrangeiras. Agora, o vergonhoso é que brasileiros, e até mesmo certos parlamentares defendam os interesses daqueles países em detrimento de nossa soberania e de nosso crescimento como Nação! Acredito que o Congresso Nacional deveria apurar o destino de tanto recurso investido no Parlamento e nas ONGs para o controle populacional. Essa é uma questão de soberania nacional. Felizmente, sabemos, que é apenas uma minoria de parlamentares que está engajado nesses programas e que a grande maioria desconhece aqueles projetos de controle populacional que

representam um neocolonialismo. Estes grupos já conseguiram legalizar a contracepção e a esterilização e agora tentam legalizar o aborto. Concluindo podemos dizer que a questão do direito ao aborto é um eufemismo que esconde o verdadeiro objetivo de países estrangeiros e organizações internacionais interessados no controle da população brasileira e o enfraquecimento do Brasil, como Nação Soberana.

Fonte: Artigo publicado no jornal Correio Brasiliense em 30/11/1997.

Após a leitura dos textos motivadores, os alunos deverão organizar um debate sobre o tema Aborto. Para isso, siga as instruções:

- 1) Grupos de até cinco pessoas deverão se reunir e listar os argumentos favoráveis ou contrários ao tema para que possam discutir, posteriormente, no debate.
- 2) Após a organização dos grupos, o professor poderá dividir a sala em duas, colocando um grupo (de todos que são favoráveis) em frente ao outro (os que são contrários) ao tema.
- c) Assim, será iniciado o debate. Cada grupo terá a oportunidade de argumentar e contra-argumentar dentro de um tempo estabelecido pelo professor.
- d) O professor desempenhará o papel de mediador do debate, controlando o tempo das falas e atentando-se à variação linguística utilizado no debate.

Professor (a),

Solicite que os alunos registrem no espaço abaixo os pontos de vista e argumentos a serem utilizados no debate.

4. O CONTEXTO DE PRODUÇÃO DO GÊNERO DEBATE

Assista ao debate abaixo sobre o tema: Bullying nas escolas:



Vídeo disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=cKUnz8wSEY0>. Acesso em 22 de mar. 2016.

A partir do vídeo, preencha o quadro abaixo de forma a apresentar as principais características do contexto de produção desse texto:

Quem são os produtores do debate?	
Que função social essas pessoas exercem?	
A quem esse debate é dirigido?	
Que função social assumem os interlocutores do debate?	
Qual a finalidade desse gênero de texto?	
Em que suporte aparecem?	

5. ASPECTOS DISCURSIVOS

Leia o texto a seguir que é uma transcrição da revista Pais & Teens¹.

Pais&Teens — Pessoal, dá para vocês falarem um pouco sobre o que entendem por cidadania? Como cada um entende o exercício da cidadania?

Ivo — Há várias formas de praticar cidadania. Trabalhando diretamente com um grupo de crianças, por exemplo, ajudar crianças carentes. Você pode fazer uma doação em dinheiro, que é uma coisa que eu tenho certa dificuldade em aceitar, mas é um tipo de ajuda. Você pode trabalhar diretamente

com as pessoas carentes, você pode desenvolver algum projeto... Você pode também apagar a luz quando sair da casa, porque energia é também um negócio tão sério que você pode estar economizando com um banho, por exemplo. São coisas simples. [...]

Anay — Praticar cidadania também é tentar combater o que a gente consegue ver que está errado. E tem de ser desde agora. Eu acho que cidadania começa quando a gente enxerga isso e começa a combater isso, começa a perceber o que está errado e fazer alguma coisa sobre isso.

Natália — Eu ainda não sei definir o que é cidadania, porque é uma coisa muito

abrangente, que vem de cada um. Não dá para definir, porque o que eu falar vai ser diferente dele ou dela, ou do que qualquer um falar. Eu acho que você tem de começar dentro da sua casa, começando a compreender sua mãe, seu pai. Da hora em que você leva o cachorro para passear você catar o cocô dele para ninguém pisar, porque o dia que você pisa você chega em casa superbrava. Até que você pode começar a fazer uma coisa um pouco maior, como arrumar



¹ As atividades referentes aos aspectos discursivos foram retiradas de: CEREJA, Willian Roberto; MAGALHÃES, Thereza Cochar. **Todos os textos**: uma proposta de produção textual a partir de gêneros e projetos. 8º ano. São Paulo: Atual, 2007.

um grupo de pessoas dispostas a ir numa favela, recolher alimentos, aquele puta trabalhão, porque dá trabalho.

[...]

Pais&Teens — Votar é exercer cidadania? Como vocês veem isso? O voto deve ser obrigatório?

Fernanda — Bem, o voto aos 16 anos não é obrigatório, mas eu acho que nem após os 18 deveria ser. É preciso repensar isso.

Thiago — Se o voto não fosse obrigatório eu acho que só votaria quem tivesse uma consciência em quem e para que votar. Então concordo plenamente: não tinha de ser obrigatório. Senão vira uma mera manipulação eleitoral. O voto foi transferido para 16 anos só para isso, porque o adolescente não sabe em quem votar [...].

Débora — Eu acho que se o voto não fosse obrigatório com 18 anos ninguém iria querer votar, aí como iria ter políticos? Mas também acho que milhões de pessoas não têm um voto consciente, acabam votando em troca de uma camiseta, um saquinho de arroz. O povo devia ter mais consciência na hora de votar.

Rafael — Eu acho que o voto não é um direito e sim um dever, eu acho que o voto obrigatório está certo, porque se fosse um direito ninguém iria votar. Portanto acho que o voto é um dever do cidadão, ele deve votar sim.

José Ricardo — Eu sou contra o voto obrigatório, eu acho que obrigatório deve ser dar uma formação decente para o camarada, uma educação para o cara quando chegar aos 18 anos ter noção de que aquilo não é uma obrigação e sim um dever. Não obrigar o cara, porque quanto mais você obriga, menos o cara tem vontade de fazer.

Camila — Eu acho que — como Anay falou — o voto é um direito, o voto é um grande direito, a gente teve ditadura e eles ficaram lutando para conseguir votar. Então eu acho que o voto não tem de ser obrigatório, mas todos, inclusive os jovens, tinham de ter consciência e isso vem da formação de que o voto é um direito que você tem, que você tem de exigir, tem de saber votar e para saber votar você tem de ter uma boa formação, uma boa educação.

[...]

Ivo — Será que é possível conscientizar as pessoas, será que é possível fazer com que o cara vote por vontade própria e vote certo? Eu acredito profundamente que é possível sim. Esse trabalho a gente não pode ficar o tempo todo esperando

que o governo faça, e a gente está trabalhando com isso, e se vocês me reafirmarem que não é possível, eu não vejo o porquê de a gente estar aqui [...]. Eu acho que é muito mais fácil ficar em casa à toa, mas estamos aqui.

Pais&Teens — Vocês falaram muito na educação. Como a educação pode levar à consciência de cidadania, ao exercício consciente da vontade política? A nossa escola cumpre essa função?

Anay — Quando a gente estuda em escola pública, a gente chega bem mais perto da realidade do que o Brasil é, porque a gente vê todo dia as carteiras quebradas, a escola acabada, falta até água às vezes. Então acho que o pessoal que está longe disso devia se conscientizar mais com relação ao voto, porque quando você está perto você vê o quanto o voto é importante e como você faz parte disso. A gente tem de aprender a ver onde estão as coisas que o voto pode mudar.

Ângelo — Ela falou das carteiras quebradas, da falta de água, e na verdade é essa imagem que todos têm da escola pública. Mas eu estudo numa escola pública que não tem carteira quebrada, não tem falta de água e tem até computador na sala de projeção e você tem acesso a tudo isso. Acho que o que faz a escola ser boa ou ruim não é a quantidade de recursos que ela recebe, mas como são aplicados esses recursos, e principalmente a conscientização dos alunos para a utilização desses recursos. O aluno pode participar disso como? O grêmio pode conscientizar para não quebrarem as carteiras, para não sujarem a escola... Ou como no nosso caso, que arrecadamos dinheiro para comprar ventiladores, porque nossa escola é um forno: a gente conscientizou os alunos para não quebrarem os ventiladores, e eles estão lá inteirinhos há um ano, porque ninguém mais se pendura neles. Então a culpa da escola pública ser assim não é só da prefeitura, do Estado ou de quem dirige a escola, mas é muito dos pais que jogam os filhos numa escola e só querem saber se o filho passou ou não.

Ivo — O problema não é só das escolas públicas. As escolas particulares são igualzinhas, o negócio vai lá e quebra, o que pode ter mais é policiamento, e o cara fala "quebrei, eu pago e pronto". "Eu tenho dinheiro, então eu posso quebrar que depois eu pago!" Isso é pior...

Marcelo — E as crianças que não estão na escola? Você sai nas ruas, tem crianças de 4, 5 anos vendendo coisas, crianças que deviam estar na escola. A sociedade rotulou todas essas crianças

que estão lá na rua de "ladrão", se abaixar o vidro vai roubar. Como você vai se preocupar com cidadania, sendo que essa criança não está aprendendo sobre cidadania, sendo que os direitos dela não foram preservados? Você pode cobrar cidadania desse adulto amanhã?

Ângelo — Eu acho que é possível sim você educar para a pessoa ser consciente e ter um pensamento crítico em relação à sociedade, a si mesma



e ao mundo. Para mim, esse tipo de conscientização começa na família, na educação que você recebe quando é pequeno e, é claro, passa também pela escola. Acho que é na família que você recebe os princípios básicos, porque sua mãe te ensina, te enchendo o saco, tipo "olha, cumprimenta, dá beijinho, diz obrigado". Acho que começa aí, depois tem de continuar na escola. Em relação à cidadania, acho que o próprio aluno, como cidadão, tem uma desvalorização total com relação a ele mesmo. Na minha escola tem gente que quebra — que nem vocês dizem que na escola privada eles quebram e dizem que têm dinheiro para pagar —, na pública eles quebram e falam que o governo é que tem de pagar, ou então coisas do tipo "meu pai paga impostos". É tão ridículo quanto. A importância que aquilo tem para ele mesmo, ele não percebe. Você só respeita a coisa pública a partir do momento que você percebe a importância que tem isso para sua vida.

(País & Teens, nº 7.)

1) Nesse trecho do debate, onze jovens abordam o tema cidadania. Os participantes foram estimulados a debater certos aspectos do tema a partir de três perguntas feitas pelo moderador ou mediador. O moderador tem o papel de coordenar e organizar o debate, definindo a ordem na qual quem quer falar terá a palavra, o tempo máximo de cada um, o direito de resposta, etc.

a) Quem é o moderador no debate lido?

b) A que se referem as perguntas feitas pelo moderador ao grupo de debatedores?

2. Num debate, é comum as pessoas apresentarem opiniões diferentes ou até contrárias acerca de um tema. Observe as falas de Ivo, Anay e Natália sobre o que entendem por cidadania.

a) O que há em comum na opinião dos três?

b) Observe a fala de Anay. Você acha que ela discorda de Ivo? Justifique sua resposta com elementos da fala de Anay.

3. A 2ª. pergunta proposta ao grupo provoca a participação de sete debatedores, dos quais apenas um apresenta uma opinião totalmente diferente da dos demais.

a) Qual é esse debatedor?

b) Que argumento, isto é, que motivo ou razão esse debatedor apresenta para sustentar seu ponto de vista?

4. Camila, ao debater o voto obrigatório, manifesta uma opinião semelhante à de José Ricardo.

a) Em que aspecto as ideias dos dois se assemelham? Para eles, qual é o requisito necessário para votar bem?

b) Camila afirma: "a gente teve ditadura e eles ficaram lutando para conseguir votar". A quem ela se refere com o pronome eles?

5. Em debates, é comum uma pessoa retomar a fala de outra, seja para concordar com ela, seja para refutar (negar) afirmações feitas por ela.

a) Que trecho da fala de Camila retoma e reforça o ponto de vista expresso por Anay?

b) Apesar de Camila falar depois de José Ricardo e concordar com o ponto de vista dele, ela reforça apenas a fala de Anay. Como ela poderia ter incluído na última frase de sua fala um apoio às ideias de José Ricardo?

6. Os comentários de Camila e José Ricardo permitiram ao moderador relacionar o tema da cidadania com o papel da escola. Observe a terceira pergunta do moderador:

a) Anay responde à pergunta feita pelo moderador? Por quê?

b) De acordo com o ponto de vista de Ângela, o que pode ser feito nas escolas para ampliar a consciência sobre cidadania?

c) De acordo com o ponto de vista de Marcelo, as crianças que estão fora da escola têm chances de se tornarem cidadãs?

6. ASPECTOS LINGUÍSTICO-DISCURSIVOS

1. Ao argumentar, o debatedor expõe seu ponto de vista. Por isso, é normal que ele empregue expressões como **na minha opinião, para mim, eu acho que, do meu ponto de vista**, etc. Identifique no texto expressões como essas.

2. Observe essa passagem na última fala de Ângelo:

“Eu acho que é possível sim você educar para a pessoa ser consciente e ter um pensamento crítico em relação à sociedade, a si mesma e ao mundo. Para mim, esse tipo de conscientização começa na família, na educação que você recebe quando é pequeno”.

a) O pronome você, nesse caso, refere-se a um interlocutor em particular ou tem um sentido generalizante, isto é, refere-se às pessoas em geral?

b) Considerando a finalidade do debate e o tema debatido, por que a palavra você assume esse sentido?

3. Geralmente, em debates públicos predomina a variedade padrão da língua. Contudo, a linguagem pode variar dependendo do perfil sociocultural dos debatedores: sexo, idade, grupo social ou “tribo”, grau de escolaridade, grau de intimidade que têm entre si, etc. E também pode apresentar maior ou menor grau de formalidade.

a) Que tipo de variedade linguística predomina no debate lido? Ela é formal ou informal? Justifique sua resposta com alguns exemplos do texto.

b) No debate lido, os participantes têm um perfil mais ou menos comum – todos são adolescentes e estudantes. A linguagem empregada é coerente com o perfil dos debatedores? Por quê?

AS CONJUNÇÕES NA CONSTRUÇÃO DO TEXTO

Observe os quadros abaixo que apresenta o sentido que as conjunções exercem no texto:

1) Conjunções coordenativas

Classificação	Conjunções	Exemplos
Aditivas	e, nem, mas também, como também, bem como, etc.	Pedro é educado e gentil.
Adversativas	mas, porém, todavia, contudo, entretanto, no entanto, etc.	Não se esforçou muito, porém obteve um bom resultado.
Alternativas	ou...ou; ora...ora; quer...quer; já...já, etc.	Ou você estuda, ou trabalha.
Conclusivas	logo, portanto, por isso, assim, por conseguinte, etc.	Possui um bom histórico profissional, logo não ficará desempregado.
Explicativas	que, porque, porquanto, pois, etc.	Não compareci à festa porque não fui convidada.

Quadro disponível em <http://portugues.uol.com.br/gramatica/conjuncoes.html>. Acesso em 07 de abr. 2016.

2) Conjunções subordinativas

Classificação	Conjunções	Exemplos
Causais	porque, uma vez que, sendo que, visto que, como, etc.	Como estava frio, resolvemos adiar o passeio.
Consecutivas	que (precedido de tal, tão, tanto, tamanho), sem que, de modo que, de forma que, etc.	Tamanho foi o mau desempenho do rapaz, que a empresa optou por não contratá-lo.
Comparativas	como, tal qual, que ou do que, assim como, mais... que, menos...que, etc.	A menina era delicada como uma flor.
Conformativas	conforme, segundo, consoante, assim como, etc.	Conforme o combinado, entregamos a pesquisa para o professor.
Concessivas	mesmo que, por mais que, ainda que, se bem que, embora, etc.	Embora gostasse muito dele, resolvi terminar a relação.
Condicionais	se, caso, contanto que, a menos que, sem que, salvo se, etc.	Terá seu dia cortado, a menos que apresente justificativa.
Proporcionais	à medida que, à proporção que, quanto mais, quanto menos, etc.	Quanto mais agir desta maneira, mais será excluído pelo grupo.
Finais	a fim de que, para que, etc.	Estudo bastante, a fim de que possa construir meu futuro.
Temporais	quando, enquanto, sempre que, logo que, depois que, etc.	Quando chegar de viagem, avise-me.

Quadro disponível em <http://oblogderedacao.blogspot.com.br/2013/04/tabelas-de-conjuncoes.html>. Acesso em 07 de abr. 2016.

Agora, releia a transcrição do debate publicado na revista Pais & Teens e responda as questões abaixo:

1. No trecho “Você pode trabalhar diretamente com as pessoas carentes, você pode desenvolver algum projeto... Você pode também apagar a luz quando sair da casa, **porque** energia é também um negócio tão sério que você pode estar economizando com um simples banho”, a conjunção em destaque tem a função de:

- explicação
- oposição
- condição
- finalidade

2. Releia o trecho “Você pode fazer uma doação em dinheiro, que é uma coisa que eu tenho dificuldade em aceitar, **mas** é um tipo de ajuda”. A conjunção em destaque, pode ser substituída, sem prejuízo de sentido, por:

- a) contudo
- b) portanto,
- c) mas também
- d) logo
- e) pois

3. A primeira fala de Anay apresenta uma conjunção que traz a ideia de tempo. Que conjunção é essa?

4. Na fala de Rafael, “eu acho que o voto não é um direito e sim um dever, eu acho que o voto obrigatório está certo, porque se fosse um direito ninguém iria votar. **Portanto**, acho que o voto é um dever do cidadão, ele deve votar sim”, a conjunção em destaque pode ser substituída, sem prejuízo de sentido, por:

- a) contudo
- b) todavia
- c) logo
- d) embora
- e) apesar

5. Em “Da hora que você leva o cachorro **para** passear”, a conjunção em destaque indica:

- a) oposição
- b) concessão
- c) finalidade
- d) comparação
- e) causa

7. PRODUÇÃO FINAL

Vamos fazer um debate regrado!

TEMA:

❖ **As vantagens que a internet proporciona compensam os problemas que ela pode provocar?**

Veja o passo a passo:

- 1) Escolha dos participantes e do moderador.
- 2) Definição das regras (quem começa o debate; duração das intervenções; papel do moderador; possibilidade de diálogo; participação do público; direito à réplica e tréplica...).
- 3) O moderador saúda o público, apresenta o tema e os participantes; recorda as regras previamente estabelecidas.
- 4) Participação do público para formulação de perguntas.
- 5) Encerramento do debate pelo moderador, com a apresentação de um balanço final (feito pelo próprio moderador ou por observadores externos, previamente escolhidos).

GRADE DE CORREÇÃO

CRITÉRIOS	SIM	NÃO
1- O debate conseguiu explicitar duas ou mais opiniões divergentes?		
2- A organização permitiu a participação democrática de todos os participantes?		
3- As regras em relação ao tempo foram respeitadas?		
4- As regras em relação à réplica foram respeitadas?		
5- O respeito às pessoas e às ideias foi mantido?		
6- A linguagem dos participantes foi adequada?		
7- Os argumentos apresentados eram coerentes?		

SEQUÊNCIA DIDÁTICA

Gênero Textual: CRÔNICA

MAZZO, Marcia Ap. Louzado

GOBBO, Elisangela

LOPES, Alessandra D. P. Camargo

RIBEIRO, Aurelita Silva

Tempo de duração:

Conteúdos:

Materiais necessários:

EXPECTATIVAS DE APRENDIZAGEM

- 1) Identificar os possíveis elementos constitutivos da organização interna do gênero;
- 2) Fazer uso da língua e de seus recursos em diferentes situações de comunicação;
- 3) Apropriar-se dos aspectos que compõem o gênero debate;
- 4) Observar e identificar na construção do texto suas unidades menores: parágrafos e frases;
- 5) Conhecer a crônica como um gênero observando suas características composicionais e buscando semelhanças e diferenças com outros textos;
- 6) Construir o conceito de complemento nominal para poder identificá-lo na construção do texto;
- 7) Conhecer as conjunções como elemento de coesão;
- 8) Apropriar-se do emprego da crase para domínio do padrão culto da Língua;
- 9) Apropriar-se da pontuação empregada na produção do gênero.

1. APRESENTAÇÃO INICIAL

Prezado aluno,

Você já deve ter lido em jornais, revistas ou em livros algum texto curto relacionado a assuntos do cotidiano, artes, esportes etc. Normalmente, esses textos são denominados “Crônica”. O cronista normalmente descreve os acontecimentos de acordo com sua visão crítica dos fatos. Veja um trecho de uma entrevista dada pelo cronista Mario Prata:

Que tipo de assunto mais o interessa ao escrever crônicas?

Assuntos do cotidiano, aparentemente pequenos e desprezíveis. A partir deles, tento chegar a temas maiores.

Seu interesse é o de não confrontar com o noticiário, ou seja, focar em assuntos que não estavam nas páginas do jornal?

A crônica é um respiro. É o lugar onde o leitor, cansado de fichas limpas e arrastões, pode encontrar outro tema. Agora, dizer que os assuntos não são "jornalísticos" não significa que não sejam pertinentes e atuais.

A solidão é fundamental para o escritor?

Fundamental. E hoje, com redes sociais, BlackBerries e outros cacarecos da comunicação, ficar sozinho é cada vez mais difícil. Cada texto terminado é uma vitória triunfal do Word contra o Twitter, o Facebook, o Outlook...

Você tem o hábito de mostrar o que escreve a outros escritores antes de publicar?

Crônicas, muito raramente. Como escrevo cerca de duas por semana, há muitos anos, já ia ter exaurido a paciência dos meus amigos faz tempo. Agora, quando é um conto ou romance é preciso de ajuda, mostro trechos para amigos escritores e eles me ajudam bastante.

<http://www.otempo.com.br/divers%C3%A3o/magazine/a-vis%C3%A3o-do-cronista-ant%C3%B4nio-prata-1.229092>

Neste bimestre, estudaremos o gênero “Crônica”. Ao final de nosso projeto, realizaremos a confecção de um livro que será apresentado a toda comunidade escolar e aos seus familiares, bem como ficará disponível na biblioteca da escola. O texto que melhor for produzido será exposto no jornal mural da escola.

BOM TRABALHO!



2. RECONHECIMENTO DO GÊNERO TEXTUAL

Professor (a),

Para dar início ao estudo do gênero “Crônica”, utilize o livro “Para viver juntos”. Leia o texto “Restos de Carnaval” de Clarice Lispector e “Vacacões e Homens”. Se preferir, você pode levar os alunos para a biblioteca e/ou laboratório de informática. Em seguida, questione os alunos a respeito das características desse gênero textual. Após essa discussão, elabore um cartaz com as principais características observadas pelos alunos e deixe-o afixado na sala para consultas posteriores.

Você vai ler dois textos. Leia-os com atenção procurando identificar as semelhanças e diferenças existentes entre eles. Depois, analise-os de acordo com as questões abaixo:

RESTOS DE CARNAVAL

Clarice Lispector

Não, não deste último carnaval. Mas não sei por que este me transportou para a minha infância e para as quartas-feiras de cinzas nas ruas mortas onde esvoaçavam despojos de serpentina e confete. Uma ou outra beata com um véu cobrindo a cabeça ia à igreja, atravessando a rua tão extremamente vazia que se segue ao carnaval. Até que viesse o outro ano. E quando a festa ia se aproximando, como explicar a agitação íntima que me tomava? Como se enfim o mundo se abrisse de botão que era em grande rosa escarlate. Como se as ruas e praças do Recife enfim explicassem para que tinham sido feitas. Como se vozes humanas enfim cantassem a capacidade de prazer que era secreta em mim. Carnaval era meu, meu.

No entanto, na realidade, eu dele pouco participava. Nunca tinha ido a um baile infantil, nunca me haviam fantasiado. Em compensação deixavam-me ficar até umas 11 horas da noite à porta do pé de escada do sobrado onde morávamos, olhando ávida os outros se divertirem. Duas coisas preciosas eu ganhava então e economizava-as com avareza para durarem os três dias: um lança-perfume e um saco de confete. Ah, está se tornando difícil escrever. Porque sinto como ficarei de coração escuro ao constatar que, mesmo me agregando tão pouco à alegria, eu era de tal modo sedenta que um quase nada já me tornava uma menina feliz.

E as máscaras? Eu tinha medo, mas era um medo vital e necessário porque vinha de encontro à minha mais profunda suspeita de que o rosto humano também fosse uma espécie de máscara. À porta do meu pé de escada, se um mascarado falava comigo, eu de súbito entrava no contato indispensável com o meu mundo interior, que não era feito só de duendes e príncipes encantados, mas de pessoas com o seu mistério. Até meu susto com os mascarados, pois, era essencial para mim.

Não me fantasiavam: no meio das preocupações com minha mãe doente, ninguém em casa tinha cabeça para carnaval de criança. Mas eu pedia a uma de minhas irmãs para enrolar aqueles

meus cabelos lisos que me causavam tanto desgosto e tinha então a vaidade de possuir cabelos frisados pelo menos durante três dias por ano. Nesses três dias, ainda, minha irmã acedia ao meu sonho intenso de ser uma moça - eu mal podia esperar pela saída de uma infância vulnerável - e pintava minha boca de batom bem forte, passando também ruge nas minhas faces. Então eu me sentia bonita e feminina, eu escapava da meninice.

Mas houve um carnaval diferente dos outros. Tão milagroso que eu não conseguia acreditar que tanto me fosse dado, eu, que já aprendera a pedir pouco. É que a mãe de uma amiga minha resolvera fantasiar a filha e o nome da fantasia era no figurino Rosa. Para isso comprara folhas e folhas de papel crepom cor-de-rosa, com as quais, suponho, pretendia imitar as pétalas de uma flor. Boquiaberta, eu assistia pouco a pouco à fantasia tomando forma e se criando. Embora de pétalas o papel crepom nem de longe lembrasse, eu pensava seriamente que era uma das fantasias mais belas que jamais vira.

Foi quando aconteceu, por simples acaso, o inesperado: sobrou papel crepom, e muito. E a mãe de minha amiga - talvez atendendo a meu apelo mudo, ao meu mudo desespero de inveja, ou talvez por pura bondade, já que sobrara papel - resolveu fazer para mim também uma fantasia de rosa com o que restara de material. Naquele carnaval, pois, pela primeira vez na vida eu teria o que sempre quisera: ia ser outra que não eu mesma.

Até os preparativos já me deixavam tonta de felicidade. Nunca me sentira tão ocupada: minuciosamente, minha amiga e eu calculávamos tudo, embaixo da fantasia usaríamos combinação, pois se chovesse e a fantasia se derretesse pelo menos estaríamos de algum modo vestidas - à ideia de uma chuva que de repente nos deixasse, nos nossos pudores femininos de oito anos, de combinação na rua, morríamos previamente de vergonha - mas ah! Deus nos ajudaria! Não choveria! Quanto ao fato de minha fantasia só existir por causa das sobras de outra, engoli com alguma dor meu orgulho, que sempre fora feroz, e aceitei humilde o que o destino me dava de esmola.

Mas por que exatamente aquele carnaval, o único de fantasia, teve que ser tão melancólico? De manhã cedo no domingo eu já estava de cabelos enrolados para que até de tarde o frisado pegasse bem. Mas os minutos não passavam, de tanta ansiedade. Enfim, enfim! Chegaram três horas da tarde: com cuidado para não rasgar o papel, eu me vesti de *rosa*.

Muitas coisas que me aconteceram tão piores que estas, eu já perdoei. No entanto essa não posso sequer entender agora: o jogo de dados de um *destino* é irracional? É impiedoso. Quando eu estava vestida de papel crepom todo armado, ainda com os cabelos enrolados e ainda sem batom e ruge - minha mãe de súbito piorou muito de saúde, um alvoroço repentino se criou em casa e mandaram-me comprar depressa um remédio na farmácia. Fui correndo vestida de *rosa* - mas o rosto ainda nu não tinha a máscara de moça que cobriria minha tão exposta vida infantil - fui correndo, correndo, perplexa, atônita, entre serpentinas, confetes e gritos de carnaval. A alegria dos outros me espantava.

Quando horas depois a atmosfera em casa acalmou-se, minha irmã me penteou e pintou-me. Mas alguma coisa tinha morrido em mim. E, como nas histórias que eu havia lido sobre fadas que encantavam e desencantavam pessoas, eu fora desencantada; não era mais uma rosa, era de novo uma simples menina. Desci até a rua e ali de pé eu não era uma flor, era um palhaço pensativo de lábios encarnados. Na minha fome de sentir êxtase, às vezes começava a ficar alegre, mas com remorso lembrava-me do estado grave de minha mãe e de novo eu morria.

Só horas depois é que veio a salvação. E se depressa agarrei-me a ela é porque tanto precisava me salvar. Um menino de uns 12 anos, o que para mim significava um rapaz, esse menino

muito bonito parou diante de mim e, numa mistura de carinho, grossura, brincadeira e sensualidade, cobriu meus cabelos, já lisos, de confete: por um instante ficamos nos defrontando, sorrindo, sem falar. E eu então, mulherzinha de 8 anos, considerei pelo resto da noite que enfim alguém me havia reconhecido: eu era, sim, uma rosa.

Texto disponível em <http://revistaescola.abril.com.br/fundamental-2/restos-carnaval-clarice-lispector-634375.shtml>

VACAS E HOMENS

Moacyr Scliar

Ele leu a manchete do jornal (com muita dificuldade, como sempre; na escola, havia sido mal e mal alfabetizado) e, de início, não a entendeu. Meia vaca tinha sido vendida? Como? Por quê? Quem compraria meia vaca? Para que comprar meia vaca, e não uma vaca inteira? E que metade da vaca havia sido comprada, a da frente ou a de trás? Vencendo a timidez, perguntou ao gerente do supermercado em que trabalhava o que significava aquela história. O homem riu muito e explicou: na verdade, não se tratava de meia vaca, tratava-se de pessoas que se associavam para comprar uma vaca. Por causa do preço, claro.

Ah, sim, o preço. Aquilo era uma coisa impressionante, R\$ 1,6 milhão. Muito dinheiro, ainda que o gerente tivesse ponderado que, em dólar, até que não era tanto. Mas, para ele, que não ganhava em dólar, tratava-se de uma quantia astronômica. Pegou um lápis e um papel e pôs-se a calcular (em contas, até que não se saía tão mal). E chegou à conclusão de que, com seu salário, jamais poderia comprar uma vaca daquelas, mesmo trabalhando toda a vida, mesmo trabalhando várias vidas. Talvez pudesse adquirir, da preciosa vaca, a ponta de um chifre. Ou uns pelos da cauda. Ou um fragmento do casco. Vaca fina não era coisa para seu bico.

E então lembrou-se da vaca que seu pai tinha, quando moravam no interior. Não era uma vaca de elite, como dizia a notícia, nem se chamava Olímpica; seu nome era Mimosa. Era boa para eles a vaca Mimosa. Dava-lhes leite, verdade que numa quantidade não muito grande para aquela família de seis filhos; mas era um leite bom e, quando eles tomavam aquele leite, sentiam-se revigorados, esperançosos até. Tão esperançosos que um dia decidiram vir para a cidade e começar vida nova. Foi o que fizeram, mas essa vida não se revelara muito boa para a família: os pais e duas irmãs haviam morrido, um irmão estava no hospital, um outro na cadeia, acusado de roubo... Ele, pelo menos, estava empregado. Com saudades de Mimosa, mas empregado. Com seu salário, nunca poderia comprar meia vaca de elite. Mas um consolo lhe restava: se se tratasse da vaca inteira, a frustração seria ainda maior. Com um suspiro que lembrou, a ele próprio, o terno mugido da Mimosa sendo ordenhada, voltou ao trabalho - que consistia, naquela manhã, em colocar as embalagens de leite na gôndola do supermercado.

Texto disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff3009200205.htm>

Após a leitura dos dois textos, discuta com seus colegas:

- 7) O que esses dois textos têm em comum?
- 8) Quais as diferenças entre eles?

- 9) Você sabe a qual gênero cada um deles pertence?
10) Qual o assunto tratado em cada um deles?

Pesquise as características do gênero CRÔNICA e anote-as no espaço abaixo:

3. PROPOSTA DE PRODUÇÃO INICIAL

Conforme você pode verificar, a crônica retoma uma situação corriqueira do dia a dia. Pense, então, em uma situação ocorrida em sala de aula e produza um texto dentro das especificidades desse gênero textual.

4. O CONTEXTO DE PRODUÇÃO

Leia a crônica a seguir intitulada “Nasce uma crônica” de Luís Fernando Veríssimo:

A moça era bonita, se chamava Fabíola e me perguntou como nascia uma crônica. Entre outras coisas. Ela era repórter do jornal da Universidade de Ouro Preto e estava me entrevistando, uma tarefa que eu não desejo a ninguém, enquanto uma câmera de TV gravava tudo. Dei a resposta de sempre. Qualquer coisa pode originar uma crônica. Às vezes há um assunto em evidência que você é obrigado a comentar, às vezes é uma coisa, assim, impressionista, às vezes é pura invenção, uma frase que sugere uma história, ou um cheiro no ar, ou um incidente banal... Os mistérios, enfim, da criação. Etcétera, etcétera. Não há vezes em que as ideias simplesmente não vêm? Há, há. Acontece muito. Com os anos as ideias parecem que vão ficando cada vez mais longe, enquanto o seu poder de convocá-las diminui. Você chama e elas não se aproximam. Você grita por socorro e elas continuam longe, lixando as unhas. Você espreme o cérebro e não pinga nada. E hoje nenhum cronista que se respeite pode recorrer ao velho truque de, não tendo assunto, escrever sobre a falta de assunto. Ou desperdiçar papel caro e o tempo do leitor com um parágrafo inteiro só de introdução. Terminada a entrevista, a moça tira um livro meu da sua bolsa. Vai pedir meu autógrafo. Mas ela mesma usa a caneta para escrever alguma coisa no livro antes de passá-lo para mim. Estranho. Ela está me dando meu próprio livro autografado por ela? Leio o que ela escreveu: "Luís: a sua braguilha está aberta".

A minha braguilha estava aberta. Passei por Ouro Preto e dei toda a entrevista com o zíper da calça aberto. Aquela situação em que, na infância - no meu caso, pré-zíper -, nossas mães avisavam que o passarinho poderia fugir. Felizmente, meu passarinho já se resignou ao seu lugar. Nada de mais apareceu, a não ser que a câmera tenha flagrado algo. E eu disse para a Fabíola que ali estava um exemplo de como nasce uma crônica. Eu fatalmente usaria aquilo, num dia de ideias distantes.

Texto disponível em <http://adoradoresdetextos.blogspot.com.br/2009/04/nasce-uma-cronica.html>

1. O texto que você acabou de ler é uma crônica. Onde é possível encontrar esses materiais?

- () Na internet
() Em jornais
() Em revistas
() Em livros

() Outros.

2. Quem é o autor da crônica que você acabou de ler?

3. Pesquise um pouco sobre a biografia desse autor e registre no espaço abaixo:

Agora, conclua: que papel social assume o cronista?

4. Qual foi o objetivo do autor ao escrever o texto “Nasce uma crônica”

5. Quem é o público-alvo desse gênero de texto?

Professor(a),

Após essa atividade esclareça aos alunos que a crônica é, primordialmente, um texto escrito para ser publicado em jornais e revistas. Assim o fato de ser publicada nesses meios já lhe determina vida curta, pois à crônica de hoje seguem-se muitas outras nas próximas edições.

Há semelhanças entre a crônica e o texto exclusivamente informativo. Assim como o repórter, o cronista se inspira nos acontecimentos diários, que constituem a base da crônica. Entretanto, há elementos que distinguem um texto do outro. Após cercar-se desses acontecimentos diários, o cronista dá-lhes um toque próprio, incluindo em seu texto elementos como: ficção, fantasia e criticismo, elementos que o texto essencialmente informativo não contém.

Com base nisso, pode-se dizer que a crônica situa-se entre o jornalismo e a literatura, e o cronista pode ser considerado o poeta dos acontecimentos do dia-a-dia. A crônica, na maioria dos casos, é um texto curto e narrado em primeira pessoa, ou seja, o próprio escritor está "dialogando" com o leitor. Isso faz com que a crônica apresente uma visão totalmente pessoal de um determinado assunto: a visão do cronista. Ao desenvolver seu estilo e ao selecionar as palavras que utiliza em seu texto, o cronista está transmitindo ao leitor a sua visão de mundo.

Ele está, na verdade, expondo a sua forma pessoal de compreender os acontecimentos que o cercam.

Geralmente, as crônicas apresentam linguagem simples, espontânea, situada entre a linguagem oral e a literária. Isso contribui também para que o leitor se identifique com o cronista, que acaba se tornando o porta-voz daquele que lê.

Em resumo, podemos determinar quatro pontos:

- Seção ou artigo especial sobre literatura, assuntos científicos, esporte etc., em jornal ou outro periódico.
- Pequeno conto baseado em algo do cotidiano.
- Normalmente possui uma crítica indireta.
- Muitas vezes a crônica vem escrita em tom humorístico. Exemplos de autores deste tipo de crônica no Brasil são Fernando Sabino, Leon Eliachar, Luis Fernando Veríssimo, Millôr Fernandes.

Texto disponível em [http://pt.wikipedia.org/wiki/Cr%C3%B4nica_\(g%C3%AAnero\)](http://pt.wikipedia.org/wiki/Cr%C3%B4nica_(g%C3%AAnero))

5. OS ASPECTOS DISCURSIVOS

5.1. A ESTRUTURA

Releia o texto “Nasce uma crônica” e responda as questões abaixo:

1) O texto “Nasce uma crônica” é uma crônica. Esse gênero de texto quase sempre é curto, tem poucos personagens e se inicia quando os fatos principais da narrativa estão por acontecer. Por essa razão, nele, o tempo e o espaço são limitados. Em “Nasce uma crônica”:

a) Quais são as personagens envolvidas na história?

b) Onde acontecem os fatos narrados?

c) Qual é o tempo de duração desses fatos?

d) Resuma, em poucas linhas, os fatos narrados.

2) Numa crônica, os fatos podem ser narrados por um narrador-observador ou por um narrador personagem. Qual é o tipo de narrador na crônica lida? Justifique sua resposta.

3) O cronista tem o olhar atento às notícias veiculadas em jornais falados e escritos e nos fatos do dia a dia. Ele os registra com sensibilidade, ora criando humor, ora provocando uma reflexão crítica acerca da realidade.

a) A história relatada na crônica estudada é apenas ficcional, ou seja, inventada pelo cronista? Justifique sua resposta.

b) Conclua: A crônica estudada se limita a narrar fatos ou busca uma abordagem mais abrangente deles?

c) Que objetivos o autor da crônica “Nasce uma crônica” tem em vista: tratar cientificamente de um assunto, instruir pais e professores, divertir ou levar o leitor refletir criticamente sobre a vida e os comportamentos humanos? Justifique sua resposta.

4) Observe a linguagem empregada na crônica “Nasce uma crônica”.

a) Os fatos são narrados de forma pessoal, subjetiva, isto é, de acordo com a visão do cronista ou são narrados de forma impessoal e objetiva, numa linguagem jornalística?

b) Em relação à linguagem, a crônica está mais próxima do noticiário geral de um jornal ou dos textos literários como o conto, o mito e o poema?

c) Que tipo de variedade linguística é adotado na crônica: uma variedade formal ou informal? Justifique sua resposta.

5) A partir das questões acima, registre no espaço abaixo as características da crônica.

5.2. O conteúdo temático

Leia o texto abaixo para responder as questões:

Bilhete ao futuro

Bela ideia essa de Cristóvam Buarque, ex-reitor da Universidade de Brasília e ex-ministro da Educação, de pedir às pessoas do nosso país que escrevessem um “bilhete ao futuro”. O projeto teve a intenção de recolher, no final dos anos 80, no século passado, uma série de mensagens que

seriam abertas em 2089, nas quais os brasileiros expressariam suas esperanças e perplexidades diante do tumultuado presente do fabuloso futuro.

Oportuníssima e fecunda ideia. Ela nos colocou de frente ao século XXI, nos incitou a liquidar de vez o século XX e a sair da hipocondria político-social. Pensar o futuro sempre será um exercício de vida. O que projetar para amanhã? (...)

Affonso Romano de Sant’Anna

1) Os dois parágrafos acima fazem parte do texto cujo autor é Affonso Sant’Anna. Esse tipo de produção textual é chamado de crônica, porque:

- a) defende um tema.
- b) tenta ludibriar o leitor.
- c) faz o registro do dia-a-dia.
- d) conta uma história antiga.
- e) exalta as belezas do país amado.

2) O acontecimento que originou esse texto está relacionado:

- a) à promoção do reitor da Universidade de Brasília.
- b) à realização do reitor como mestre da Universidade de Brasília.
- c) ao pedido feito pelo reitor da Universidade às pessoas de Brasília.
- d) à liquidação dos problemas do século XX.
- e) ao pedido feito pelo ex-reitor da Universidade de Brasília aos brasileiros.

3) Segundo o cronista, o bilhete ao futuro:

- a) incitaria as pessoas a “sair da hipocondria político-social”.
- b) incitaria as pessoas à revolta social e política no presente e no futuro.
- c) incitaria as pessoas a liquidarem de vez com as ideias do século XX e do século XXI.
- d) incitaria as pessoas a escreverem mensagens de desilusão.
- e) incitaria as pessoas a se comunicarem por bilhetes, algo incomum nos dias atuais.

4) Segundo o cronista:

- a) futuro jamais deverá ser pensado pelos hipocondríacos político-sociais.
- b) o amanhã é algo imprevisível; sempre haverá momentos tumultuados.
- c) o estímulo à fuga da hipocondria político-social seria a oportunidade que a redação do bilhete oferece.

- d) o povo não queria se comprometer com as políticas sociais da década.
e) a população tinha muita dificuldade para redigir o bilhete do futuro.
- 5) A frase que exprime a conclusão do cronista sobre o significado de escrever um bilhete ao futuro é:
- a) “O futuro e o presente só interessam ao passado.”
b) “O passado é importante e, no futuro, seja o que Deus quiser.”
c) “O presente é hoje e não é necessário preocupação com o futuro.”
d) “Pensar o futuro é um exercício de vida.”
e) “O futuro, a gente deixa para pensar amanhã.”
- 6) As mensagens que as pessoas enviariam ao futuro são representadas, no texto, pelas palavras:
- a) belezas e possibilidades
b) esperanças e perplexidades
c) angústias e esperanças
d) realizações e lembranças
e) frustrações e melancolias
- 7) O tratamento adequado para se referir ao reitor de uma Universidade é:
- a) Ilustríssimo Senhor
b) Vossa Magnificência
c) Excelentíssimo Senhor
d) Vossa Senhoria
e) Vossa Excelência
- 8) As duas vírgulas que aparecem na primeira frase foram empregadas para expressar uma:
- a) explicação
b) contrariedade
c) adversidade
d) enumeração
e) oposição
- 9) Um ser humano que sofra de hipocondria, segundo o texto, e considerando o sentido conotativo, é assim conhecido por:
- a) apresentar obesidade descontrolada

- b) possuir seríssimos problemas de saúde
c) ser extremamente romântico
d) isolar-se socialmente
e) ser dependente de medicamentos

10) O pronome ela, destacado no texto, relaciona-se à palavra:

- a) mensagem
b) hipocondria
c) esperança
d) intenção
e) ideia

6. OS ASPECTOS LINGUÍSTICO-DISCURSIVOS

Leia a crônica intitulada “Cobrança” de Moacyr Scliar.

Ela abriu a janela e ali estava ele, diante da casa, caminhando de um lado para outro. Carregava um cartaz, cujos dizeres atraíam a atenção dos passantes: "Aqui mora uma devedora inadimplente".

— Você não pode fazer isso comigo — protestou ela.

— Claro que posso — replicou ele. — Você comprou, não pagou. Você é uma devedora inadimplente. E eu sou cobrador. Por diversas vezes tentei lhe cobrar, você não pagou.

— Não paguei porque não tenho dinheiro. Esta crise...

— Já sei — ironizou ele. — Você vai me dizer que por causa daquele ataque lá em Nova York seus negócios ficaram prejudicados. Problema seu, ouviu? Problema seu. Meu problema é lhe cobrar. E é o que estou fazendo.

— Mas você podia fazer isso de uma forma mais discreta...

— Negativo. Já usei todas as formas discretas que podia. Falei com você, expliquei, avisei. Nada. Você fazia de conta que nada tinha a ver com o assunto. Minha paciência foi se esgotando, até que não me restou outro recurso: vou ficar aqui, carregando este cartaz, até você saldar sua dívida.

Neste momento começou a chover.

— Você vai se molhar — advertiu ela. — Vai acabar ficando doente. Ele riu, amargo:

— E daí? Se você está preocupada com minha saúde, pague o que deve.
 — Posso lhe dar um guarda-chuva...
 — Não quero. Tenho de carregar o cartaz, não um guarda-chuva. Ela agora estava irritada:
 — Acabe com isso, Aristides, e venha para dentro. Afinal, você é meu marido, você mora aqui.

— Sou seu marido — retrucou ele — e você é minha mulher, mas eu sou cobrador profissional e você é devedora. Eu avisei: não compre essa geladeira, eu não ganho o suficiente para pagar as prestações. Mas não, você não me ouviu. E agora o pessoal lá da empresa de cobrança quer o dinheiro. O que quer você que eu faça? Que perca meu emprego? De jeito nenhum. Vou ficar aqui até você cumprir sua obrigação.

Chovia mais forte, agora. Borrada, a inscrição tornara-se ilegível. A ele, isso pouco importava: continuava andando de um lado para outro, diante da casa, carregando o seu cartaz.

O imaginário cotidiano. São Paulo: Global, 2001

Agora, pontue a crônica “Cobrança” substituindo os espaços pela pontuação adequada.

Ela abriu a janela e ali estava ele _____ diante da casa _____ caminhando de um lado para outro _____ Carregava um cartaz _____ cujos dizeres atraíam a atenção dos passantes _____ Aqui mora uma devedora inadimplente _____
 _____ Você não pode fazer isso comigo _____ protestou ela _____
 _____ Claro que posso _____ replicou ele _____ Você comprou _____ não pagou _____ Você é uma devedora inadimplente _____ E eu sou cobrador _____ Por diversas vezes tentei lhe cobrar _____ você não pagou. _____

a) Qual a pontuação usada para avisar que estou copiando algo? Onde você a usou? Por quê?

b) Quando foi usado o travessão? Em que espaço ele está posicionado? (encostado à margem ou alinhado com o parágrafo anterior). Explique.

c) Algumas vezes surgiram travessões no meio do parágrafo. O que isso significa? Explique.

d) Pinte nas falas apenas o que é fala de personagem

e) As reticências indicam que _____

f) As palavras “diante da casa” está entre vírgulas porque é um _____ de lugar, ou seja, esses elementos devem estar separados do resto da oração por _____

g) Os dois-pontos foram usados em qual momento? Explique suas observações.

h) Elabore uma regra para cada pontuação a seguir, usando como exemplo o texto e as respostas acima:

SINAL	NOME	REGRA	EXEMPLO
—	Travessão		
:	Dois-pontos		
“ “	Aspas		

7. PRODUÇÃO FINAL

Após os estudos realizados com o gênero Crônica, percebemos as seguintes características:

- Poucos personagens
- Tempo e espaço reduzido
- Narração em primeira ou terceira pessoa

Pensando nesses aspectos e outros como ortografia, pontuação, paragrafação e coerência, produza uma crônica pensando na seguinte situação: Multa de desperdício de água divide opinião de moradores.

GRADE DE CORREÇÃO

	Sim	Parcialmente	Plenamente
O texto está de acordo com o tema proposto?			
Apresenta um título sugestivo e adequado à história?			
Apresenta sequência de ações?			
Apresenta um momento ou uma ação inesperada?			
O tempo e o local obedecem as características do gênero?			
Há parágrafos separados por assuntos e organizados em sequência?			
A pontuação obedece a norma padrão?			
A ortografia está adequada?			
Apresenta repetição de palavras?			
A concordância está adequada?			

SEQUÊNCIAS COMPLEMENTARES

SEQUÊNCIA DIDÁTICA

Gênero Textual: CONTO DE AMOR

BOLELLI, Elisângela

SILVA, Maria Soneide da

MARINS, Lucília R.

Tempo de duração: 24 aulas

Conteúdos: características do gênero, estrutura composicional do conto, elementos da narrativa (tempo, espaço, personagens, enredo, conflito).

Materiais necessários: cópias dos textos selecionados, livros didáticos e paradidáticos, folhas de sulfite, cartolina.

EXPECTATIVAS DE APRENDIZAGEM

- 1) Observar e analisar as partes que compõem a construção do conto;
- 2) Analisar e produzir o gênero, observando o contexto de produção (interlocutores, finalidade, suporte e circulação do texto);
- 3) Ler diferentes textos para apreciação de uma boa leitura;
- 4) Aprimorar a leitura, observando a entonação e a pontuação;
- 5) Desenvolver habilidades de leitura para compreensão de textos.
- 6) Conhecer e analisar as partes que compõem a construção do conto.
- 7) Ampliar o vocabulário, através do emprego de palavras sinônimas;
- 8) Entender e produzir contos, explorando os elementos da narrativa;
- 9) Produzir contos de amor, seguindo suas características composicionais;
- 10) Apropriar-se da pontuação empregada na produção do gênero;

1. APRESENTAÇÃO INICIAL

Prezado aluno,

Desde pequeninos ouvimos histórias contadas por alguém, seja por familiares, amigos, e uma grande parte delas pelos livros. Quem não conhece a história de A bela Adormecida, Cinderela, entre tantas outras, não é verdade?

E quando falamos sobre elas, lembramo-nos de alguns elementos que já são do nosso conhecimento, isto é, sabemos que são contadas por alguém, que acontecem em um determinado lugar e com algumas pessoas, entre outros aspectos. Há também aquele do qual não podemos nunca nos esquecer: o fato de que toda história pertence a uma modalidade de texto – o chamado texto narrativo, ou seja, está relacionado com o ato de narrar, relatar sobre um determinado assunto. Entre os tipos de textos que representam esta modalidade está o conto, que se caracteriza por ser uma narrativa curta, no qual o espaço e o tempo são reduzidos, com também, apresenta poucos personagens.

O amor é um sentimento universal e você já deve ter se emocionado ao ouvir ou ler histórias que apresentam formas de despertar sentimentos, emoções, desejos e sonhos que lhe levaram a fantasiar os possíveis finais que cada história poderia apresentar, os amores que ficaram marcados de tal forma que são contados repetidas vezes como forma de vivenciar esse sentimento eterno.

Nesse bimestre, convidamos você para viajar e se emocionar com essas narrativas amorosas. Ao final de nosso projeto, realizaremos uma tarde bem legal que será apresentada a toda comunidade escolar e aos seus familiares: uma coletânea de contos. Fica nosso “Convite” e de Carlos Drummond de Andrade, afinal...

**O amor é grande e cabe nesta janela sobre o mar.
O mar é grande e cabe na cama e no colchão de amar.
O amor é grande e cabe no breve espaço de beijar**



VAMOS VIAJAR PARA O MUNDO DOS CONTOS DE AMOR?

2. RECONHECIMENTO DO GÊNERO TEXTUAL

Professor (a),

Para dar início ao estudo do “Conto de amor”, selecione alguns livros didáticos e paradidáticos que contenham exemplares de textos desse gênero textual. Você pode também trazer para a sala de aula contos de amor publicados em outros suportes como internet, CDS, etc. Se preferir, você pode levar os alunos para a biblioteca e/ou laboratório de informática. Proponha que os alunos escolham e façam a leitura de diferentes contos de amor. Em seguida, organize a sala em círculo e questione-os a respeito das características desse gênero textual. Após essa discussão, elabore um cartaz com as principais características observadas pelos alunos e deixe-o afixado na sala para consultas posteriores.

Antes de aceitar o “Convite” de Carlos Drummond de Andrade, você vai ler diferentes contos. Leia-os com atenção procurando identificar as semelhanças e diferenças existentes entre eles. Depois, escolha o que mais você gostou e analise-o detalhadamente de acordo com as questões abaixo:

- 1) Quem escreveu o conto que você leu? Além do nome do autor, há mais informações sobre ele?
- 2) Para quem o conto foi escrito?
- 3) Onde esses textos foram publicados?
- 4) Que assuntos podem ser abordados nos contos?
- 5) Como esse gênero textual é estruturado?
- 6) Quais assuntos circulam em poemas?
- 7) Há palavras que você desconhece o significado?
- 8) A linguagem utilizada é formal ou informal? Está adequada ao público a que se destina?
- 9) As palavras têm sentido denotativo (real) ou conotativo (figurado)?
- 10) O que mais lhe agradou no conto escolhido?

Onde os oceanos se encontram

Por Marina Colasanti

Onde todos os oceanos se encontram, aflora uma pequena ilha. Ali, desde sempre viviam Lânia e Lisíope, ninfas irmãs que a serviço do mar. Que no manso regaço da praia, vinha depositar seus afogados. Cabia a Lânia, a mais forte, tirá-los da arrebenção. Cabia a Lisíope, a mais delicada, lavá-los com água doce de fonte, envolvê-los nos lençóis de linho que ambas haviam tecido. Cabia a ambas devolvê-lo são ao mar para sempre.

E na tarefa que nunca se esgotava, passavam as irmãs seus dias de poucas palavras.

Foi num desses dias que Lânia viu um corpo e foi retirá-lo. Viu que era um homem jovem e bonito. Apaixonou-se perdidamente e decidiu não devolver o morto ao mar. Foi a língua de pedra estreita e cortante que avançava mar adentro e chamou a Morte pedindo a ela vida ao homem. A Morte concordou dizendo que quando a maré subisse e tocasse com a primeira espuma seus cabelos, ele viveria. E assim ocorreu.

Só que ao abrir os olhos o homem sorriu e se apaixonou por Lisíope, sua irmã. Argumentos, choradeiras, nada demoveu o casal de amantes. Desesperada, Lânia foi falar com a Morte e pediu para ela levar Lisíope e deixasse o homem e ela a sós. E nada mais queria. A Morte concordou dizendo que Lisíope deveria deitar com os pés voltados para o mar, na areia da praia.

Quando, o primeiro beijo de sal a aflorasse, ela o levaria. Feito isso, a ninfa seduziu a irmã até a praia e preparou-lhe a cama numa noite de luar, noite quente e perfumada. Escondeu-se numa árvore e esperou. Só que o mar estava calmo e demorou a fazer ondas. Lânia dormiu atrás da árvore. E o moço dormiu ali perto, acordando com um raio de luar e procurando Lisíope. Viu-a na praia, foi ao seu lado e não querendo acordá-la, deitou-se ao seu lado e abraçou-a.

Lânia acordou com o dia claro e viu o travesseiro abandonado, o lençol flutuando ao longe. E nenhum sinal da irmã. Contenta, foi conferir. Mas não correu muito. Diante de seus passos, estampada na areia, deparou-se com a forma de dois corpos deitados lado a lado. A maré já havia apagado os pés, breve chegaria à cintura. Mas na areia molhada a marca das mãos se mantinha unida, como se à espera das ondas que subiam.

Conto de verão nº 2: Bandeira Branca

Ele: tirolês. Ela: odalisca. Eram de culturas muito diferentes, não podia dar certo. Mas tinham só quatro anos e se entenderam. No mundo dos quatro anos todos se entendem, de um jeito ou de outro. Em vez de dançarem, pularem e entrarem no cordão, resistiram a todos os apelos desesperados das mães e ficaram sentados no chão, fazendo um montinho de confete, serpentina e poeira, até serem arrastados para casa, sob ameaças de jamais serem levados a outro baile de Carnaval.

Encontraram-se de novo no baile infantil do clube, no ano seguinte. Ele com o mesmo tirolês, agora apertado nos fundilhos, ela de egípcia. Tentaram recomeçar o montinho, mas dessa

vez as mães reagiram e os dois foram obrigados a dançar, pular e entrar no cordão, sob ameaça de levarem uns tapas. Passaram o tempo todo de mãos dadas. Só no terceiro Carnaval se falaram.

- Como é teu nome?

- Janice. E o teu?

- Píndaro.

- O quê?!

- Píndaro.

- Que nome!

Ele de legionário romano, ela de índia americana.

Só no sétimo baile (pirata, chinesa) desvendaram o mistério de só se encontrarem no Carnaval e nunca se encontrarem no clube, no resto do ano. Ela morava no interior, vinha visitar uma tia no Carnaval, a tia é que era sócia.

- Ah.

Foi o ano em que ele preferiu ficar com a sua turma tentando encher a boca das meninas de confete, e ela ficou na mesa, brigando com a mãe, se recusando a brincar, o queixo enterrado na gola alta do vestido de imperadora. Mas quase no fim do baile, na hora do Bandeira Branca, ele veio e a puxou pelo braço, e os dois foram para o meio do salão, abraçados. E, quando se despediram, ela o beijou na face, disse:

-Até o Carnaval que vem- e saiu correndo.

No baile do ano em que fizeram 13 anos, pela primeira vez as fantasias dos dois combinaram. Toureiro e bailarina espanhola. Formavam um casal! Beijaram-se muito, quando as mães não estavam olhando. Até na boca. Na hora da despedida, ele pediu:

- Me dá alguma coisa.

- O quê?

- Qualquer coisa.

- O leque. O leque da bailarina.

Ela diria para a mãe que o tinha perdido no salão. Divisor Horizontal Clássico.

No ano seguinte, ela não apareceu no baile. Ele ficou o tempo todo à procura, um havaiano desconsolado. Não sabia nem como perguntar por ela. Não conhecia a tal tia. Passara um ano inteiro pensando nela, às vezes tirando o leque do seu esconderijo para cheirá-lo, antegozando o momento de encontrá-la outra vez no baile. E ela não apareceu. Marcelão, o mau elemento da sua turma, tinha levado gim para misturar com o guaraná. Ele bebeu demais. Teve que ser carregado para casa.

Acordou na sua cama sem lençol, que estava sendo lavado. O que acontecera?

- Você vomitou a alma – disse a mãe.

Era exatamente como se sentia. Como alguém que vomitara a alma e nunca a teria de volta. Nunca. Nem o leque tinha mais o cheiro dela.

Mas, no ano seguinte, ele foi ao baile dos adultos no clube – e lá estava ela! Quinze anos. Uma moça. [...]. Uma fantasia indefinida.

- Sei lá. Bávara tropical – disse ela, rindo.

Estava diferente. Não era só o corpo. Menos tímida, o riso mais alto. Contou que faltara no ano anterior porque a avó morrera, logo no Carnaval.

- E aquela bailarina espanhola? – Nem me fala. E o toureiro? – Aposentado.

A fantasia dele era de nada. Camisa florida, bermuda, finalmente um brasileiro. Ela estava com um grupo. Primos, amigos dos primos. Todos vagamente bávaros. Quando ela o apresentou ao grupo, alguém disse:

–Píndaro?!- e todos caíram na risada.

Ele viu que ela estava rindo também. Deu uma desculpa e afastou-se. Foi procurar o Marcelão. O Marcelão anunciara que levaria várias garrafas presas nas pernas, escondidas sob as calças da fantasia de sultão. O Marcelão tinha o que ele precisava para encher o buraco deixado pela alma. Quinze anos, pensou ele, e já estou perdendo todas as ilusões da vida, começando pelo Carnaval. Não devo chegar aos 30, pelo menos não inteiro. Passou todo o baile encostado numa coluna adornada, bebendo o guaraná clandestino do Marcelão, vendo-a passar abraçada com uma sucessão de primos e amigos de primos, principalmente um halterofilista, certamente burro, talvez até criminoso, que reduzira sua fantasia a um par de calças curtas de couro. Pensou em dizer alguma coisa, mas só o que lhe ocorreu dizer foi -pelo menos o meu tirolês era autêntico- e desistiu. Mas, quando a banda começou a tocar Bandeira Branca e ele se dirigiu para a saída, tonto e amargurado, sentiu que alguém o pegava pela mão, virou-se e era ela. Era ela, meu Deus, puxando-o para o salão. Ela enlaçando-o com os dois braços para dançarem assim, ela dizendo -não vale, você cresceu mais do que eu- e encostando a cabeça no seu ombro. Ela encostando a cabeça no seu ombro. Divisor Horizontal Clássico.

Encontraram-se de novo 15 anos depois. Aliás, neste Carnaval. Por acaso, num aeroporto. Ela desembarcando, a caminho do interior, para visitar a mãe. Ele embarcando para encontrar os filhos no Rio. Ela disse:

- Quase não reconheci você sem fantasias.

Ele custou a reconhecê-la. Ela estava gorda, nunca a reconheceria, muito menos de bailarina espanhola. A última coisa que ele lhe dissera fora:

- Preciso te dizer uma coisa.

E ela dissera:

- No Carnaval que vem, no Carnaval que vem.

E no Carnaval seguinte ela não aparecera, ela nunca mais aparecera. Explicou que o pai tinha sido transferido para outro estado, sabe como é, Banco do Brasil, e como ela não tinha o endereço dele, como não sabia nem o sobrenome dele e, mesmo, não teria onde tomar nota na fantasia de falsa bávara-

- O que você ia me dizer, no outro Carnaval? – perguntou ela. – Esqueci – mentiu ele.

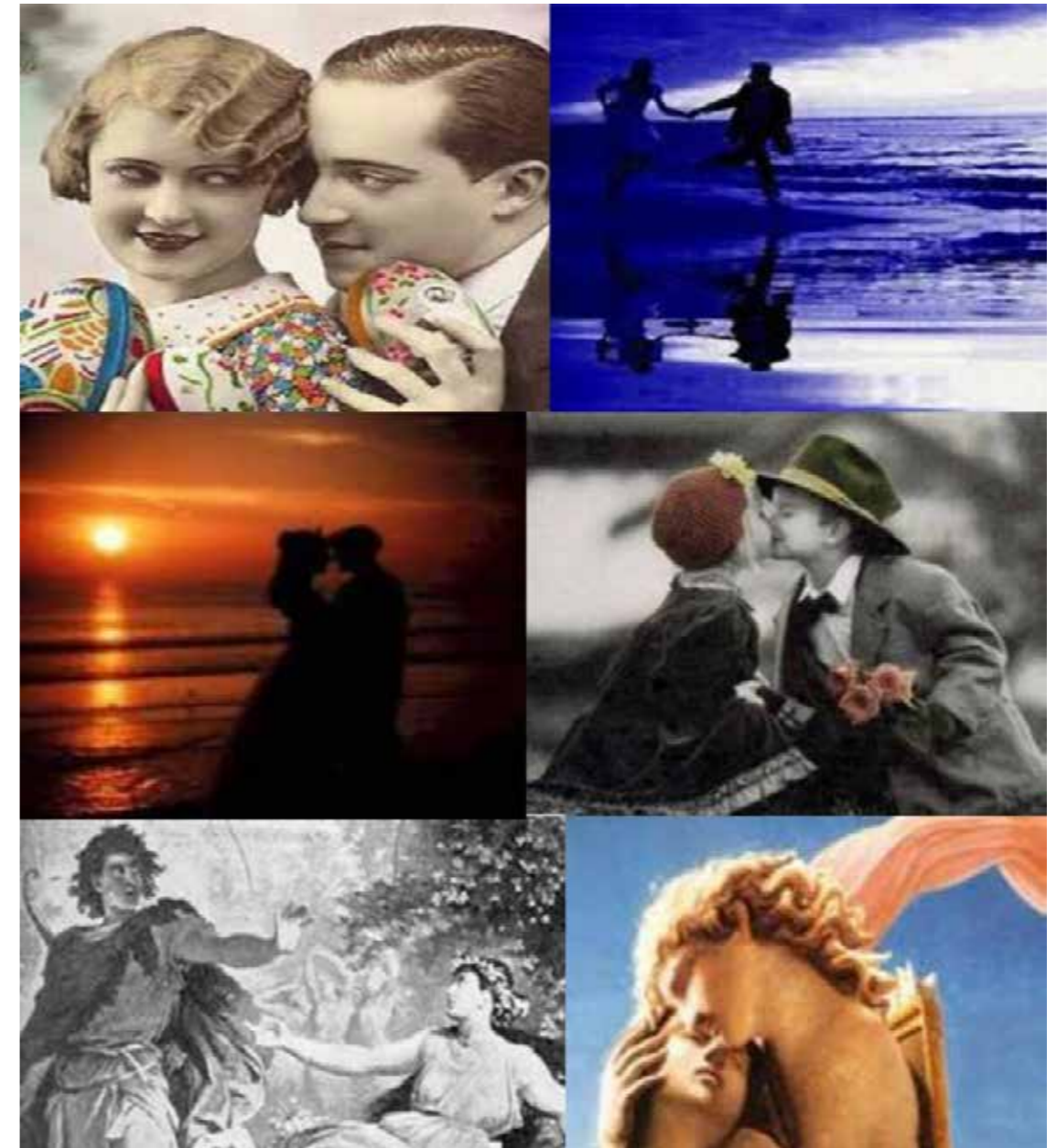
Trocaram informações. Os dois casaram, mas ele já se separou. Os filhos dele moram no Rio, com a mãe. Ela, o marido e a filha moram em Curitiba, o marido também é do Banco do Brasil. E a todas essas ele pensando: digo ou não digo que aquele foi o momento mais feliz da minha vida, Bandeira Branca, a cabeça dela no meu ombro, e que todo o resto da minha vida será apenas o resto da minha vida? E ela pensando: como é mesmo o nome dele? Péricles. Será Péricles? Ele: digo ou não digo que não cheguei mesmo inteiro aos 30, e que ainda tenho o leque? Ela: Petrarco. Pôncio. Ptolomeu.

Lúis Fernando Veríssimo --In.: 13 dos Melhores Contos de Amor da Literatura Brasileira

Após ter observado algumas características sobre o gênero “Conto de amor”, discuta com os colegas suas respostas. A seguir, elabore com a ajuda de seu professor e colegas, um cartaz para ser afixado na sala onde constem as principais características desse gênero de texto.

3. PROPOSTA DE PRODUÇÃO INICIAL

As imagens de enamorados retratam momentos de ternura, carinho, cenas alegres e inesquecíveis e nos remetem às histórias de amores universais, como o amor vivido por Romeu e Julieta, A Dama e o Vagabundo, A Bela e a Fera e muitos outros. Observe as imagens abaixo:



DIFERENTES OLHARES

Nem precisou abrir. O moço meteu a mão na maçaneta, tirou o chapéu de pluma, e foi entrando em sua vida.

Aquela noite, deitada no ombro dele, a moça pensou nos lindos filhos que teceria para aumentar ainda mais a sua felicidade.

E feliz foi, durante algum tempo. Mas se o homem tinha pensado em filhos, logo os esqueceu porque tinha descoberto o poder do tear, em nada mais pensou a não ser nas coisas todas que ele poderia lhe dar.

— Uma casa melhor é necessária — disse para a mulher. E parecia justo, agora que eram dois. Exigiu que escolhesse as mais belas lãs cor de tijolo, fios verdes para os batentes, e pressa para a casa acontecer.

Mas pronta a casa, já não lhe pareceu suficiente.

— Para que ter casa, se podemos ter palácio? — perguntou. Sem querer resposta imediatamente ordenou que fosse de pedra com arremates em prata.

Dias e dias, semanas e meses trabalhou a moça tecendo tetos e portas, e pátios e escadas, e salas e poços. A neve caía lá fora, e ela não tinha tempo para chamar o sol. A noite chegava, e ela não tinha tempo para arrematar o dia. Tecia e entristecia, enquanto sem parar batiam os pentes acompanhando o ritmo da lançadeira.

Afinal o palácio ficou pronto. E entre tantos cômodos, o marido escolheu para ela e seu tear o mais alto quarto da mais alta torre.

— É para que ninguém saiba do tapete — ele disse. E antes de trancar a porta à chave, advertiu: — Faltam as estrebarias. E não se esqueça dos cavalos!

Sem descanso tecia a mulher os caprichos do marido, enchendo o palácio de luxos, os cofres de moedas, as salas de criados. Tecer era tudo o que fazia. Tecer era tudo o que queria fazer.

E tecendo, ela própria trouxe o tempo em que sua tristeza lhe pareceu maior que o palácio com todos os seus tesouros. E pela primeira vez pensou em como seria bom estar sozinha de novo.

Só esperou anoitecer. Levantou-se enquanto o marido dormia sonhando com novas exigências. E descalça, para não fazer barulho, subiu a longa escada da torre, sentou-se ao tear.

Desta vez não precisou escolher linha nenhuma. Segurou a lançadeira ao contrário, e jogando-a veloz de um lado para o outro, começou a desfazer seu tecido.



Desteceu os cavalos, as carruagens, as estrebarias, os jardins. Depois desteceu os criados e o palácio e todas as maravilhas que continha. E novamente se viu na sua casa pequena e sorriu para o jardim além da janela.

A noite acabava quando o marido estranhando a cama dura, acordou, e, espantado, olhou em volta. Não teve tempo de se levantar. Ela já desfazia o desenho escuro dos sapatos, e ele viu seus pés desaparecendo, sumindo as pernas. Rápido, o nada subiu-lhe pelo corpo, tomou o peito apumado, o emplumado chapéu.

Então, como se ouvisse a chegada do sol, a moça escolheu uma linha clara. E foi passando-a devagar entre os fios, delicado traço de luz, que a manhã repetiu na linha do horizonte.

UNS BRAÇOS Por Marina Colasanti

Inácio estremeceu, ouvindo os gritos do solicitador, recebeu o prato que este lhe apresentava e tratou de comer, debaixo de uma trovoadade nomes, malandro, cabeça de vento, estúpido, maluco.

- Onde anda que nunca ouve o que lhe digo? Hei de contar tudo a seu pai, para que lhe sacuda a preguiça do corpo com uma boa vara de marmelo, ou um pau; sim, ainda pode apanhar, não pense que não. Estúpido! Maluco!

- Olhe que lá fora é isto mesmo que você vê aqui, continuou, voltando-se para D. Severina, senhora que vivia com ele maritalmente, há anos. Confunde-me os papéis todos, erra as casas, vai a um escrivão em vez de ir a outro, troca os advogados: é o diabo! É o tal sono pesado e contínuo. De manhã é o que se vê; primeiro que acorde é preciso quebrar-lhe os ossos... Deixe; amanhã hei de acordá-lo a pau de vassoura!

D. Severina tocou-lhe no pé, como pedindo que acabasse. Borges espeitorou ainda alguns improperios, e ficou em paz com Deus e os homens.

Não digo que ficou em paz com os meninos, porque o nosso Inácio não era propriamente menino. Tinha quinze anos feitos e bem feitos. Cabeça inculta, mas bela, olhos de rapaz que sonha, que adivinha, que indaga, que quer saber e não acaba de saber nada. Tudo isso posto sobre um corpo não destituído de graça, ainda que mal vestido. O pai é barbeiro na Cidade Nova, e pô-lo de agente, escrevente, ou que quer que era, do solicitador Borges, com esperança de vê-lo no foro, porque lhe parecia que os procuradores de causas ganhavam muito. Passava-se isto na Rua da Lapa, em 1870.

Durante alguns minutos não se ouviu mais que o tinir dos talheres e o ruído da mastigação. Borges abarrotava-se de alface e vaca; interrompia-se para virgular a oração com um golpe de vinho e continuava logo calado.

Inácio ia comendo devagarinho, não ousando levantar os olhos do prato, nem para colocá-los onde eles estavam no momento em que o terrível Borges o descompôs. Verdade é que seria agora muito arriscado. Nunca ele pôs os olhos nos braços de D. Severina que se não esquecesse de si e de tudo.

Também a culpa era antes de D. Severina em trazê-los assim nus, constantemente. Usava mangas curtas em todos os vestidos de casa, meio palmo abaixo do ombro; dali em diante ficavam-lhe os braços à mostra. Na verdade, eram belos e cheios, em harmonia com a dona, que era antes grossa que fina, e não perdiam a cor nem a maciez por viverem ao ar; mas é justo explicar que ela os não trazia assim por faceira, senão porque já gastara todos os vestidos de mangas compridas. De pé, era muito vistosa; andando, tinha meneios engraçados; ele, entretanto, quase que só a via à mesa, onde, além dos braços, mal poderia mirar-lhe o busto. Não se pode dizer que era bonita; mas também não era feia. Nenhum adorno; o próprio penteado consta de mui pouco; alisou os cabelos, apanhou-os, atou-os e fixou-os no alto da cabeça com o pente de tartaruga que a mãe lhe deixou. Ao pescoço, um lenço escuro, nas orelhas, nada. Tudo isso com vinte e sete anos floridos e sólidos.

Acabaram de jantar. Borges, vindo o café, tirou quatro charutos da algibeira, comparou-os, apertou-os entre os dedos, escolheu um e guardou os restantes. Aceso o charuto, fincou os cotovelos na mesa e falou a D. Severina de trinta mil coisas que não interessavam nada ao nosso Inácio; mas enquanto falava, não o descompunha e ele podia devanear à larga.

Inácio demorou o café o mais que pôde. Entre um e outro gole alisava a toalha, arrancava dos dedos pedacinhos de pele imaginários ou passava os olhos pelos quadros da sala de jantar, que eram dois, um S. Pedro e um S. João, registros trazidos de festas encaixilhados em casa. Vá que disfarçasse com S. João, cuja cabeça moça alegre as imaginações católicas, mas com o austero S. Pedro era demais. A única defesa do moço Inácio é que ele não via nem um nem outro; passava os olhos por ali como por nada. Via só os braços de D. Severina, - ou porque sorratamente olhasse para eles, ou porque andasse com eles impressos na memória.

-Homem, você não acaba mais? - bradou de repente o solicitador.

Não havia remédio; Inácio bebeu a última gota, já fria, e retirou-se, como de costume, para o seu quarto, nos fundos da casa. Entrando, fez um gesto de zanga e desespero e foi depois encostar-se a uma das duas janelas que davam para o mar. Cinco minutos depois, a vista das águas próximas e das montanhas ao longe restituía-lhe o sentimento confuso, vago, inquieto, que lhe doía e fazia bem, alguma coisa que deve sentir a planta, quando abotoa a primeira flor. Tinha vontade de ir embora e de ficar. Havia cinco semanas que ali morava e a vida era sempre a mesma, sair de manhã com o Borges, andar por audiências e cartórios, correndo, levando papéis ao selo, ao distribuidor, aos escrivães, aos oficiais de justiça. Voltava à tarde, jantava e recolhia-se ao quarto, até a hora da ceia; ceava e ia dormir. Borges não lhe dava intimidade na família, que se compunha apenas de D.

Severina, nem Inácio a via mais de três vezes por dia, durante as refeições. Cinco semanas de solidão, de trabalho sem gosto, longe da mãe e das irmãs; cinco semanas de silêncio, porque ele só falava uma ou outra vez na rua; em casa, nada.

-Deixe estar, - pensou ele um dia - fujo daqui e não volto mais.

Não foi; sentiu-se agarrado e acorrentado pelos braços de D. Severina. Nunca vira outros tão bonitos e tão frescos. A educação que tivera não lhe permitia encará-los logo abertamente, parece até que a princípio afastava os olhos, vexado. Encarou-os pouco a pouco, ao ver que eles não tinham outras mangas, e assim os foi descobrindo, mirando e amando. No fim de três semanas eram eles, moralmente falando, as suas tendas de repouso. Agüentava toda a trabalhadeira de fora toda a melancolia da solidão e do silêncio, toda a grosseria do patrão, pela única paga de ver, três vezes por dia, o famoso par de braços.

Naquele dia, enquanto a noite ia caindo e Inácio estirava-se na rede (não tinha ali outra cama), D. Severina, na sala da frente, recapitulava o episódio do jantar e, pela primeira vez, desconfiou alguma coisa. Rejeitou a ideia logo, uma criança! Mas há ideias que são da família das moscas teimosas: por mais que a gente as sacuda, elas tornam e pousam. Criança? Tinha quinze anos; e ela advertiu que entre o nariz e a boca do rapaz havia um princípio de rascunho de buço. Que admira que começasse a amar? E não era ela bonita? Esta outra ideia não foi rejeitada, antes afagada e beijada. E recordou então os modos dele, os esquecimentos, as distrações, e mais um incidente, e mais outro, tudo eram sintomas, e concluiu que sim.

-Que é que você tem? - disse-lhe o solicitador, estirado no canapé, ao cabo de alguns minutos de pausa.

-Não tenho nada.

-Nada? Parece que cá em casa anda tudo dormindo! Deixem estar, que eu sei de um bom remédio para tirar o sono aos dorminhocos...

E foi por ali, no mesmo tom zangado, fuzilando ameaças, mas realmente incapaz de as cumprir, pois era antes grosseiro que mau. D. Severina interrompia-o que não, que era engano, não estava dormindo, estava pensando na comadre Fortunata. Não a visitavam desde o Natal; por que não iriam lá uma daquelas noites? Borges redarguia que andava cansado, trabalhava como um negro, não estava para visitas de palavra, e descompôs a comadre, descompôs o compadre, descompôs o afilhado, que não ia ao colégio, com dez anos! Ele, Borges, com dez anos, já sabia ler, escrever e contar, não muito bem, é certo, mas sabia. Dez anos! Havia de ter um bonito fim: - vadio, e o côvado e meio nas costas. A tarimba é que viria ensiná-lo.

D. Severina apaziguava-o com desculpas, a pobreza da comadre, o caiporismo do compadre, e fazia-lhe carinhos, a medo, que eles podiam irritá-lo mais. A noite caíra de todo; ela ouviu o *tllic* do lampião do gás da rua, que acabavam de acender, e viu o clarão dele nas janelas da casa fronteira.

Borges, cansado do dia, pois era realmente um trabalhador de primeira ordem, foi fechando os olhos e pegando no sono, e deixou-a só na sala, às escuras, consigo e com a descoberta que acaba de fazer.

Tudo parecia dizer à dama que era verdade; mas essa verdade, desfeita a impressão do assombro, trouxe-lhe uma complicação moral que ela só conheceu pelos efeitos, não achando meio de discernir o que era. Não podia entender-se nem equilibrar-se, chegou a pensar em dizer tudo ao solicitador, e ele que mandasse embora o fedelho. Mas que era tudo? Aqui estacou: realmente, não havia mais que suposição, coincidência e possivelmente ilusão. Não, não, ilusão não era. E logo recolhia os indícios vagos, as atitudes do mocinho, o acanhamento, as distrações, para rejeitar a ideia de estar enganada. Daí a pouco, (capciosa natureza!) refletindo que seria mau acusá-lo sem fundamento, admitiu que se iludisse, para o único fim de observá-lo melhor e averiguar bem a realidade das coisas.

Já nessa noite, D. Severina mirava por baixo dos olhos os gestos de Inácio; não chegou a achar nada, porque o tempo do chá era curto e o rapazinho não tirou os olhos da xícara. No dia seguinte, pôde observar melhor, e nos outros otimamente. Percebeu que sim, que era amada e temida, amor adolescente e virgem, retido pelos liames sociais e por um sentimento de inferioridade que o impedia de reconhecer-se a si mesmo. D. Severina compreendeu que não havia reçar nenhum desacato, e concluiu que o melhor era não dizer nada ao solicitador; poupava-lhe um desgosto, e outro à pobre criança. Já se persuadia bem que ele era criança, e assentou de o tratar tão secamente como até ali, ou ainda mais. E assim fez; Inácio começou a sentir que ela fugia com os olhos, ou falava áspero, quase tanto como o próprio Borges. De outras vezes, é verdade que o tom da voz saía brando e até meigo, muito meigo; assim como o olhar geralmente esquivo, tanto errava por outras partes, que, para descansar, vinha pousar na cabeça dele; mas tudo isso era curto.

-Vou-me embora, repetia ele na rua como nos primeiros dias.

Chegava a casa e não se ia embora. Os braços de D. Severina fechavam-lhe um parêntesis no meio do longo e fastidioso período da vida que levava, e essa oração intercalada trazia uma idéia original e profunda, inventada pelo céu unicamente para ele. Deixava-se estar e ia andando. Afinal, porém, teve de sair, e para nunca mais; eis aqui como e porquê.

D. Severina tratava-o desde alguns dias com benignidade. A rudeza da voz parecia acabada, e havia mais do que brandura, havia desvelo e carinho. Um dia recomendava-lhe que não apanhasse ar, outro que não bebesse água fria depois do café quente, conselhos, lembranças, cuidados de amiga e mãe, que lhe lançaram na alma ainda maior inquietação e confusão. Inácio chegou ao extremo de confiança de rir um dia à mesa, coisa que jamais fizera; e o solicitador não o tratou mal dessa vez, porque era ele que contava um caso engraçado, e ninguém pune a outro pelo aplauso que

recebe. Foi então que D. Severina viu que a boca do mocinho, graciosa estando calada, não o era menos quando ria.

A agitação de Inácio ia crescendo, sem que ele pudesse acalmar-se nem entender-se. Não estava bem em parte nenhuma. Acordava de noite, pensando em D. Severina. Na rua, trocava de esquinas, errava as portas, muito mais que dantes, e não via mulher, ao longe ou ao perto, que lha não trouxesse à memória. Ao entrar no corredor da casa, voltando do trabalho, sentia sempre algum alvoroço, às vezes grande, quando dava com ela no topo da escada, olhando através das grades de pau da cancela, como tendo acudido a ver quem era.

Um domingo, - nunca ele esqueceu esse domingo, - estava só no quarto, à janela, virado para o mar, que lhe falava a mesma linguagem obscura e nova de D. Severina. Divertia-se em olhar para as gaiotas, que faziam grandes giros no ar, ou pairavam em cima d'água, ou avoaçavam somente. O dia estava lindíssimo. Não era só um domingo cristão; era um imenso domingo universal.

Inácio passava-os todos ali no quarto ou à janela, ou relendo um dos três folhetos que trouxera consigo, contos de outros tempos, comprados a tostão, debaixo do passadiço do Largo do Paço. Eram duas horas da tarde. Estava cansado, dormira mal a noite, depois de haver andado muito na véspera; estirou-se na rede, pegou em um dos folhetos, a *Princesa Magalona*, e começou a ler. Nunca pôde entender por que é que todas as heroínas dessas velhas histórias tinham a mesma cara e talhe de D. Severina, mas a verdade é que os tinham. Ao cabo de meia hora, deixou cair o folheto e pôs os olhos na parede, donde, cinco minutos depois, viu sair a dama dos seus cuidados. O natural era que se espantasse; mas não se espantou. Embora com as pálpebras cerradas viu-a desprender-se de todo, parar, sorrir e andar para a rede. Era ela mesma, eram os seus mesmos braços.

É certo, porém, que D. Severina, tanto não podia sair da parede, dado que houvesse ali porta ou rasgão, que estava justamente na sala da frente ouvindo os passos do solicitador que descia as escadas. Ouviu-o descer; foi à janela vê-lo sair e só se recolheu quando ele se perdeu ao longe, no caminho da Rua das Mangueiras. Então entrou e foi sentar-se no canapé. Parecia fora do natural, inquieta, quase maluca; levantando-se, foi pegar na jarra que estava em cima do aparador e deixou-a no mesmo lugar; depois caminhou até à porta, deteve-se e voltou, ao que parece, sem plano. Sentou-se outra vez cinco ou dez minutos. De repente, lembrou-se que Inácio comera pouco ao almoço e tinha o ar abatido, e advertiu que podia estar doente; podia ser até que estivesse muito mal.

Saiu da sala, atravessou rasgadamente o corredor e foi até o quarto do mocinho, cuja porta achou escancarada. D. Severina parou, espiou, deu com ele na rede, dormindo, com o braço para fora e o folheto caído no chão. A cabeça inclinava-se um pouco do lado da porta, deixando ver os olhos fechados, os cabelos revoltos e um grande ar de riso e de beatitude.

D. Severina sentiu bater-lhe o coração com veemência e recuou. Sonhara de noite com ele; pode ser que ele estivesse sonhando com ela. Desde madrugada que a figura do mocinho andava-lhe

diante dos olhos como uma tentação diabólica. Recuou ainda, depois voltou, olhou dois, três, cinco minutos, ou mais. Parece que o sono dava à adolescência de Inácio uma expressão mais acentuada, quase feminina, quase pueril. Uma criança! disse ela a si mesma, naquela língua sem palavras que todos trazemos conosco. E esta ideia abateu-lhe o alvoroço do sangue e dissipou-lhe em parte a turvação dos sentidos.

-Uma criança!

E mirou-o lentamente, fartou-se de vê-lo, com a cabeça inclinada, o braço caído; mas, ao mesmo tempo que o achava criança, achava-o bonito, muito mais bonito que acordado, e uma dessas ideias corrigia ou corrompia a outra. De repente estremeceu e recuou assustada: ouvira um ruído ao pé, na saleta do engomado; foi ver, era um gato que deitara uma tigela ao chão. Voltando devagarinho a espia-lo, viu que dormia profundamente. Tinha o sono duro a criança! O rumor que a abalara tanto, não o fez sequer mudar de posição. E ela continuou a vê-lo dormir, - dormir e talvez sonhar.

Que não possamos ver os sonhos uns dos outros! D. Severina ter-se-ia visto a si mesma na imaginação do rapaz; ter-se-ia visto diante da rede, risonha e parada; depois inclinar-se, pegar-lhe nas mãos, levá-las ao peito, cruzando ali os braços, os famosos braços. Inácio, namorado deles, ainda assim ouvia as palavras dela, que eram lindas cálidas, principalmente novas, - ou, pelo menos, pertenciam a algum idioma que ele não conhecia, posto que o entendesse. Duas três e quatro vezes a figura esvaía-se, para tornar logo, vindo do mar ou de outra parte, entre gaivotas, ou atravessando o corredor com toda a graça robusta de que era capaz. E tornando, inclinava-se, pegava-lhe outra vez das mãos e cruzava ao peito os braços, até que inclinando-se, ainda mais, muito mais, abrochou os lábios e deixou-lhe um beijo na boca.

Aqui o sonho coincidiu com a realidade, e as mesmas bocas uniram-se na imaginação e fora dela. A diferença é que a visão não recuou, e a pessoa real tão depressa cumprira o gesto, como fugiu até à porta, vexada e medrosa. Dali passou à sala da frente, aturdida do que fizera, sem olhar fixamente para nada. Afiava o ouvido, ia até o fim do corredor, a ver se escutava algum rumor que lhe dissesse que ele acordara, e só depois de muito tempo é que o medo foi passando. Na verdade, a criança tinha o sono duro; nada lhe abria os olhos, nem os fracassos contíguos, nem os beijos de verdade. Mas, se o medo foi passando, o vexame ficou e cresceu. D. Severina não acabava de crer que fizesse aquilo; parece que embrulhara os seus desejos na ideia de que era uma criança namorada que ali estava sem consciência nem imputação; e, meia mãe, meia amiga, inclinara-se e beijara-o. Fosse como fosse, estava confusa, irritada, aborrecida mal consigo e mal com ele. O medo de que ele podia estar fingindo que dormia apontou-lhe na alma e deu-lhe um calafrio.

Mas a verdade é que dormiu ainda muito, e só acordou para jantar. Sentou-se à mesa lépido. Conquanto achasse D. Severina calada e severa e o solicitador tão ríspido como nos outros dias,

nem a rispidez de um, nem a severidade da outra podiam dissipar-lhe a visão graciosa que ainda trazia consigo, ou amortecer-lhe a sensação do beijo. Não reparou que D. Severina tinha um xale que lhe cobria os braços; reparou depois, na segunda-feira, e na terça-feira, também, e até sábado, que foi o dia em que Borges mandou dizer ao pai que não podia ficar com ele; e não o fez zangado, porque o tratou relativamente bem e ainda lhe disse à saída:

-Quando precisar de mim para alguma coisa, procure-me.

-Sim, senhor. A Sra. D. Severina...

-Está lá para o quarto, com muita dor de cabeça. Venha amanhã ou depois despedir-se dela.

Inácio saiu sem entender nada. Não entendia a despedida, nem a completa mudança de D. Severina, em relação a ele, nem o xale, nem nada. Estava tão bem! falava-lhe com tanta amizade! Como é que, de repente... Tanto pensou que acabou supondo de sua parte algum olhar indiscreto, alguma distração que a ofendera, não era outra coisa; e daqui a cara fechada e o xale que cobria os braços tão bonitos... Não importa; levava consigo o sabor do sonho. E através dos anos, por meio de outros amores, mais efetivos e longos, nenhuma sensação achou nunca igual à daquele domingo, na Rua da Lapa, quando ele tinha quinze anos. Ele mesmo exclama às vezes, sem saber que se engana:

-E foi um sonho! Um simples sonho!

Fonte: Contos Consagrados - Machado de Assis - Coleção Prestígio - Ediouro - s/d

A partir da leitura dos textos, responda as seguintes questões:

3) Quem escreveu esses contos? Pesquise, nas aulas de Cultura Digital, um pouco mais esses autores e registre no espaço abaixo:

4) Esses autores escrevem para públicos de qual faixa etária: crianças, jovens, adultos ou velhos?

3) Os contos “A moça tecelã” e “Uns braços” foram escritos para o mesmo tipo de público? Justifique sua resposta de acordo com o contexto dos textos.

4. O conto “ A moça tecelã” tem como objetivo:

- A – () informar sobre o amor adolescente
B – () divertir o interlocutor
C – () contar uma história de amor entre uma jovem tecelã e sua obra
D – () descrever a maneira como a personagem cria suas telas.

5. Ao escrever o conto “ Uns braços”, o autor teve o mesmo objetivo da autora que escreveu o conto “A moça tecelã” ? Justifique.

5. OS ASPECTOS DISCURSIVOS

Releia os dois textos de Marina Colasanti “A moça tecelã” e “Onde os oceanos se encontram”.

“O professor deverá disponibilizar cópias dos textos que serão relidos: “A Moça Tecelã” e “ Onde os oceanos se encontram”.

1) **Registre no espaço abaixo pelo menos cinco semelhanças entre o primeiro e o segundo texto:**

- 1ª. _____
2ª. _____
3ª. _____
4ª. _____
5ª. _____

2) **Escreva as diferenças entre os dois textos com relação aos aspectos abaixo:**

A - O comportamento das personagens nos dão pistas para inferirmos quais são suas principais características psicológicas. Liste, de cada um dos textos, essas características.

TEXTO 1	TEXTO 2

B – Em certas narrativas, encontramos o desfecho “juntos, foram felizes para sempre”. Esse desfecho se aplica ao texto “A moça tecelã”? Comente sua resposta.

SITUAÇÃO INICIAL

Em geral, os contos apresentam, em seu início, uma situação de tranquilidade que é quebrada por uma perda, uma falta (fato gerador) que vai desencadear um conflito (problema) a ser resolvido.

Leia abaixo a situação inicial do conto “Onde os oceanos se encontram”:

“Onde todos os oceanos se encontram, aflora uma ilha pequena. Ali, desde sempre, viviam Lânia e Lisíope, ninfas irmãs a serviço do mar que no manso regaço da praia, vinha depositar seus afogados...”

a) Qual é o fato gerador, que vai desencadear o conflito nessa situação inicial?

b) Onde o amor está presente nessa história? Como ele acontece?

TEMPO E LOCAL

1- Se você fosse escrever a história da sua vida, poderia especificar a data e o horário de seu nascimento. Nos contos de amor é possível fazer o mesmo?

2- Quais as características principais dos contos de amor?

3- Qual o cenário ideal para acontecer um conto de amor?

4- Observe essas palavras: **tecer – mar – olhar – baile – beijo**. O que esses elementos lembram? Quais deles ajudam os protagonistas? Quais atrapalham?

DESENVOLVIMENTO

1. Conforme você já estudou, geralmente, o enredo de um conto é constituído dos seguintes elementos: situação inicial, complicação, clímax e desfecho. Explique cada um deles.

SITUAÇÃO FINAL

1. Um romance complicado pode dar certo? Justifique sua resposta.

6. OS ASPECTOS LINGUÍSTICO-DISCURSIVOS

Já estudamos o contexto de produção e os aspectos discursivos do gênero conto de amor. Agora, é o momento de analisarmos como a linguagem funciona nesse gênero textual. Para isso, observe um trecho do “Conto de verão nº 2: Bandeira branca” de Luís Fernando Veríssimo:

“Só no terceiro Carnaval se falaram.

- Como é teu nome?

- Janice. E o teu? – Píndaro.

- O quê?!

- Píndaro.

- Que nome!

Ele de legionário romano, ela de índia americana.”

1- Nesse trecho podemos perceber tanto a fala das personagens quanto a voz do narrador.

a) Copie as falas das personagens e a voz do narrador.

b) Como foi possível identificar as vozes das personagens?

c) Que pontuação foi empregada para indicar a fala das personagens?

Tempos Verbais

Tomando-se como referência o momento em que se fala, a ação expressa pelo verbo pode ocorrer em diversos tempos.

Pretérito Imperfeito - Expressa um fato ocorrido num momento anterior ao atual, mas que não foi completamente terminado. **Por exemplo:** Ele **estudava** as lições quando foi interrompido.

Pretérito Perfeito- Expressa um fato ocorrido num momento anterior ao atual e que foi totalmente terminado. **Por exemplo:** Ele **estudou** as lições ontem à noite.

Pretérito-Mais-Que-Perfeito - Expressa um fato ocorrido antes de outro fato já terminado. **Por exemplo:** Ele já **tinha estudado** as lições quando os amigos chegaram. (forma composta)
Ele já **estudara** as lições quando os amigos chegaram. (forma simples)

3- No início do texto: “A moça tecelã” de Marina Colasanti, os verbos estão predominantemente no pretérito imperfeito (acordava, sentava-se, colocava, escolhia, dormia, etc.). A partir do desenvolvimento do texto, os verbos passam a predominar no pretérito perfeito (trouxe, sentiu, esperou, trabalhou, etc.). Qual a intenção do uso desse recurso?

4- No texto “A moça tecelã” há o uso do discurso direto e indireto. Recapitulando:

-Discurso é a prática humana de construir textos, sejam eles escritos ou orais. Em um texto narrativo, o autor pode optar por três tipos de discurso: o discurso direto, o discurso indireto e o discurso indireto livre. Não necessariamente estes três discursos estão separados, eles podem aparecer juntos em um texto. Dependerá de quem o produziu.

- **Discurso Direto:** Neste tipo de discurso as personagens ganham voz. É o que ocorre normalmente em diálogos. Isso permite que traços da fala e da personalidade das personagens sejam destacados e expostos no texto. O discurso direto reproduz fielmente as falas das personagens. Verbos como dizer, falar, perguntar, entre outros, servem para que as falas das personagens sejam introduzidas e elas ganhem vida, como em uma peça teatral. Travessões, dois pontos, aspas e exclamações são muito comuns durante a reprodução das falas.

- **Discurso Indireto:** O narrador conta a história e reproduz fala, e reações das personagens. É escrito normalmente em terceira pessoa. Nesse caso, o narrador se utiliza de palavras suas para reproduzir aquilo que foi dito pela personagem.

5- Identifique nos trechos abaixo qual tipo de discurso predomina:

a) Não esperou o dia seguinte. Com capricho de quem tenta uma coisa nunca conhecida, começou a entremear no tapete as lãs e as cores que lhe dariam companhia.

b) — É para que ninguém saiba do tapete — ele disse. E antes de trancar a porta à chave, advertiu: — Faltam as estrebarias. E não se esqueça dos cavalos!

c) E tecendo, ela própria trouxe o tempo em que sua tristeza lhe pareceu maior que o palácio com todos os seus tesouros. E pela primeira vez pensou em como seria bom estar sozinha de novo.

6- Leia o trecho do texto “A moça tecelã”, e retire dele dois verbos no imperativo.

— É para que ninguém saiba do tapete — ele disse. E antes de trancar a porta à chave, advertiu: — Faltam as estrebarias. E não se esqueça dos cavalos!

7- No trecho abaixo do texto “Onde os oceanos se encontram”, alguns trechos foram destacados. Observe-os e explique a que termo eles se referem:

“Onde todos os oceanos se encontram, aflora uma pequena ilha. Ali, desde sempre viviam Lânia e Lisíope, ninfas **irmãs** que a serviço do mar. Que no manso regaço da praia, vinha depositar seus afogados. Cabia a Lânia a mais forte, tirá-los da arrebentação. Cabia a Lisíope, a mais delicada, lavá-los com água doce de fonte, envolve-los nos lençóis de linho que **ambas** haviam tecido. Cabia a **ambas** devolvê-los ao mar para sempre.”

8- Podemos dizer que esse texto exprime, de modo figurado, algumas situações existenciais, como a necessidade de a mulher questionar seu modo de vida, romper determinados valores e repensar o relacionamento conjugal. Concorde ou discorde dessa declaração, defendendo seu ponto de vista.

Para que uma oração tenha significado, são necessários alguns termos básicos que são chamados de essenciais, indispensáveis, ou seja, que não podem faltar.

São eles: **sujeito e predicado.**

Sujeito: é o termo da oração sobre o qual se diz alguma coisa.

Ex: Maria fez faculdade de Letras.

Maria é o sujeito da oração, pois é a respeito dela que se diz algo.

Predicado: é tudo que se fala d o sujeito.

Ex: Todos nós precisamos de respeito

9. Agora leia as frases e identifique os termos entre sujeito e predicado

- A- Lânia viu um corpo e foi retirá-lo.
- B- O homem sorriu e se apaixonou por Lisíope.
- C- O mar estava calmo.
- D- A maré já havia apagado os pés.

LETRA	SUJEITO	PREDICADO
A		
B		
C		
D		

10 - A linguagem literária caracteriza-se por ser subjetiva e apresentar mais de um significado. Releia o conto “A moça tecelã”, tentando identificar alguns elementos expressivos, próprios da linguagem literária, utilizados pela autora como:

- a) o emprego de palavras, expressões ou frases repetidas;
 - b) a atribuição de atitudes humanas a seres inanimados;
 - c) a atribuição de cores para caracterizar o amanhecer, os fenômenos da natureza, a construção da casa.
-
-
-
-

PRODUÇÃO FINAL

Agora que você já observou as principais características do conto de amor, que tal você produzir um conto? Aborde nele o assunto que desejar desde que contenha os elementos do gênero: conto de amor.

Antes de começar a escrever, é importante pensar no enredo e na maneira como vai organizá-lo.

Para ajudá-lo na elaboração de sua produção, leia o enredo do conto “Metrô”:

No metrô, um rapaz vê, num trem paralelo ao que ocupava, uma antiga namorada, com quem havia perdido o contato. Tenta chegar até a moça, mas é impedido graças ao espaço em que se encontra (o vagão de um trem). Procura chamar a atenção da garota, fazendo-lhe gestos pela janela e até gritando seu nome. Apesar de todo o esforço, é infeliz na tentativa de ser notado. No trem ao lado, a moça coincidentemente conversa com uma pessoa sobre seu antigo e permanente amor (o rapaz). O trem começa a se locomover rumo à próxima estação, levando com ele a chance de reaproximação do casal.

Agora, elabore o enredo de seu texto. Ele deve apresentar a situação inicial, a complicação, o clímax e o desfecho. Depois, a partir desse enredo, produza seu conto definindo: o espaço e a época em que os fatos acontecem, o foco narrativo (1ª ou 3ª pessoa), ações encadeadas de forma coerente e organizada, linguagem adequada e recursos expressivos.

Para finalizar, crie um título especial.

Leia o seu conto de amor com cuidado, verificando se ele contém as características essenciais do gênero. Para isso, siga a grade de correção abaixo. Reescreva o seu conto se necessário alterando o que for preciso. Não se esqueça de que, ao final, realizaremos uma tarde bem legal que será apresentada a toda comunidade escolar e aos seus familiares: uma coletânea de contos.

GRADE DE CORREÇÃO DO GÊNERO CONTO DE AMOR

Avalie seu texto com base nos critérios a seguir:

CRITÉRIOS	SIM	DEVE MUDAR
1. O título está adequado ao conteúdo temático e ao gênero?		
2. O conto apresenta personagens centrais que vivem uma história de amor?		
3. Há diferença social, religiosa, étnica ou outra que justifique a oposição da família ou da sociedade?		
4. Existem personagens que compreendem aos poucos seu sentimento?		
5. Apresenta desfecho em que a vontade dos amantes pode vencer, com ou sem a ajuda de um acontecimento mágico?		
6. O texto está adequado às normas gramaticais?		

